

	A		José Nunes da Mata (<i>autor</i>)	
			Maria Luísa Malato António Barros (<i>eds.</i>)	
		L		I
M				E
História Autêntica do Planeta Marte				N
T	O	P	I	A

	A			
		L		I
M				E
				N
T	O	P	I	A

História Autêntica do Planeta Marte

José Nunes da Mata

Editado por
Maria Luísa Malato
António Barros

U.PORTO PRESS

Série Alimentopia

Título: História Autêntica do Planeta Marte

Autor: José Nunes da Mata

Edição: Maria Luísa Malato e António Barros

Coordenação Série Alimentopia: Fátima Vieira

Coleção Transversal – Série Alimentopia, n.º 12

1.ª Edição, Porto, novembro 2019

© U.Porto Press

Universidade do Porto

Praça Gomes Teixeira

4099-002 Porto

<http://up.pt/press>

Design: Miguel Praça

Impressão e acabamentos: Cultureprint CRL

ISBN: 978-989-746-248-1

e-ISBN: 978-989-746-249-8

Depósito Legal: 465698/19

As sociedades evoluem no sentido das perguntas que formulam. O projeto ALIMENTOPIA partiu da formulação de um conjunto de perguntas que convidam a uma abordagem crítica das sociedades, bem como da imaginação da forma como poderão evoluir, a partir do ponto de vista da alimentação. A Série ALIMENTOPIA, publicada pela U.Porto Press no âmbito da Coleção Transversal, propõe-se, nesse sentido, contribuir para a criação de uma história da literatura e da cultura focada na forma como as sociedades produzem, distribuem e preparam os seus alimentos, orientando a análise crítica pela consideração de indicadores de inclusão, desenvolvimento e sustentabilidade, aos mais variados níveis.

O Projeto Alimentopia / *Utopia, Alimentação e Futuro: o Modo de Pensar Utópico e a Construção de Sociedades Inclusivas - Um Contributo das Humanidades*, financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade - COMPETE 2020 (PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680), congregou 27 investigadores de diferentes áreas do conhecimento (Literatura, Cultura, Filosofia, Antropologia, Linguística, Ciências da Nutrição e Psiquiatria) num trabalho multidisciplinar que provou a pertinência da intersecção da área dos Estudos sobre a Utopia com a área dos Estudos sobre a Alimentação.

Nota dos Editores

A edição atual da *História Autêntica do Planeta Marte* tem por base a publicada em 1921, na Tipografia da Cooperativa Militar, por José Nunes da Mata, o seu autor. Impõe-se-nos, porém, uma retificação inicial: o nome de José Nunes da Mata, indubitavelmente o autor desta obra utópica, surgiu em 1921, na capa do livro, como tradutor, atribuindo ele a obra a um autor francês do século XVIII, Henri Montgolfier. Tal personagem-autor teria chegado a Marte num balão aerostático nos primórdios do século XIX e de lá tinha mandado um documento para ajudar os habitantes da Terra a ultrapassar os problemas que parecem afligir os terrestres desde sempre: a guerra, a fome e a doença. Tendo o documento sido recolhido por José Nunes da Mata em Guernsey, a 31 de janeiro de 1885, só viria a ser por ele supostamente traduzido e publicado em 1921, num contexto histórico europeu que lhe dava acrescida importância: as sequelas da guerra de 1914-1918. Há pois um jogo proposto entre José Nunes da Mata-autor verdadeiro e Henri Montgolfier-autor falso. José Nunes da Mata, ao apresentar-se como o primeiro leitor e o primeiro tradutor do texto de Henri Montgolfier, expressa com falsa ingenuidade o seu espanto perante tantas coincidências: o que Montgolfier narra (num livro metálico) sobre as reformas políticas feitas em Marte há incontáveis séculos é, afinal, o mesmo que ele próprio tinha proposto para Portugal, em muitos dos seus livros, durante as duas primeiras décadas do século XX. E para o provar, à medida que vai traduzindo o texto de Montgol-

fier, Mata vai citando, em nota, alguma bibliografia sua, a maior parte sobre o impacto da Ciência na Política, e da Política na Ciência.

Quem era este José Nunes da Mata? Se nos dias de hoje este nome é (quase) desconhecido, em 1921 era (quase) célebre, sobretudo nos meios políticos. Nascido na Sertã, a 2 de janeiro de 1849, falecido em Parede, Cascais, a 19 de janeiro de 1945, Mata foi ao longo da sua extensa vida um político republicano muito ativo, um deputado responsável por vários projetos legislativos, desde a Navegação marítima e aérea à proteção da Silvicultura e Apicultura. A atividade literária também não lhe era indiferente: autor de poemas e dramas de pendor dramático e épico, consta mesmo no conjunto de autores zurzidos por Almada Negreiros, no *Manifesto Anti-Dantas!* Um leitor de 1921 (o mesmo leitor que o reconheceria no *Manifesto* de Almada) acharia graça a esta suposta “tradução” de um projeto político em Marte, comentado com textos do prolixo José Nunes da Mata... Esse mesmo leitor entraria no jogo, fingindo também não saber destas suas atividades literárias. Sorriria desde logo perante tal fantasia utópica, até porque talvez reconhecesse aqui o velho tópico literário do “manuscrito encontrado”. Não esqueçamos que semelhante tópico é uma importante estratégia retórica em muitas utopias: o autor apaga-se para tornar verosímil um relato de um outro autor, que se vem depois a descobrir inverosímil, pois o mundo que relata é “demasiado perfeito”, “demasiado pacífico” para ser verdade. Em *História Autêntica* de Luciano de Samosata, de onde José Nunes da Mata retira o título do seu livro, Luciano também avisara o leitor da sua tendência para dizer mentiras. Na *Utopia* de Thomas Morus, o relato utópico é atribuído a Hitlodeu, um ignoto marinheiro português de que Morus se teria tornado mero confidente, e a etimologia grega do nome di-lo “narrador de bagatelas”. Criar e desvalorizar um narrador primitivo permite ao verdadeiro autor tomar uma posição crítica, que imagina também ser a do leitor de tais fantasias. Em *Somnium*, Kepler atribui o relato da Lua a um estudante que estava, afinal, a sonhar. Em *Um Homem na Lua*, Edgar A. Poe descreve a partida de um balão para a Lua no dia das mentiras, 1 de abril... E nesta *História Autêntica do Planeta Marte*, José Nunes da Mata comenta um texto por si

encontrado numa praia de Guernsey, terra de exilados, que comprova a eficácia das suas propostas “republicanas”, ditas, por outros políticos portugueses, muito fantasiosas. O leitor, ainda o leitor atual, vê-se na iminência de tomar o partido daquele ingénuo José Nunes da Mata, que se mostra tão surpreendido e tão incrédulo quanto ele.¹

Nesta presente edição, a indicação do verdadeiro nome do autor na capa (José Nunes da Mata) tem então uma óbvia inconveniência: elimina a simulação que Mata tinha proposto aos seus leitores desde o paratexto do texto. Sendo ele o verdadeiro autor, apresenta uma narrativa prévia (“Explicação”) em que se diz personagem de uma narrativa de “achamento” (feita por si na primeira pessoa) e tradutor fidelíssimo de uma obra alheia, de Henri Montgolfier (que Mata apresenta como autor único e original). Esta utopia constrói-se assim em dois níveis da narrativa (um extradiegético e outro intradiegético), de dois narradores distintos: Montgolfier (“autor” que escreve em texto sobre a Revolução Francesa e a sua degeneração) e Mata (“tradutor” que escreve a “Explicação” e redige comentários em notas de rodapé sobre o Portugal republicano e a Europa antes e depois da Grande Guerra). Estando nós cientes destas subtilezas narrativas, hesitámos muito em revelar aos nossos leitores atuais colocando, logo na capa desta edição, o nome do “verdadeiro autor”: a estratégia de ocultação do autor (aqui sob o disfarce de tradutor, e em outras obras sob o disfarce de sonhadores ou mentirosos) permanece importante para que o leitor assine o “protocolo ficcional” (U. Eco) exigido pela utopia.

Porém, foi nosso intento dar visibilidade às utopias em língua portuguesa – e em particular a esta utopia de José Nunes da Mata. Se sublinharmos a autoria deste texto, é porque se tornou consabida a inexistência de utopias em Portugal. E também porque, no âmbito do projeto ALIMENTOPIA², o tema da alimentação é um dos principais eixos de leitura desta utopia portuguesa. Pensar o que os habitantes de Marte comem, onde e quando comem, porque e como comem, é uma forma de pensar o que os habitantes da Terra (e de Portugal) comem, onde e quando comem, porque e como comem, no início do século XX e ainda cem anos depois. É sobretudo uma forma de pensar o projeto das sociedades na sua transversa-

lidade económica, social e cultural. Estudar a alimentação é uma forma de levantar o mundo: obriga a pensar no que é comestível, porque e como é comestível, sendo a alimentação uma das alavancas do ser e das formas de estar em comunidade. A alimentação dá forma ao corpo individual e ao corpo social, tem tanto de utilidade física como de estratégia intelectual.

Uma árvore que dá frutos, como quer demonstrar o texto de José Nunes da Mata, é uma fonte de alimentação, mas também uma fonte de saúde, de conforto físico e de prazer estético: as suas folhas servem de adubo, as suas raízes seguram a terra, a sua copa regulariza a precipitação pluvial.

Uma máquina elétrica que ara um campo é sinal de progresso: aligeira o trabalho do lavrador, mas também por isso facilita a divisão do trabalho entre os sexos, torna mais produtivo o esforço e alarga o tempo que um cidadão pode dedicar às ciências e às artes.

A eletricidade, energia limpa, anula a guerra pelo petróleo. Uma refeição de frutas e vegetais, com pouca carne, age como remédio e cosmético...

Tudo pode ser causa ou efeito. Por isso esperamos que os leitores atuais perdoem ao *spoiler* que lhes revela o autor verdadeiro. Saber o seu nome ajuda a compreender o que se vai ler. Nem sempre é fácil ao leitor de 2019, quase um século depois da primeira edição desta utopia, reconstituir algumas circunstâncias da escrita deste texto. Para as discutir, como deve, tem de (re) conhecer um contexto. Preconceitos e pré-conceitos há muitos nesta obra, como em todas as obras de todos os tempos: aqui se (re)encontram os recorrentes sonhos de uma saúde física sem doenças morais, a representação de uma bigamia exclusivamente masculina, ou a crença indelével da raça a que pertencemos. Também daqui a cem anos, as obras que produzimos se tornarão preconceituosas para os que as lerem, e se deve então ter por inevitável uma longa linhagem de autores e leitores cheios de preconceitos. Mas serão talvez ainda dignas de registo as provocações de uma utopia que nos leva a analisar como significativas as opções da vida quotidiana, sendo a alimentação tão importante quanto a arte. Aqui se reflete sobre o imenso valor das muitas coisas que menosprezamos: os serviços domésticos, as florestas, os pequenos gestos de higiene, a reciclagem dos detritos, a educação pela arte, o valor terapêutico da curiosidade e da arte, o respeito devido aos

animais, a grandeza dos trabalhos manuais que as máquinas devem suavizar, a alimentação como origem da guerra ou forma de convívio...

Assim sendo, concluímos somente com algumas considerações sobre as presentes opções editoriais, também elas provisórias.

Foi voluntária a ausência de notas críticas por parte dos editores. O facto de a obra ter já dois níveis de notas de rodapé (notas alfabéticas do falso autor, Montgolfier, assinaladas como [N.A.], e notas numéricas do falso tradutor, José Nunes da Mata, assinaladas como [N.T.]) pedia-nos alguma contenção gráfica. E por isso remetemos o leitor mais curioso para o nosso estudo introdutório – que antecede o texto de José Nunes da Mata – procurando dispensá-lo de um terceiro nível de notas.

Ressalvamos também a raridade dos exemplares desta utopia portuguesa, e dos seus leitores. A obra encontra-se somente em três ou quatro bibliotecas nacionais, e nem sempre bem catalogada. Apesar de ter Errata, persistem no texto alguns erros gramaticais (acordos de género ou número) que denunciam a ausência de uma revisão mais cuidada. Trabalhámos a partir de uma cópia, de fraca qualidade (em grande parte por escurecimento do papel original), de formato A4, com orientação horizontal, e apresentando duas páginas da obra por página. Ainda lançámos mão de algumas ferramentas informáticas, mas não foi viável a leitura da *fonte* utilizada na impressão da edição de 1921. A pouca clareza da fonte usada pela tipografia foi aliás logo assinalada pelo próprio José Nunes da Mata, numa nota final:

“Às pessoas que lerem o substancial trabalho de Montgolfier pedimos que relevem a imperfeição das vírgulas empregadas na tradução, e que mais se parecem meros pontos e pequenos borrões do que vírgulas. Protestámos para a tipografia, e instámos pela sua substituição; mas foi-nos respondido ser esta impossível. Este facto obriga-nos a acrescentar que, mesmo a respeito de vírgulas, a civilização de Marte é superior à nossa, visto que, no original mandado do planeta nosso vizinho, apesar de gravado em folhas metálicas, as vírgulas eram perceptíveis, elegantes e distinguam-se bem dos pontos.” (Matta, 1921: 121)

Estes exemplos levam-nos a um terceiro nível de dificuldade relacionado com a grafia utilizada nas primeiras décadas de novecentos, usada antes do acordo ortográfico de 1945, e agravada pela utilização de alguns arcaísmos ou formas com influência do Latim (como *mui, cousa, quási*). Tais características obrigaram a uma transcrição do documento, tecnicamente fácil, mas muito morosa. Dessa morosidade nasceu, todavia, uma amorosidade.

Foi nossa preocupação a divulgação desta utopia portuguesa, até porque se acredita, em geral, que em Portugal não se escreveram utopias. Assim é, com efeito, se não as procurarmos. Servindo esta edição mais para divulgação do que para preservação, não nos dirigimos só ao leitor mais académico. Por isso, atualizámos a grafia sempre que ela não implicava alteração fonética. Damos como exemplo as formas pronominais dos verbos, que no original eram redigidos de forma a autonomizar o pronome (*apresental-a, abril-a, ouvil-a*) ou as contrações de proposições com pronomes, antigamente assinaladas com apóstrofes (*d'esta, n'esta*, etc.), ou a pontuação, sobretudo no que ao valor das vírgulas diz respeito. Seguimos aqui o Novo Acordo Ortográfico, aprovado a 29 de setembro de 2009.

Maria Luísa Malato
António Barros

A Alimentação em Marte: a higiene da alma segundo José Nunes da Mata³

“Toute cuisine révèle un corps en même temps
qu’un style, sinon un monde.”
(Michel Onfray, *Le Ventre des philosophes*)

História Autêntica do Planeta Marte é uma obra estranha e rara. Pelos dados da capa aparenta ser a tradução portuguesa de um antigo livro em francês sobre o planeta Marte, da autoria de Henri Montgolfier. Ainda na capa, o nome de José Nunes da Mata figura como tradutor do texto francês. No exemplar que consultámos há até uma dedicatória manuscrita que parece confirmá-lo:

“Ao seu estudioso amigo e distinto aluno do liceu, Sr. Ant.º Bs.º
Lopes de Oliveira, em nome do autor, oferece o tradutor/ José
Nunes da Matta” (Matta, 1921: I).

Uma “Explicação prévia do tradutor” (entre as páginas I e IV do texto impresso, datadas de 1 de outubro de 1921, ano da edição) assegura ao leitor que José Nunes da Mata, o dito “tradutor”, encontrou o original francês em 1885, numa praia de Guernsey, no interior de um aerólito, o traduziu por amor à Humanidade (Matta 1921: I). Quando folheado, o livro tem a remota aparência de um livro científico: nas folhas interiores, encontramos um mapa do planeta, com a representação dos

comuns canais de Marte, e algumas considerações matemáticas sobre as suas coordenadas, os meridianos do planeta, e a duração astronómica dos dias e anos em Marte, comparada com os do planeta Terra.

Uma leitura mais atenta do miolo diz-nos, porém, que nos enganámos. Não estamos perante um livro científico, *stricto sensu*. Os mapas têm finais informações exageradamente precisas sobre o planeta: incluem, por exemplo, as linhas de caminho-de-ferro de Marte. E há também capítulos suspeitos sobre a fauna, a flora, os habitantes, a agricultura, a economia, os hábitos alimentares de Marte. Contrariando a ideia de José Nunes da Mata ser um obscuro tradutor de Montgolfier, encontramos, na contracapa, uma longa lista de “outras obras do Autor”, José Nunes da Mata, muitas delas citadas nas notas de rodapé do texto atribuído a Henri Montgolfier, o nome do autor colocado na capa: tal é o caso de *Apicultura prática mobilista* (1915), *Divagações em verso. Paz e esterilização* (1936b), *A guerra às árvores feita pela própria lei e a sua nefasta influência na apicultura e turismo* (1921b), todos títulos de José Nunes da Mata...

Torna-se, em seguida, cada vez mais evidente a contraposição entre Montgolfier (o falso autor) e Mata (o falso tradutor): Montgolfier narra a geografia do planeta Marte e tudo nela lembra a do planeta Terra, como, aliás, Mata vai dizendo em notas “de tradução”: a fauna, a flora e os habitantes do planeta Marte são em quase tudo confundíveis com a fauna, a flora e os habitantes da Terra. Montgolfier passa depois a descrever a história política de Marte, sobretudo depois das calamidades provocadas por uma primeira guerra mundial: os cidadãos de Marte debateram o seu futuro e depressa chegaram à conclusão de que tinham de arrear caminho, procedendo a profundas reformas que levassem à consciência de uma única raça (híbrida), com uma política social e económica global, e uma linguagem partilhada (semelhante ao esperanto). As notas de “tradução” introduzidas por José Nunes da Mata realçam então o que distingue Marte da Terra, no que diz respeito às reformas políticas tomadas depois de uma Grande Guerra ocorrida em Marte há milhares de anos e na Terra entre 1914 e 1918. O que tinha sido bem gerido em Marte, está prestes a ser mal gerido na Terra. O que Marte aprendeu para sempre a Terra logo esqueceu.

Suspeitando-se de uma utopia, vale a pena voltar a pensar no título escolhido por Mata: a *História Autêntica do Planeta Marte* recupera um título conhecido: a *História Autêntica*, de Luciano de Samosata, escrita no século II, o primeiro relato ficcional do ocidente que centra a sua ação na Lua, narrando uma expedição para fora do planeta Terra. A alusão ao texto de Luciano de Samosata repete uma estratégia frequentemente usada pelos autores da Idade Moderna que igualmente recorrem à Lua para criticar a sociabilidade ou a filosofia no Planeta Terra. Estas narrativas interplanetárias desenvolveram-se desde logo em *Somnium*, de Kepler, em *L'Histoire comique*, de Cyrano de Bergerac, mas igualmente nas obras de J. Wilkins, Fontenelle ou Voltaire. No final do século XVIII, a invenção do balão aerostático alimenta ainda mais a fantasia das viagens interplanetárias (Lynn 2010). E entre os finais do século XIX e inícios do século XX, a aviação e os romances de Júlio Verne e Edgar A. Poe, Gustavus W. Pope, Edgar Rice Burroughs e H. G. Wells irão popularizar estes relatos mais ou menos utópicos ou distópicos. É também significativo que, em 1921, Mata situe o seu relato, não na Lua, mas em Marte. Esta ambiguidade é sobretudo patente nos romances que situam a ação no planeta Marte. Marte é simultaneamente o deus romano da guerra e o deus protetor da agricultura: a espada e o arado são as suas insígnias. Tal pormenor mítico interessou certamente José Nunes da Mata, não só um militar empenhado na regulação dos novos exércitos aeronáuticos como também um político republicano que muito tentou promover a reforma agrária em Portugal. Não devemos esquecer também que, entre os anos 20 e 30 do século XX, e em grande parte por causa de Burroughs e H. G. Wells ou a banda desenhada, a representação dos “marcianos” se populariza, ao ponto de, a 30 de outubro de 1938, se julgar credível uma invasão da Terra pelos habitantes de Marte, na verdade uma teatralização de *A Guerra dos Mundos* por H. G. Wells, dirigida por Orson Welles e emitida pela CBS.

1. Utopia e autoficção

O autor José Nunes da Mata nasceu na Sertã, a 2 de janeiro de 1849, e faleceu a 19 de janeiro de 1945, na Parede, perto de Cascais. Militar de alta patente, foi também Professor Auxiliar de Ciências na Escola Naval. Promoveu entusiasticamente a adesão de Portugal à hora internacional a partir do meridiano de Greenwich, acordo que ele acreditava necessário para melhor coordenação da aviação militar e civil. Republicano convicto, foi deputado na Assembleia Constituinte (cf. Lima 2010) e membro da Maçonaria portuguesa, onde tinha o nome de Júlio Graco, talvez evocando os irmãos Graco, que tentaram reformar a política agrária em Roma, em defesa dos mais desfavorecidos. Para além desta *História Autêntica do Planeta Marte*, escreveu igualmente poemas narrativos vários e algumas peças de teatro, que lhe valeram ainda a inclusão do seu nome (como “Frei Matta Nunes Moxo”) no *Manifesto Anti-Dantas*, de Almada Negreiros (1915)...

Em 1921, quando publica esta utopia, José Nunes da Mata era sem dúvida um autor razoavelmente conhecido para merecer uma sátira. Este jogo de espelhos entre autor-tradutor-personagem e narrador – em que José Nunes da Mata escreve uma utopia que atribuí a um Henri Montgolfier, dizendo-se dela tradutor, uma simples personagem que encontra o original e um narrador secundário que comenta o relato de um narrador original – não é um jogo inocente. Permite a Nunes da Mata, por exemplo, comentar o que Henri Montgolfier vai revelando, comparando o “ser” com o “dever ser”, estabelecendo paralelismos entre a Revolução Francesa e a República portuguesa, ou entre os acontecimentos da Grande Guerra (1914-1918) e a solução encontrada em Marte para semelhante conflito global.

Montgolfier é um francês do século XVIII, desiludido com o rumo que tomou a Revolução de 1789. Começa a construir um bólido para sair do planeta Terra pouco depois da subida ao poder de Bonaparte, partindo a 15 de agosto de 1804, durante uma chuva de estrelas cadentes, antes da Coroação do Imperador Bonaparte, a 2 de dezembro daquele ano. Também José Nunes da Mata está desiludido com o rumo que to-

mou a República em Portugal. Também ele se diz em estado melancólico nas praias de Guernsey, no dia 31 de janeiro de 1885 (a data evoca levemente a revolta republicana no Porto, a 31 de janeiro de 1891, sufocada pela Monarquia), dia em que vê cair do céu o aerólito incandescente onde se encontra o manuscrito de Montgolfier. Também José Nunes da Mata, como Montgolfier, se tinha empenhado politicamente na construção de um mundo revolucionário em Portugal, de feição republicana. Também ele tinha pugnado por uma fação moderada da revolução e tal como Montgolfier acabara por se sentir traído pelo radicalismo político. Montgolfier (francês, educado nos princípios iluministas do século XVIII) confunde-se amiúde com Mata (português, educado nos princípios republicanos do século XIX). Registe-se como pormenor significativo que Henri Montgolfier vai ingerindo, até perder a consciência, um portuguesíssimo “vinho velho do Porto misturado com água e mel” (Matta 1921: 9).

Torna-se assim útil distinguir nesta utopia dois níveis de narração: um extradiegético de Mata e outro intradiegético de Montgolfier, introduzido por Mata. São eles que permitem um diálogo entre tempos e espaços, de semelhante importância qualitativa, ainda que de extensão textual diferente (cf. Genette 1972: 238-241). Se o leitor acede ao texto do narrador Henri Montgolfier, fá-lo através do narrador José Nunes da Mata, entidade que encontrou, traduziu e comentou o manuscrito. Mata é, consequentemente, segundo a terminologia de Genette, um narrador do nível extradiegético que condiciona a leitura do manuscrito de Montgolfier, o narrador do nível intradiegético. Tal condicionamento é reforçado no início e no final da utopia pois, findo o relato do narrador intradiegético Montgolfier, encontramos ainda um texto assinado pelo narrador do nível extradiegético José Nunes da Mata, sobre a interpretação política que o leitor deve fazer do texto de Montgolfier, o narrador do nível intradiegético. Este controle de um narrador sobre o outro dirige, ainda que indiretamente, as leituras da utopia, inclusive ao longo da obra, através das notas do tradutor, na maior parte, comentários políticos.

Ora, é precisamente por causa dessa estratégia retórica que nos parece útil retomar aqui o conceito de “autoficção”, em certa medida, um gênero literário em que um autor real aparece como personagem importante de um texto fictício. Relembremo-nos que a autoficção fundamenta frequentemente a utopia, a começar pela *Utopia* de Morus: também aí Morus aparece como autor, narrador e personagem, em diálogo com Hitlodeu, seu interlocutor, o único dos dois que viveu uma aventura inverosímil. O conceito de “autoficção” (mais usado pela crítica literária francesa), ou o conceito inglês de “faction” (aglutinação de “fact” e “fiction”), reúne com efeito elementos que superam a oposição expectável entre realidade e ficcionalidade. A definição de “autoficção” proposta por Vincent Colonna (2004) baseia-se na possibilidade de, nestes casos de ambiguidade, o autor se projetar numa autobiografia imaginária. A definição proposta por Genette (1991), sendo distinta da de Colonna, parece-nos, para este efeito, ainda mais adequada aqui, já que não exige a verosimilhança dessa projeção autobiográfica, e se baseia antes na possibilidade de se combinarem livremente três identidades (a do autor, a do narrador e a da personagem), num espaço-tempo fictício, em rutura com os dados espaço-temporais conhecidos da biografia do autor (Genette 1991). Segundo Genette, a autoficção não é uma falsa autobiografia, mas coloca o autor num espaço e num tempo claramente fictício, que o confunde, no texto, com uma personagem, depois de o apresentar com um narrador. Com efeito, o autor José Nunes da Mata liberta-se aqui do seu contexto espaço-temporal: a melancólica passagem do século XVIII para o século XIX reproduz a que ocorre depois, dos finais do século XIX para os primórdios do século XX. Mas, ao fazê-lo, o autor liberta-se também da prisão que é o presente: a utopia torna-se um motor da mudança do mundo, ainda que inscrita num aparente eterno retorno.

2. Saber e sabor

Em 1921, ou seja, no mesmo ano da publicação da *História Autêntica do Planeta Marte*, saiu em Portugal a 10.^a edição em português do livro *Higiene Moral*, do Barão de Feuchtersleben (*Zur Diätetik der Seele*, 1838), numa “versão portuguesa” do escritor Ramalho Ortigão. Reportando-se à ligação entre pensamento e digestão, Ramalho Ortigão termina o prólogo realçando que “Ter vontade de tomar sentido e ter vontade de comer são dois factos correlativos. A primeira coisa, para começar, é não ter fastio” (1921, XV). A analogia entre a vontade de dar sentido às coisas (saber) e a vontade de comer (pressupondo-se aqui que o apetite é fonte de sabor), corresponde já a uma das primeiras propostas do livro de Feuchtersleben: deve-se entender a “a hygiene moral” não como uma qualidade de índole abstrata, mas como “a sciencia de pôr em obra o poder que a alma possui de preservar pela sua acção a saúde do corpo” (Feuchtersleben 1921: 2). Feuchtersleben apresenta-se como um continuador de Lavater, e pretende promover, nomeadamente através da alimentação, formas de comportamento corporal que condicionam o bem-estar individual e coletivo.

Poderíamos enclausurar a questão num determinado contexto histórico, sublinhando que, para Ramalho Ortigão, companheiro de jornada da chamada Geração de 70, pensar a alimentação se trata ainda de uma determinada forma de pensar o condicionamento do indivíduo pelo meio. Mas podemos também enfatizar a sua feição utópica, em geral, pouco legível no determinismo social. Com efeito, uma das questões filosóficas fundamentais para Ramalho Ortigão é a que reencontramos ainda em José Nunes da Mata: “Dispomos nós do poder de nos determinarmos a um acto com a consciência de termos podido determinar-nos por outro?” (Ortigão, pref. Feuchtersleben 1921: VII). Ou, de outra forma: pode a adoção voluntária, e voluntariosa, de um determinado estilo de vida (os alimentos que queremos ingerir, a paisagem em que nos queremos mover, ou a arte a que nos devotamos) condicionar o nosso comportamento social e determiná-lo mais do que o meio em que nos à priori nos inserimos?

A referência à alimentação nas obras literárias é invariavelmente um estratagema para chamar a atenção do leitor para algo importante, seja na narrativa, intriga, caracterização ou intencionalidade do discurso (Fitzpatrick 2013: 122). Mas não é de somenos importância a frequente identificação entre “saber” e “sabor”, que em comum teriam até a etimologia (cf. Barthes 1988: 22). O ato de conhecer, ao nível do autor-narrador ou ao nível do narrador-personagem, pressuporia sempre uma forma de nutrição do espírito, em tudo semelhante à do corpo:

Assim como os escritores falam de cozinhar uma história, [...] também nós, os leitores, falamos de saborear um livro, de encontrar nele alimento, de devorar um livro de uma assentada, de regurgitar um texto, de ruminar um excerto, de enrolar na língua as palavras de um poeta, de se banquetear com poesia, de fazer uma dieta de policiais. (Manguel 1998: 179-180)

O paralelismo entre a aprendizagem do novo mundo e a ingestão de alimentos tem desde logo um primeiro paralelo nos livros de Feuchtersleben e José Nunes da Mata. Efetivamente, não existe em Marte uma distinção radical entre o “corpo” (perene) e a “alma” (eterna) (Matta 1921: 61). A própria definição de alma estaria bem próxima da que é dada pelo Barão de Feuchtersleben, claramente aristotélica: “a alma não se revela senão pela sua união com a matéria” (Feuchtersleben 1921: 4 e 7, cf. Aristóteles, *Sobre a Alma* 403a).

Deve registrar-se que, para Aristóteles, a definição de alma pressupõe também a noção de apetite, “isto é, o próprio desejo do aprazível” gerador do movimento do que é “animado” (Aristóteles, *Sobre a Alma* 414b), e assim Feuchtersleben justifica (sempre que haja uma situação de fastio, ou desinteresse pela vida), um processo catártico, de purificação, que liberte o corpo, como o espírito, das toxinas. Citando Hufeland, célebre médico setecentista, autor de *Makrobiotik* (1796), Feuchtersleben aconselhava as pessoas que queriam prolongar a vida, a “regular pela vontade as dejeções alvinas de cada dia” (Feuchtersleben 1921: 193). A toda a

digestão corresponde uma excreção: alterado este processo oscilatório, acentuar-se-iam as doenças físicas, as depressões, as psicoses, os fenômenos de hipocondria ou de “tísica imaginária” (*Ibid.*: 33).

Vejam agora a narrativa da *História Autêntica do Planeta Marte*. No livro de José Nunes da Mata, a letargia de Montgolfier é uma metáfora da depressão em que ele tinha caído, e essa letargia do melancólico tornar-se-ia um desafio para os médicos de Marte como para os utópicos da Terra: como devolver à vida um ser que parece ter desistido dela? Montgolfier responde com o que chama o “stock de vitalidade” (Matta 1921: 14) e Feuchtersleben (na versão de Ramalho Ortigão) a “força vital”. Ambos sublinham a existência duma energia material, ou seja, uma vontade guardada pelo corpo, que muitas vezes contraria o espírito descrente. O ser não se compreende sem o desejo de ser, e de ser em plenitude.

Quando tal não se verifica, há pois que eliminar toxinas. A primeira lembrança que o narrador Montgolfier tem de Marte é a de ser limpo e alimentado por massagens e alimentos, sendo estes os primeiros medicamentos que o fazem renascer:

Quatro gigantes estatuários, com larga fronte, de grandes olhos brilhantes e inteligentes, d’uma expressão mui doce, serena e meiga, rodeavam o meu leito. [...] Assim que os quatro sábios tomaram conta do meu corpo, imediatamente, por meio de lavagens estomacais e intestinais e sensatas massagens exteriores, fizeram sair para fora tudo o que havia no estômago e intestinos. (Matta 1921: 11 e 12)

A referência a Hufeland, explícita na obra do Barão de Feuchtersleben, parece estar implícita na utopia de José Nunes da Mata: em Marte, cultiva-se “a arte de prolongar a vida”, morre-se de velhice, atingindo cada marciano uma vida média de 120 anos, unicamente por cuidar da energia material e da higiene do corpo (*Ibid.*: 115). No *Traité de médecine d’alimentation et d’hygiène naturalistes*, de Paul Carton, publicado em 1920, encontramos a mesma referência a esta “énergie matérielle”, presente em

tudo o que é vivo, da estrutura viva mais simples à mais complexa (células, plantas, animais e seres humanos), e da parte ao todo (do assimilado ao assimilador). O livro de Carton alude mesmo àquela variável capacidade de assimilação de energia (fogo), existente na respiração (ar), na alimentação líquida (água) e sólida (terra), decisiva na fase mais debilitada do organismo, quer em estado de letargia, quer no início da vida. Serão os clássicos quatro elementos da matéria uma identificação possível dos “quatro sábios” a que o texto de José Nunes da Mata se refere? Em todo o caso, também o texto de Paul Carton sublinha que a simplicidade digestiva do alimento deve sempre anteceder a sua complexidade:

L'alimentation doit être d'abord liquide, lixivante, hypoazotée, hypotoxique, puis fluide céréaliennne, enfin solide, harmonique et plus substantielle. [...] il n'y a qu'un besoin à satisfaire, celui qu'exige la nature par les sensations d'anorexie et d'assoiffement, par le dégoût de la nourriture, la sécheresse de la bouche, l'empatement de la langue, l'amertume du goût, l'échauffement de la fièvre, par la rareté des sécrétions salivaires, sudorales et urinaires et par les irritations douloureuses. (Carton 1920: 181)

Também o livro de José Nunes da Mata vai descrevendo as diferentes fases da reabilitação do corpo e do espírito de Montgolfier, recém-chegado a Marte depois de atravessar o espaço. A calendarização do seu tratamento é semelhante à alimentação do recém-nascido: a alimentação sólida é gradualmente inserida, e só depois de 30 dias apenas a líquidos. E não será por acaso a crescente complexidade das artes terapêuticas que paralelamente renovam o espírito: a música, antes de todas as demais. À música se vão seguindo a dança, a observação de imagens (pinturas, fotografias, mapas). Só depois o exercício da música, da pintura, da fotografia, a leitura e, depois da leitura, a concretização da paixão amorosa. E finalmente, culminando todas, a prática da escrita, que a personagem exercitará ao escrever a história do planeta Marte, depois enviada para a

Terra e recolhida por Mata (1921: 13-17, 29-31 *et passim*).

Partindo do elogio tripartido da Imaginação, Vontade e Cultura Intelectual, o livro de Feuchtersleben reúne, tal como a *História Autêntica do Planeta Marte* de Nunes da Mata, numerosas reflexões sobre o efeito terapêutico do sonho e das artes, nomeadamente a música, arte da harmonia por excelência. A Imaginação revela-se a ponte de passagem entre o mundo físico e o mundo mental (Feuchtersleben 1921: 27, *max.* 35). Como vimos já, é também importante a Vontade. O medo, a confusão, o aborrecimento, que obstaculizam a Vontade, têm um efeito epidémico: só podem ser combatidos com igual efeito da alegria, da percepção da harmonia e da esperança: “Assim como, durante o somno, os sonhos desfadigam a alma da sua luta trabalhosa com o mundo physico, assim quando acordamos, a arte [...] nos reanima a vida prestes a sucumbir sob o pezo oppressor da realidade” (cf. *Ibid.*: 41). A escrita de uma utopia configuraria então uma situação de vontade e imaginação, regra primordial da sobrevivência:

Melhor seria o remedio se o doente soubesse prepara-lo por si mesmo, ou se quisesse pelo menos aprender a prepara-lo em sua alma. Porque a vontade é uma faculdade que se pode desenvolver por um estudo assíduo, é permitido dizer-se em certa accepção que nós aprendemos a querer. (Feuchtersleben 1921: 46)

3. Utopia e alimentação

Estando a vida dos seres vivos dependente do alimento (tal como a da espécie da possibilidade de reprodução), o tema da alimentação está presente em quase todas as utopias, sejam essas utopias, na terminologia proposta por Lyman T. Sargent, as sociedades ideais criadas pelos deuses ou a Natureza (“body utopias”), ou as recriadas pelos seres humanos (“city utopias”):

No hunger was central to most, together with no work or at least no hard work, no fear of wild animals, no death or no easy death [...]. Everyone has to be fed, and every utopia must have arrangements in place so that food is available as needed, and in utopias such arrangements are closely related to the entire economic, political, and social structures of the society. (Sargent 2015: 14-32)

Não nos surpreende que também a *História Autêntica do Planeta Marte* trate com algum pormenor as questões ligadas aos alimentos: são várias as obras de José Nunes da Mata que atestam o seu empenho na política agrária. Procurou promover legislação que protegesse as árvores e as abelhas, não apenas pelo imediato potencial económico da floresta e da apicultura, mas sobretudo pela riqueza indireta que criavam, influenciando a qualidade dos solos, a fertilização das plantas, a qualidade da indústria e comércio de derivados, e também o bem-estar dos que usufruíam da agricultura, ou até do turismo ligado à paisagem agrícola ou florestal. Na *História Autêntica do Planeta Marte*, as árvores são um dos elementos da Natureza que o habitante de Marte mais preza. As árvores dão madeira, fornecem alimentos, guardam princípios ativos de muitos medicamentos. Discretamente, as árvores protegem os terrenos agrícolas da erosão ou fornecem oxigénio aos espaços urbanos, e, de forma quase invisível, oferecem-nos o seu *stock* de vitalidade, essencial à nossa sobrevivência: dão sombra, abrigo, repouso, e prazer a quem as contempla, e assim alimentam a vontade de viver aos humanos (cf. Matta 1921: 47 e 60).

Coerentemente, Mata empenhou-se, enquanto político, em várias batalhas que hoje denominamos ecológicas. Na Parede, localidade dos arredores de Lisboa onde passava metade do ano, José Nunes da Mata foi pondo em prática alguns dos seus princípios políticos. Procurou proteger a costa das casas de veraneio, tal como sucedia então em Cascais. Alegava o direito de todas as classes a usufruírem da paisagem maríti-

ma e, para manter tal direito, comprou muitos dos terrenos aos pobres que os vendiam sob pressão do mercado imobiliário, doando-os depois ao município. Membro da Maçonaria, José Nunes da Mata viria nela a escolher o nome de Júlio Graco, evocando talvez simultaneamente Júlio César e os irmãos Graco, reformadores das leis políticas e agrárias de Roma. Por sua inspiração se viriam a instalar na Parede, desde finais do século XIX, outros importantes republicanos e maçons, como João de Arriaga, João Luís Ricardo, José Lopes de Oliveira, Barbosa de Magalhães e Orlando Marçal. Entre eles se contaria a família de José Lopes de Oliveira, a quem talvez o exemplar do livro que consultámos teria sido oferecido, segundo a dedicatória que referimos *supra*: o aluno do liceu António Basílio.⁴

Uma comparação entre os dados biográficos de José Nunes da Mata e os de Henri Montgolfier pode ajudar-nos a ler alguns eixos de reflexão política propostos sobre as reformas necessárias (no planeta Terra e em Portugal). Quer José Nunes da Mata-autor, quer José Nunes da Mata-narrador do nível extradiegético se encontram desiludidos com a Revolução política. Os esclarecimentos sobre possíveis leituras do seu texto à luz da Revolução Russa em curso, expressas na “Explicação final do Tradutor”, atestam a sua moderação política. Montgolfier vive desgostado, primeiro com o Terror, depois com o Império. E Mata deseja uma República serena, sem destruição das instituições vigentes, lamentando os excessos dos bolchevistas ou dos conservadores. Cremos não ser por acaso o encontro de Mata com o aerólito de Montgolfier, numa praia de Guernsey, ilha “sem-lugar”, terra de exilados, miticamente presente nos leitores de Vítor Hugo (cf. Malato 2014b: *online*).

É inevitável uma continuada comparação entre Mata e Montgolfier. Montgolfier tinha tido uma decisiva crise de melancolia a 18 de Brumário, dia do calendário de Robespierre que, segundo o narrador, corresponde a 5 de outubro de 1799 (cf. Matta 1921: 6). Não nos parece inócuo que o 5 de outubro seja aqui referido (ainda que a data nos pareça estar errada, porque a expulsão do Conselho dos Quinhentos ocorreu a 10 de novembro de 1799 pelo calendário gregoriano). Este 5 de outubro de 1799

pode evocar a data da implantação da República em Portugal, exatamente 111 anos depois, em 1910. Como referimos já, também nos parece significativo o facto de o narrador José Nunes da Mata se encontrar em Guernsey na noite de 31 de janeiro de 1885: como se a melancolia que explica o passeio solitário à noite, pelos penhascos da beira-mar, fosse uma espécie de prenúncio do que iria suceder na Revolta do Porto, a 31 de janeiro de 1891, quando se malogra a esperança de uma República moderada.

Mas estes cruzamentos espaço-temporais (França *vs.* Portugal, Revolução Francesa *vs.* Implantação da República Portuguesa) – ainda que imperfeitos – justificarão também algumas considerações sobre as metamorfoses da economia agrícola ao longo dos séculos XVIII e XX. O fisiocratismo francês do século XVIII e a industrialização agrária em Portugal no século XX apresentam-se como dois paradigmas reconstruídos em Marte para futuro uso da Terra. As notas de rodapé (as notas alfabéticas do “autor” Montgolfier e as notas numéricas do “tradutor” Nunes da Mata) servirão assim para comentar (a dois tempos e a dois espaços) o quanto se opõem esses paradigmas à realidade que os dois narradores, o de nível extradiegético (português, republicano do século XX) e o de nível intradieético (francês, revolucionário do século XVIII), conhecem na Terra. Montgolfier (narrador) e Mata (autor e narrador) são politicamente moderados. Desgosta-os a crueldade fratricida dos revolucionários: J. Nunes da Mata critica a evolução política da Primeira República; e Montgolfier vive desiludido com a política desde a época do Terror em França, nos finais do século XVIII. Mas também detestam ambos os tiques ditatoriais dos salvadores do povo: a Montgolfier, os de Bonaparte (Matta 1921: 6), a José Nunes da Mata, os de Hitler ou os dos Bolcheviques (Matta 1921: 120-121).

As posições moderadas em política correspondem a uma visão moderada sobre tudo em geral, e sobre a alimentação em especial. Ambos os narradores alertam para os vícios do álcool, da carne ou do sexo, mas ambos apresentam o sexo, o consumo do álcool ou da carne como um prazer saudável e moderado, de que ninguém deve abusar ou ser privado, seja por razões de classe, grupo ou género. Tal parece corresponder a uma visão comum na *Naturphilosophie* (cf. Gusdorf 1985), delineada no

século XVIII e testemunhada ainda pelo livro do Barão de Feuchtersleben: a Natureza, nos seus extremos de construção e destruição, de razão ou emoção, gere-se violentamente por um efeito pendular e moderadamente por uma consciência da *coincidentia oppositorum*.

Nada sucede na natureza que não deva suceder; a natureza está em toda a parte e sempre obedece a leis imutáveis. [...] Para que o espírito seja capaz da acção, é preciso que tenha ideias claras, a ignorância e o erro submetem-o [*sic*] às acções externas. D’onde resulta que as paixões se desenvolvem no homem na razão inversa da sciencia, e que, quanto mais o espirito se acha esclarecido, maior é a sua actividade. (Feuchtersleben 1921: 95 e 97)

4. Natureza e evolução

Vemos melhor se não observarmos com preconceito (cf. Coady 2011: 120-135). Marte é um planeta semelhante à Terra, não só no clima, na fauna, na flora e na economia, mas também na sua base antropológica: os habitantes de Marte foram também sujeitos à evolução descrita por Darwin e à globalização dos movimentos migratórios, lidos em conjugação com a globalização dos hábitos alimentares (cf. Matta 1921: 58, 60; *max.* 61-63). Os marcianos são mais altos do que os terrestres (até porque comem melhor), mas mais baixos do que já foram (a regularidade do clima e o cruzamento das raças foram moderando algumas características físicas).

Esta correspondência entre Marte e a Terra, e entre os marcianos e os terrestres, permite a José Nunes da Mata, por exemplo, a defesa da teoria da evolução defendida por Darwin. Mata parece ainda ter em vista alguns dos seus leitores, que veem na teoria de Darwin um ataque ao antropocentrismo da criação divina, e talvez por isso não descarte por completo os argumentos teológicos. Depois de apresentar os argumentos científicos dos marcianos, Montgolfier conclui que, embora os marcia-

nos concordem abertamente com Darwin, não entram por causa disso em questões teológicas. Mais importante do que saber se Deus criou o ser marciano (ou o ser terrestre) é o ser agir de uma forma digna da sua origem divina (*Ibid.*: 28 e 63). Ora, essa ação digna da origem divina parece ser tão incompatível com uma política fratricida, uma má divisão das riquezas, e conseqüentemente uma alimentação escassa ou excessiva, mal distribuída socialmente. Na natureza tudo se repete. Mas nada se repete de forma exatamente igual. Daí os paralelismos quebrados, as correspondências imperfeitas entre os planetas e entre os narradores. Na natureza e na evolução das espécies. Na natureza e na evolução civilizacional. Os homens que habitam Marte, “hoje” (1921) habitantes felizes (porque sem doenças, sem problemas de alimentação e nutridos racionalmente), foram um dia também como os habitantes da Terra são “hoje” (1921), isto é, habitantes infelizes (porque dominados pela doença, ou desnutridos). O que separa estas duas humanidades possíveis não é o nome do planeta (Terra ou Marte) ou as características fisiológicas dos seus habitantes (terrestres ou marcianos), embora pontualmente as haja. O que distingue estas duas humanidades (a da Terra e a de Marte) não é a natureza: são as decisões políticas que as comunidades tomaram depois de terem passado por semelhantes catástrofes não-naturais, produzidos pela vontade humana, desde logo a experiência de uma guerra devastadora:

Há cem mil e sete anos de Marte, ou cento e oitenta e oito mil e noventa e três da Terra – época e data que para sempre ficarão [*sic*] memoráveis na história de Marte – duas nações vizinhas muito poderosas, uma de raça branca e outra de raça amarela, dando como pretexto uma qualquer futilidade sem importância, entraram em guerra com todo o seu respeitável poder. (Matta 1921: 69)

Comparados os dois planetas, não os distingue a Natureza, mas o diferente grau de Imaginação, Vontade e Cultura Intelectual. A guerra em Marte (tal como a Guerra de 1914-1918 na Terra) tinha matado milhões

de marcianos: assistira-se pela primeira vez à industrialização da guerra, com o uso da aviação, dos submarinos, de armas químicas, das metralhadoras, em trincheiras infectas⁵. A guerra em Marte tinha sido despoletada (como a Grande Guerra de 1914-1918) por motivos políticos levianos, disfarçados por ideais grandiosos, em prol da superioridade da “nação”, da “língua” e da “raça” (*Ibid.*: 69-72). Em Marte como na Terra, a guerra tinha provocado, incentivado e prolongado, pela primeira vez a um nível global, um conjunto de efeitos secundários perversos que a prolongavam ainda depois do Armistício: perante a falta de alimentos, os cidadãos agiam ainda cegos pela fome, as doenças propagavam-se com enorme facilidade. Também em Marte a necessidade, a ignorância e a falta de higiene tinham propagado a Peste e muitas outras doenças. Também os marcianos tinham feito falsos discursos de solidariedade, evocando *pro domo* a fraternidade, a liberdade e a igualdade. Também eles tinham pensado (inicialmente) que os problemas globais se resolviam com soluções nacionais. Reconhecemos nesta descrição um estado incipiente do atual.

Estando as terras já bastante cansadas e sendo geral a falta de adubos, não havendo cereais, legumes e frutas que chegassem para os quatrocentos milhões de habitantes de Marte, sendo geral a falta de leite e carne devido à penúria de pastos e gados, tendo diminuído a antiga abundância de peixe em razão da destruição dos viveiros pelos nefastos aparelhos de arrasto, estando muito depauperadas as antigas e ostentosas matas seculares de Marte e quasi exaustas as ricas minas de carvão e petróleo, d’um lado e do outro se formulava o atrocíssimo plano de aniquilar o inimigo, no caso de ser vencido, visto Marte ser pequeno para sustentar os povos das duas raças. (Matta 1921: 70)

Antes e depois da Guerra, a escassez dos alimentos (ou o medo da escassez) é o motor principal dos conflitos. Sendo a guerra o primeiro impulso, nem sempre a educação e a ciência podem atenuar a desigualdade, podem até acentuá-la (*Ibid.*: 86-89). Acabada a guerra, é sempre fácil voltar

à rotina dos jogos de poder entre fortes e fracos, em que os fracos sempre perdem: aos jogos de submissão entre homens e mulheres, entre governantes e governados, entre patrões e operários, ou entre educadores e educandos. Em Marte, tinham-se produzido então discursos libertários (em tudo semelhantes aos do Congresso de Washington na Terra, o Congresso de Desarmamento do pós-guerra⁶). Na Terra, repetem-se receitas fracassadas. Em ambos os planetas se começam por negar as soluções imaginativas, “imprevistas e fora de uso”, dizendo-as por isso “absurdas” (cf. *Ibid.*: 83 e 100-101). Promete-se sempre uma vez mais o mesmo: a ausência de impostos, a eliminação das fronteiras jurídicas ou alfandegárias, como se a ausência de impostos, de controle ou de leis inviabilizasse por si só a guerra (*Ibid.*: 98n).

Mas em Marte, na sequência da proposta de um filósofo, Constantínio, os cidadãos ouviram, discutiram, ponderaram, votaram, evoluíram. Mudaram então a sua Constituição, a sua Dieta ou regime. Em Marte, os cidadãos mudaram por uma questão de coerência com a geral natureza dos seres humanos, que nascem livres, fraternos e iguais, mas são coagidos por todo o lado a viverem sob o jugo das leis humanas, escritas ou tácitas: “L’homme est né libre, et partout il est dans les fers” (cf. Rousseau 1996: 45). Em Marte e na Terra, o que a “humanidade” procurava tinha sido afinal também a realização pacífica de três princípios associados à natureza humana: Liberdade, Fraternidade e Igualdade (Matta 1921: 81). Mas, em Marte e na Terra parecia haver uma diferente capacidade para aprender com os erros. Em Marte, o terror da Guerra servira para mudar a forma como os cidadãos e os políticos comunicavam ou geriam os bens alimentares e os recursos energéticos: por necessidade e inteligência, tinham passado a desvalorizar o que os distinguiu e a valorizar o que os unia. Sob a inspiração de Constantínio (paradoxalmente feito Imperador, como Napoleão), tinha-se implantado então em todo o planeta de Marte:

a) o uso uniforme de uma língua de comunicação, uma espécie de esperanto (estrutura racional que procurasse integrar as radicais das línguas mais geralmente empregadas): para essa língua adâmica seria traduzido todo o arquivo artístico e histórico a preservar (*Ibid.*: 81);

- b) uma política comum dos recursos económicos e energéticos (a terra, a água, a eletricidade) e o desenvolvimento de energias limpas como a eletricidade, sendo o carvão e o petróleo considerados extintos ou prejudiciais (*Ibid.*: 59, 82);
- c) uma desvalorização das questões ráticas ou nacionalistas, promovendo-se, durante várias gerações, o matrimónio inter-racial e a consciência do hibridismo de cada um (*Ibid.*: 82);
- d) o controlo da população, evitando-se a procriação em más condições de saúde (por esterilização provisória dos ovários) e a formação de megacidades (cf. *Ibid.*: 27, 94, 101).

5. Da releitura de Malthus à releitura de Darwin

Na obra de José Nunes da Mata, é evidente a influência de *An Essay on the Principle of Population*, a conhecida obra de Thomas Robert Malthus (1798). Também ela partira da desproporção entre o crescente número de habitantes e a impossibilidade de produzir, no mesmo ritmo, alimentação que a sustentasse:

I said that population, when unchecked, increased in a geometrical ratio, and subsistence for man in an arithmetical ratio. [...] We will suppose the means of subsistence in any country just equal to the easy support of its inhabitants. The constant effort towards population, which is found to act even in the most vicious societies, increases the number of people before the means of subsistence are increased. The food therefore which before supported seven millions must now be divided among seven millions and a half or eight millions. The poor consequently must live much worse, and many of them be reduced to severe distress. The number of labourers also being above the proportion of the work in the market, the price of labour must tend toward a decrease, while the price of provisions would at the

same time tend to rise. The labourer therefore must work harder to earn the same as he did before. (Malthus 1798: 18, 29-30)

Não é por acaso que José Nunes da Mata, autor e narrador, toma por referência o século XVIII: filosoficamente, ele assume-se como um discípulo dos pensadores que construíram a idade contemporânea, em rutura com o Antigo Regime. Os ideais da Revolução Francesa estão presentes nas suas considerações, ainda nas obras políticas como *O Sonho do Kaiser* (1916) ou *O Regresso, homenagem à França* (1918), sobre os princípios em causa na Guerra de 1914-1918. Através da visão de Montgolfier, remete-nos para a leitura de Malthus, Leibniz, Rousseau, Condorcet ou Laplace.

Mas, em 1921, a perspectiva do setecentista Montgolfier pressupõe já o contexto da industrialização agrícola, que ocorre nos finais do século XIX e princípios do século XX em muitos países da Europa. A industrialização oitocentista leva o autor José Nunes da Mata, não só a uma releitura de um autor setecentista como Malthus, como à sua reescrita, num novo contexto científico e económico. Com efeito, nesse ano, Mata cruza as teorias de Malthus com as vantagens da que será depois chamada “Revolução Verde”, baseada na energia elétrica, aqui apresentada como solução sem resíduos (por oposição à revolução industrial do gás e do carvão). A energia limpa da nova revolução industrial levaria, não só a produzir mais alimentos como a produzi-los melhor, com menos efeitos secundários no ecossistema.

A conciliação de um programa industrial com uma sociedade ecológica é constante na utopia de José Nunes da Mata, mesmo que lhe seja ainda estranha a palavra “ecologia” – ou a expressão “economia da natureza”, já usada por Darwin, um autor que Mata parece conhecer bem. Veja-se, a título de exemplo, o pormenor com que Montgolfier-Mata descreve, ao longo de duas páginas, o sistema de esgotos e reciclagem das cidades em Marte, planeta em que a oposição Cidade *vs.* Campo se resolve pela transformação dos resíduos em fertilizantes:

Com este engenhoso processo de adubação das terras, conseguem os Marcianos aproveitar por completo os detritos da sua alimentação que, regressando ao vastíssimo cadinho do solo, de mal-cheirosos e imundos que eram, se transformam em aromáticos, nutritivos e apetecíveis alimentos. (Matta 1921: 113n)

Em Marte, tudo se reaproveita. Há uma eficientíssima indústria de reciclagem, que recupera até os resíduos da agricultura e da pecuária:

Por exemplo, os vestuários dos homens, mulheres e crianças e mais roupa, feitos das fibras e algodão das plantas e dos cabelos e pêlos dos animais domésticos, e bem assim o calçado, feito duma massa pastosa leve, muito resistente e elástica, sai tudo pronto a servir das fábricas, constando o principal trabalho dos dirigentes em verificar que a execução é perfeita. (Matta 1921: 111)

Nestes pontos, a posição de Montgolfier-Mata difere já da de Malthus: a relação produção de alimentos e população tem agora outros dados a ponderar: a possibilidade de se aumentar a produção nos campos e de se controlar a fertilidade das mulheres.

6. Alimentação, sexo e eugenia

Há pelo menos um dado que julgamos muito significativo na receção literária da utopia de José Nunes da Mata: nove anos depois, em 1930, um pintor galego-brasileiro, Modesto Brocos, redigirá uma outra utopia, *Viaje a Marte*, claramente decalcada da *História Autêntica do Planeta Marte*, de José Nunes da Mata. Nela encontramos reflexões um tanto diferentes sobre o modelo sexual: Modesto Brocas “recua” imageticamente para a solução do convento (feminino), ainda que repensada num contexto de liberdade sexual (cf. Malato 2014a: 81-99; Jaureguizar 2009: *passim*). Parece-nos, porém, muito

curioso o facto de ambos os autores (Mata e Brocos), na segunda década do século XX, contestarem as medidas políticas de Malthus baseadas na abstinência sexual ou na castidade conventual.

No relato de José Nunes da Mata, as medidas de castidade ou abstinência são afastadas por se considerarem violentas e ineficazes. Segundo Montgolfier, promovem, pelo contrário, a prostituição, a masturbação, a sífilis, ou as doenças nervosas-psicológicas (cf. Matta 1921: 26-27, 83, 90-92, 105, 119). E o narrador do nível extradiegético não deixa de confirmar em nota de rodapé o pensamento de Montgolfier, sublinhando o quanto Portugal ganharia em seguir o exemplo de Marte, por ser alarmante no país o número de infetados com doenças venéreas ou de doentes mentais (*Ibid.*: 100). A esterilização permitiria, em situações previsíveis de risco, impedir a prática do aborto (voluntário ou involuntário), controlando-se com ela a propagação de doenças hereditárias e a existência de famílias numerosas em que não havia possibilidade de subsistência, por falta de alimentos:

Não há vantagem em nascer e viver quando, ao abirmos os olhos à luz da vida, desde o berço encontramos, para eternas companheiras, a fome, as misérias, as tristezas, as doenças, as pestes, as guerras, as revoltas, as greves, os rancores, ódios, invejas, etc., etc. e ainda por cima de tantos males, as crua peias à satisfação do invencível impulso do amor. (Matta 1921: 87)

1921, o ano em que José Nunes da Mata publica a *História Autêntica do Planeta Marte*, é curiosamente o ano da Segunda Conferência Internacional de Eugenia (*Second International Eugenics Conference*), em Nova Iorque. Sublinhe-se o geral entusiasmo com que a Conferência é acolhida, desde logo por muitos políticos e cientistas ocidentais (Bruinius 2006). Os programas de esterilização (pela primeira vez possíveis devido ao progresso dos conhecimentos anatómicos e das técnicas cirúrgicas) encontram-se cada vez mais associados a programas políticos de eugenia da espécie humana, mais ou menos disfarçados em programas de saúde pública. Nos

anos 20 e 30 do século passado, a eugenia é um dos argumentos que mais contribuem então para a glorificação da Ciência. Sendo cada vez mais polémica ao longo da década de 30, só no pós-guerra, perante a evidência dos campos de concentração nazis, se duvidará da sua bondade.

Compreensivamente, José Nunes da Mata voltará por várias vezes à questão até 1941, pelo menos, na reedição das suas *Divagações em Verso*, de 1936, sobre a paz na Europa e a esterilização. Como homem de ciência, ele acredita na benevolência e no carácter pacífico do programa de esterilização que pode eliminar a fome e controlar as doenças hereditárias. Em *Entre Dois Males* (de 1933), e depois ainda em *Miseranda Humanidade* (de 1936)⁷ Mata escreve sobre o que seriam dois males menores: a entrada da Rússia comunista na Sociedade das Nações e as medidas de esterilização a implementar na saúde pública. O primeiro, porque acautelaria as intenções bélicas que, em 1933, José Nunes da Mata julga evidentes na política da Alemanha e do Japão, “embora sejamos de opinião que o comunismo para ser viável deve ser voluntário por parte do povo e não imposto cruelmente à força, como tem sucedido e sucede na Rússia” (Matta 1933: 10). O segundo, porque eliminaria casos irresolúveis de pobreza, de malformação física ou de demência.

[...] é um crime de lesa-humanidade o deitar filhos ao Mundo, tendo-se de antemão ou devendo-se ter a certeza que, ao verem a luz da vida, sobre estes pobres desgraçados deve impender a nefanda condenação a torturantes sofrimentos, herdados dos pais, quasi sempre acompanhados de miséria, fome, imundície e por fim morte dolorosa e horrível, visto serem os casais pobres e miseráveis que mais abundante procriação fazem. (Matta 1933: 3-4)

José Nunes da Mata sempre considera os dois males na sua relação política. Teme a cegueira ocidental que não vê as intenções bélicas de Hitler e se ilude com a sua política de campos de concentração. Mas,

ao mesmo tempo, receia que a política de esterilização de Hitler se torne fator de engrandecimento de uma nação bélica: “Quando em 1921 iniciamos a propaganda na *História Autêntica do Planeta Marte*, ninguém pensava no assunto; e actualmente até o implacável Hitler o emprega” (Matta 1933: 4). Não podíamos deixar de sublinhar o facto de José Nunes da Mata conhecer bem, já em 1933, as políticas de esterilização e os campos de concentração promovidos por Hitler:

O que salvará o Mundo de tão grande calamidade é o facto do portentoso Hitler tencionar decretar trabalho forçado para todos os cidadãos alemães, pois que tudo o que é feito à força conduz sempre a resultados negativos. Não é com trabalhos esforçados, poderoso Hitler, que levantarás a grande nação, de que és o mentor, ao apogeu do bem-estar, poder e glória, mas sim com a esterilização que, *in partibus*, já adoptaste. (Matta 1933: 11)

Mata escreve, como conclusão geral, num texto assinado a 15 de fevereiro de 1935 [*sic*]: “O trabalho obrigatório, à força, terá sempre o cunho e a designação de escravatura; e a própria felicidade, incansável e tremebundo Hitler, quando imposta à força, essa mesma, também tem o sabor amargo da escravatura” (Matta 1933: 11). Esta metáfora palatal, “o sabor amargo da escravatura”, dialoga, cremos, com outras metáforas gastronómicas, abundantes na *História Autêntica do Planeta Marte*. A possibilidade de o mundo não realizar o que nele existe em potência é descrita, logo no início, por uma imagem alimentar: os sistemas sociais, como os físicos ou os médicos, teriam a possibilidade de “transformar em fel o néctar”, induzindo uma doença biliosa no corpo, estando a bília associada à inveja e à cobiça (cf. Matta 1921: I).

Mas, se essa transformação é possível, será igualmente possível reverter-la, na natureza física como na natureza social. A questão não está pois na existência das paixões, mas na incapacidade de as dominar, individual ou coletivamente, como bem demonstra o comportamento contido dos habitantes de Marte. A comovida paixão que Montgolfier mostra

por Inídia, a futura esposa, não deixa de ser vista como uma sublime exceção (Matta 1921: 27-29). A serenidade anula qualquer conflito. A cobiça, o adultério e a gula são inúteis, porque tudo é igualmente bom em todo o lado. Talvez por isso o marciano se dedique à arte: precisa que a novidade lhe saia das mãos. Esclarecia ainda o Barão de Feuchtersleben sobre a ausência do “sentimento intelectual” (Feuchtersleben 1921: 62) e o conceito de “escravidão” dos sentimentos:

Chamo escravidão à impotência que tem o homem para moderar ou dominar as paixões. E a abdicação do espírito, o qual, despojado de toda a sua força e sujeito à acção das coisas externas, se deixa arrastar para o mal, apesar de não ter perdido a consciência do bem. Como o espírito e a matéria são intimamente ligados, o corpo acha-se então entregue ao poder da natureza, de que é parte. (Feuchtersleben 1921: 97)

7. Alimentação: economia, ética e estética

“Toute cuisine révèle un corps en même temps qu’un style, sinon un monde” (Onfray 1989: 9). Ainda quando esse corpo é coletivo. A paisagem e os mapas de Marte refletem naturalmente a variedade da alimentação e a qualidade de vida dos marcianos, bem como a sensatez dos políticos em Marte. As paisagens do planeta encontram-se equilibradamente representadas por zonas de jardim, de pomar, de searas e de hortas, não sendo de menor importância a paisagem de floresta selvagem, ainda com exemplares seculares e vigorosos de árvores que, se existissem na Terra, logo seriam cortadas (cf. Matta 1921: 15, 16, 17, 18, 47). Marte é um correto “mundo às avessas”: tudo ao contrário – comenta José Nunes da Mata, nas notas do narrador/tradutor – do que sucede em Portugal, onde “o culto da árvore é apenas a fingir”, como se prova pelo Dec.º 4700 de 26/6/1918, n.º 22 da autoria do “ditador Sidónio Pais”, e que os incompetentes que se lhe seguiram deixaram em vigor (cf. *Ibid.*:

47n). O mesmo dirá, fora desta autoficção, José Nunes da Mata, autor de um livro sobre *A Guerra à Árvore pela Própria Lei*, publicitada na contracapa da *História Autêntica do Planeta Marte*.

De que se alimenta um marciano? De tudo um pouco, regradamente. Terá à sua disposição (em abundância, higiene e variedade) todo o tipo de frutas e legumes, leguminosas e cereais. Não havendo alimentos proibidos em Marte, os seus habitantes controlarão a ingestão de carne e de açúcar. Usarão como adoçante o mel. A *História Autêntica do Planeta Marte* não é uma utopia vegetariana, como muitas outras (cf. *v.g.*, Reis 2004, Sargent 2015: 25): o marciano come algumas vezes peixe e ainda mais raramente carne, mas tem em consideração o seu valor proteico e o seu tempo ritual, próprio e excepcional (Matta 1921: 102). O mel é um dos alimentos que o marciano mais enobrece: sendo uma dádiva da natureza, de grande valor nutritivo, devem os habitantes de Marte cuidar dessa natureza, tratando das colmeias e dos espaços em que estas se desenvolvem. É enorme a importância que os marcianos dão à apicultura (*Ibid.*: 60). Também neste domínio José Nunes da Mata comenta a diferença que existe entre os políticos em Marte e os políticos portugueses. Em Portugal, estragam-se as colmeias para tirar o mel, e os políticos legislam atabalhoadamente, sem ter em consideração a fragilidade dos processos de polinização dos campos e as vantagens da apicultura (*v.g.*, *Ibid.*: 60n). O mesmo dirá, fora da autoficção, José Nunes da Mata, autor de um livro sobre *Apicultura Prática Mobilista*, igualmente publicitada na contracapa da *História Autêntica do Planeta Marte*.

Como se alimenta um marciano? Devagar, insalivando bem os alimentos, tomando-lhes o gosto, sem gula, “parecendo, não animais comendo com apetite, mas químicos preparando reagentes para deitarem no cadinho do estômago” (Matta 1921: 102). O marciano come como faz amor: com cuidado mas sem paixão, não tomando o que come como sua propriedade, desconhecendo ao mesmo tempo a gula e o ciúme (cf. *Ibid.*: 105).

Onde se alimenta um marciano? Em restaurantes, salões comunitários. Não come sozinho: senta-se nas mesas públicas, onde quotidianamente todos convivem na maior fraternidade, partilhando os alimentos de que

todos foram cuidando, cada um à sua maneira e no seu momento. Durante as refeições, há música e danças. Antes e depois das refeições, os espaços são preparados para reciclar os resíduos orgânicos, minimizando-se o esforço bruto e o contacto com as matérias salubres (*Ibid.*: 112-114).

Quem confeciona os alimentos em Marte? Todos. Porque efetivamente todos trabalham para todos (do trabalho nos campos à reciclagem dos resíduos alimentares), alternando as funções de quatro em quatro anos. Ninguém é poupado ao trabalho manual, nem as mulheres nem os governantes: assim aprendem a respeitar o trabalho dos outros, seja nos serviços gerais, seja nos serviços especiais, que requerem pessoal selecionado, com formação mais específica. O sentido do bem comum e a ligeireza dos trabalhos manuais (há máquinas para o amanho dos campos e lavandarias para a limpeza das roupas) justificam a geral disponibilidade (*Ibid.*: 112-114 e 115).

Porque se demora Montgolfier na descrição da alimentação em Marte? Porque há no ato da nutrição uma transversalidade da forma e do conteúdo. O livro do Barão de Feuchtersleben explicita-o: “Penetremos bem esta ideia: na pessoa humana o estado physico é a expressão do estado moral” (Feuchtersleben 1921: 17). E o relato de Montgolfier exemplifica-o: um dia, quando se sentia mais cansado, deram-lhe a beber um aromático leite de cabra, com uns preciosos bolos de creme e mel, numa taça de puro cristal – a taça em que foram servidos os alimentos faria como os bolos parte da cura (Matta 1921: 19). Para todos os marcianos era óbvio o efeito da beleza e do prazer (*Ibid.*: 116-117). *Mens sana in corpore sano*, diziam amiúde os marcianos por outras palavras que não as latinas (*Ibid.*: 108). O Barão de Feuchtersleben cita sobretudo Johann Casper Lavater e os seus *Fragments physiognomiques* (1775-1778) para demonstrar a ligação entre a beleza física e a beleza moral: a alegria, o sorriso, a saúde, tal como os tiques nervosos, a expressão do mau humor ou a doença, acabam por exercer, ao longo dos anos, uma ação permanente nos músculos e no tecido celular que mantém ou altera as proporções (Feuchtersleben 1921: 19). Na utopia de Mata, a beleza dos habitantes de Marte (masculina ou feminina) é

acima do mais um sinal de saúde e felicidade. Como diria o Barão de Feuchtersleben, “o espírito tem venenos que matam o corpo, e frutos benéficos que o conservam e curam” e a natureza funciona como “um tribunal secreto” (Feuchtersleben 1921: 20 e 21).

Em Marte, os brocados não têm procura, porque os tecidos devem ser confortáveis. As joias são inúteis, porque todos podem ter o que os outros prezam. Os perfumes também se não usam, mas o melhor perfume é o que advém da limpeza e da saúde (Matta 1921: 115-116).

Considerações finais

O principal interesse dos estudos sobre a alimentação não está no conhecimento da alimentação por si só, mas nos sistemas semânticos que tais estudos possibilitam e revelam, obrigando o investigador a uma prática intertextual (de cruzamento de textos literários e não literários) e interdiscursiva (de cruzamento de perspectivas científicas diversas, biológicas, estatísticas, históricas, antropológicas, filosóficas). Parecem ter precisamente por principal vantagem o que é por outros visto como um defeito: a constante ponderação de diferentes tópicos, teorias e métodos (cf. Miller/ Deutsch 2009: 4). É essa indefinição ponderada que possibilita, afinal, a visão holística. Esta indefinição metodológica dos Estudos sobre a Alimentação (*Food Studies*) parece ser especialmente útil no estudo das utopias que postulam uma coerência dita “natural” entre a forma de pensar e a forma de agir:

The strength and weakness of looking at utopianism around an issue like food is that the material is generally buried in considerations of other issues. The weakness is that while you do get descriptions of meals, rarely is the point the food; in fact, there is little detail about food as food. The point will be about everything from the social structure of the society [...], or in the way labour is distributed [...], or how the food got to the

table, as in those that discuss farming or life in the country and those in which food is produced chemically. The strength, and this is the strength of utopian literature, is that you see how things are interrelated [...]. (Sargent 2015: 27)

Uma análise da alimentação na *História Autêntica do Planeta Marte* demonstra-o bem. Independentemente da questão formulada, o relato de Montgolfier leva-nos a reconsiderar a *existência* de determinados sistemas sociais, económicos, políticos, éticos e estéticos. A sobreposição de pontos de vista, variáveis no espaço e no tempo, incentiva o cruzamento das informações históricas e geográficas: tal é a responsabilidade dos níveis extradiagético e intradiagético da narrativa, cabendo à autoficção, e à consequente sobreposição dos vários níveis de credibilidade, tornar mais verosímil a utopia e levar-nos, quiçá, a reconsiderar algumas possibilidades da inverosimilhança. Afinal...

[...] sendo o nosso trabalho, como realmente é, a tradução rigorosa do original roubado, não havendo n'ela uma única palavra da nossa lavra, que direito nos assiste, que consciência é a nossa, para assim deixarmos no olvido o útil e interessante assunto que a todos os povos da Terra pertence e de que até agora temos sido egoísta depositário?! (Matta 1921: IV)

Referências bibliográficas

- Aristóteles (2010), *Sobre a Alma*, trad. Ana Maria Lóio, Lisboa, IN-CM.
 Barthes, Roland (1988), *O Prazer do Texto*, trad. M. Margarida Barahona, Lisboa, Edições 70.
 Booth, Wayne (1983), *The Rhetoric of Fiction*, Chicago, University of Chicago Press.
 Brocos, Modesto (1930), *Viaje a Marte*, Valencia, Arte y Letras.
 Bruinius, Harry (2006), *Better for All the World. The Secret History of Forced Sterilization and America's Quest for Racial Purity*, New York, A. A. Knopf

- Carton, Paul (1920), *Traité de médecine d'alimentation et d'hygiène naturistes*, Paris, A. Maloine & Fils.
- Colonna, Vincent (2004), *Autofiction et autres mythomanies littéraires*, Paris, Tristam.
- Combe, Dr. Ad. (1917), *Comment se nourrir en temps de guerre*, Lausanne-Paris, Lib. Payot.
- Eco, Umberto (1995), *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, trad. Wanda Ramos, Lisboa, Difel.
- Feuchtersleben, Barão de (1921), *Hygiene da Alma*, versão portuguesa de Ramalho Ortigão, 10.^a ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira.
- Fitzpatrick, Joan (2013), "Food and Literature. An overview", in *Routledge International Handbook of Food Studies*, ed. Ken Albala, London-New York, Routledge.
- Genette, Gerard (1972), *Figures III*, Paris, Seuil.
- Genette, Gerard (1991), *Fiction et Diction*, Paris, Seuil.
- Gusdorf, Georges (1985), *Le Savoir romantique de la nature*, Paris, Payot.
- Jaureguizar, Augustin (2009). "El Viaje a Marte de Modesto Brocos", in *Arbor. Ciencia, Pensamiento y Cultura*, n.º CLXXXV 740, nov.-dic. pp. 1313-1322. Disponível online: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/397>
- Lima, J. A. Pires de (2010), *Vice-Almirante José Nunes da Matta...*, s.l., ed. Autor.
- Malato, Maria Luísa (2014a). "A importância de ser simpático: duas releituras de Benito Feijoo no século XX: Pascoaes e Brocos", in *Cuadernos de Estudios del Siglo XVIII*, Oviedo, Univ. de Oviedo-Instituto Feijoo de Estudios del Siglo XVIII, n.º 23, pp. 81-99.
- Malato, Maria Luísa (2014b). « L'Histoire Véritable de la Planète Mars », *Carnets : revue électronique d'études françaises* (Ile série, n.º 1, 2014- volume intégral), Dir. Ana Clara Santos, Maria de Jesus Cabral, pp. 167-184, disponível online : <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12364.pdf>
- Malthus, Thomas Robert (1798), *An Essay on the Principle of Population*, as it affects the future improvement of society. With remarks on the speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet and other writers, London, J. Jonhson.
- Manguel, Alberto (1998), *Uma História da Leitura*, trad. Ana Saldanha, Lisboa, Presença.
- Matta, José Nunes da [c/ pseud. Henri Montgolfier] (1921). *História Autêntica do Planeta Marte*, trad. José Nunes da Matta, Lisboa, Typ. Cooperativa Militar.
- (1915), *Apicultura Pratica Mobilista*, Lisboa, Typ. Liv. Ferin.
- (1916), *O Sonho de Kaiser: versos heróicos referentes á maldição do Kaiser, lançada por Deus, o seu grande amigo*, 2.^a ed., Lisboa, Ferin.
- (1921b), *A Guerra à Árvore feita pela própria lei e a sua nefasta influência na agricultura e turismo*, Lisboa, Emp. Nac. de Ind. Graficas
- (1928), *Instrução Literária e sua Influência na Educação*, [s.n.], SGE.
- (1933), *Entre Dois Males*, Lisboa, Imp. Armada.
- (1936), *Miseranda Humanidade*, Lisboa, Imp. Armada.
- (1936b), *Divagações em Verso a Respeito de Duas Irmãs Gémeas: paz e esterilização*, 2.^a ed., Lisboa, Imprensa da Armada.
- Miller, Jeff/ Deutsch, Jonathan (2009), *Food Studies. An Introduction to Research Methods*, London-New Delhi-New York-Sydney, Bloomsbury.
- Morus, Thomas (2006), *Utopia*, ed. Aires A. Nascimento, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Onfray, Michel (1989), *Le Ventre des philosophes. Critique de la raison diététique*, Paris, Gasset.
- Reis, José Eduardo (2004), *Irmânia*, Vila do Conde, Quasi.
- Rousseau, Jean-Jacques (1996), *Du Contrat social ou Principes du droit politique*, Paris, Librairie Générale Française.
- Rota Parede Republicana*, (s.d.). Disponível online: <http://www.cascais.pt/rota/rota-parede-republicana> (acesso em 5/3/2017).
- Sargent, Lyman Tower (2015), "Everyday life in utopia: Food", *Food Utopias. Reimagining citizenship, Ethics and Community*, ed. Paul V. Stock, M. Carolan, C. Rosin, London-New York, Routledge, pp. 14-32.
- (2016), "Food Studies and Utopia: why they need each other", *Food Futures. Ethics, Science & Culture*, ed. I. Anna S. Olsson, Sofia M. Araújo, M. Fátima Vieira, Wageningen, Wageningen Academic Publishers, pp. 25-27.

Notas

1. Na contracapa, em “Outras publicações do mesmo autor”, a *História Autêntica do Planeta Marte* consta ainda na lista como tradução. E o exemplar impresso de que nos servimos prolonga este jogo de José Nunes da Mata com os seus leitores, ainda na dedicatória de oferta a um jovem estudante. À mão, escreveu ele na parte superior da “Explicação prévia do tradutor” (p. I): “Ao seu estudioso amigo e distinto aluno do liceu, Snr. Ant.º Bs.º Lopes de Oliveira, em nome do autor, oferece o tradutor// José Nunes da Matta”.
2. O presente trabalho foi realizado no âmbito do Projeto ALIMENTOPIA / Utopian Foodways, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização – COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680).
3. Introdução da autoria de Maria Luísa Malato, reproduzindo, com algumas variantes, o artigo *online*: Malato, M. L. (2017). Alimentação em Marte: a higiene da alma numa autoficção de José Nunes da Matta (1921). *Cadernos De Literatura Comparada*, (36). Obtido de <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/422>
4. Estes elementos biográficos podem ser lidos em J. A Pires de Lima (2010, *passim*). Também na Agenda-Cascais se encontrou a seguinte informação: “Na Parede instalaram-se, desde finais do século XIX, outros importantes republicanos e maçons, como João de Arriaga, João Luís Ricardo, José Lopes de Oliveira, Barbosa de Magalhães e Orlando Marçal. Também Francisco Grandella construiu a sua habitação de veraneio na Parede, sabendo-se que Bernardino Machado, António José de Almeida, Guerra Junqueiro, Gago Coutinho e Leote do Rego visitaram a localidade” (s.p., *online*).
5. “Combatia-se no ar, em todas as alturas, por meio de aeronaves blindadas que se contavam por milhares, despenhando-se, por vezes, das altíssimas regiões, agarradas umas às outras ou isoladas, ficando os aparelhos e aeronautas reduzidos, no solo ensanguentado, a massas informes. O mar cobria-se de enormes couraçados que mutuamente se despedaçavam e afundavam, no meio do ensurdecido atropelamento dos canhões e dos pavorosos

estampidos das granadas; enquanto nas profundezas das águas, os traiçoeiros submarinos, quasi às apalpadelas, entre si se chocavam, ficando tudo sepultado nos abismos insondáveis! Em terra, era ainda mais tremendamente horrendo esse combate violento de vinte milhões de homens de guerra, tendo à sua disposição os mais potentes maquinismos de mútua destruição. [...] O ódio, a cegueira e a desorientação eram tão grandes, no turbilhão do louco frenesi da guerra, que os combatentes chegaram a abrir galerias debaixo da terra em direção às galerias do inimigo, dando-se temíveis combates tenebrosos debaixo do solo” (Matta 1921: 69-70).

6. A 1 de outubro de 1921, data em que José Nunes da Mata assina, quer a “Explicação prévia do tradutor”, quer a “Explicação final do tradutor”, na edição da *História Autêntica* que atribui a Montgolfier, ainda não tinha começado em Washington o Congresso de Desarmamento (*Washington Arms Conference* ou *Washington Disarmament Conference* ou ainda *Washington Naval Conference*), que decorreu de 12 de novembro de 1921 a 6 de fevereiro de 1922. Mas já estava anunciada, pelo menos desde 11 de agosto de 1921: sob os auspícios da Liga das Nações, e convocada pelo presidente dos EUA, Warren Harding, para promover o desarmamento global, reuniria os países envolvidos na guerra (EUA, Japão, China, França, Grã-Bretanha, Itália, Bélgica, Holanda e Portugal), mas excluiria a Alemanha e a Rússia.
7. Mata refere a fome, existente em Lisboa e na Parede, escondida entre quatro paredes húmidas: “E dentro deste tugúrio almoçam, jantam, choram e dormem um casal humano e cinco ou seis filhos ou mais! [...] Aqui em Parede, aonde passamos uns sete meses do ano, um carregador da estação, sífilico [*sic*] e alcoólico, casado com uma mulher robusta e boa criadora, fez-lhe deitar à luz da vida treze crianças infelizes, de que onze morreram ainda novinhas, torturadas por lancinantes dores e aflições. [...] um trabalhador pobre e apenas possuindo modesta choupana e uma pequena horta, em seguida ao primeiro filho, verificou que a mulher não tinha leite para o amamentar. Pois fez-lhe deitar a este mundo dezassete filhos! [...] deitar ao Mundo com a certeza que hão de morrer de doença ou fome, é muito pior e muito mais criminosos do que o aborto, quando o gérmen ainda não tem sensibilidade” (Matta 1936: 12-13).

Explicação prévia do tradutor

[José Nunes da Mata]

Um mero e feliz acaso colocou em nossas mãos a *História Autêntica do Planeta Marte*, escrita por Henri Montgolfier daquele planeta nosso vizinho, e pelo próprio autor mandada diretamente para a Terra. Mas a sorte, que sempre nos tem sido adversa, mais uma vez, ao termos concluído a tradução do precioso livro, transformou em amargo fel o néctar enganoso da justificada satisfação que nos inundava. E por tal modo o fez que, durante trinta e seis anos, mantivemos a inabalável resolução de não publicar o nosso fiel e rigoroso trabalho!

Mas não vale a pena magoar o leitor com sentidas lamentações, e limitemo-nos a contar tudo como se passou, pois, de antemão, temos a certeza de que nos acompanhará nos nossos pesares.

Na noite de 31 de janeiro de 1885, passeávamos nas ribas da ilha de Guernsey, a pequena distância da povoação de Vale. O mar estava tranquilo, espreado-se docemente em cordões de espuma que, alumiados pelos raios da Lua, cintilavam docemente nos pequenos areais que demoram entre os rochedos. Número considerável de estrelas cadentes cortavam a alta atmosfera, parecendo deixar atrás de si um rasto de luz que rapidamente desaparecia. A solidão do local, a serenidade do céu e o brilho dos astros convidavam à meditação. Com os olhos arregalados, como que tentávamos desvendar os insondáveis mistérios que se escondem através dos espaços celestes incomensuráveis. O planeta Saturno, um pouco a oeste e sul da estrela Cabra, e ainda projetado na constelação

de Oríon, não devia estar muito longe do meridiano, enquanto Júpiter, projetado na constelação de Leão e um pouco a leste e sul da estrela Regulus, se erguia imponente no oriente...

Fomos sentar-nos num rochedo que domina o mar, donde víamos as rochas que rodeiam a ilha pelo norte e ouvíamos o eterno gemer do mar nos seus embates, ora doces e acariciadores, ora bruscos e arrogantes, distinguindo também, do lado da terra, aqui e acolá, a curva sinuosa da estrada que vai de Vale a [Saint] Pierre-Port. Permaneceríamos muitas horas naquela muda contemplação, apesar do intenso frio, se um clarão, aparecendo repentinamente na alta atmosfera, e um ruído surdo e prolongado nos não acordassem daquele contemplativo letargo. Um corpo inflamado, uma espécie de bala de fogo de grandes proporções, cortava a atmosfera do oriente para o ocidente, por cima da ilha, indo cair ao mar a pequena distância, e afundando-se com grande estampido. Era um aerólito de colossais proporções que do espaço descia à profundidade das águas. O nosso pasmo só podia ser comparável ao indescritível frenesi que, contra a nossa razão e vontade, nos dominava. Enquanto, porém, com a vista seguíamos, cheios de interesse, o aerólito no espaço, uma faísca inflamada passou sibilante perto de nós, indo apagar-se, a pequena distância, em um areal entre dois rochedos.

Na justa suposição de que a faísca inflamada fosse causada por algum fragmento incandescente do aerólito, corremos ao local onde a vimos cair e, depois de a procurarmos, conseguimos tocar com as mãos num corpo quente que nos escaldava e que exalava perceptível cheiro sulfuroso. Não havia a menor dúvida de que estava na nossa presença um fragmento do aerólito. Estendemo-nos na areia, a dar tempo a que aquele arrefecesse, com desculpável impaciência apalpando, volta e meia, a parte que não estava enterrada na areia. Sem darmos tempo a que arrefecesse bem, e tendo-o envolvido com o nosso sobretudo, por estar ainda muito quente, levantámos do solo o precioso objeto que, desde logo, vimos ter a configuração de uma caixa metálica pesada.

Correndo, ou antes voando, tão grande era a velocidade com que andávamos, nos dirigimos ao pequeno hotel onde estávamos hospedados,

entrando no nosso quarto e acendendo uma vela. Vimos então, com verdadeiro assombro, misturado dum impaciente alegria, que o objeto era realmente uma caixa de metal muito rijo, rigorosamente fechada. Depois de a mirarmos dum lado e outro, no intuito de a abrir, sempre, por último, percebemos o engenhoso sistema que a fechava. Ao abri-la, deparámos dentro com um livro de capa metálica muito rija, gravada com figuras simbólicas e cujas folhas tenuíssimas, dum metal branco muito rijo também, vinham escritas em francês com letras gravadas a preto perfeitamente legíveis.

Apesar de não acreditarmos em bruxarias e artes diabólicas, julgámos, de momento, estar sendo vítimas da sua maléfica influência, redemoinhando em nosso cérebro os contos fantásticos que, em criança, ouvíamos entusiasmados à velha Silvéria. Entretanto, enchendo-nos de coragem, passámos a folhear o maravilhoso livro e, em bom francês, encontrámos a rápida história cosmológica, geológica, geográfica, política e social do planeta Marte, assinando-se, como seu autor, Henri Montgolfier.

Regressámos imediatamente a Portugal e, mantendo a respeito deste assunto o mais absoluto segredo para com toda a gente, inclusive com as pessoas de família, passámos a fazer a tradução do maravilhoso livro. Não fizemos a publicação, assim que concluímos aquela, pelo motivo atendível do autor do livro pedir, em nota final, que, no caso de em Terra cair algum dos cinquenta exemplares que, nas altas regiões de Marte, devem ter sido atraídos pelas estrelas cadentes, ninguém fizesse a publicação da cópia ou tradução do original, sem primeiro ter entregue este no museu do Louvre, em Paris.

Por isso, logo que a tradução ficou concluída, sem avisarmos ninguém para onde íamos, entrámos num comboio em direção a Paris, metendo a caixa metálica com o livro em uma mala grande de mão que nunca largámos de vista. Na carruagem colocámos a mala na nossa frente, não pregando olho de noite, com receio de que alguém a roubasse. Estes excessivos cuidados, a persistência com que olhávamos a mala, deixando transparecer exagerada alegria, chegando a erguer-nos para lhe passar a mão por cima, como quem afaga um ente querido, é que foram para nós a causa de cruel desapontamento e, diremos, desgraça.

Um passageiro que seguia ao nosso lado desde Salamanca, ao ver os nossos gestos exagerados e os olhares ternos que para a mala deitávamos, passou também a não tirar dela os seus cobiçosos olhos. Ora, já perto de Paris, o sono, a que até aí tínhamos heroicamente resistido, atacou-nos com tão diabólico vigor que nos deixámos cair nos braços de Morfeu, só acordando quando o comboio chegava à estação, já em Paris. Ao acordarmos, logo olhámos para o lugar da mala e, não vendo esta, soltámos um grito de tão torturante dor que todos os passageiros se assustaram. E, não vendo o infame que vinha a nosso lado, logo supusemos que fosse ele o malvado roubador, o que nos foi confirmado pelos presentes.

Imagine, quem quiser, o desgosto lancinante, a dor angustiosa de que nos deixámos possuir. Imagine, quem quiser, pois que não há palavras que possam dar uma leve ideia do nosso desapontamento e desespero. Desorientado, como doudo, percorremos todas as carruagens, na fátua esperança de encontrar o roubador da mala. Baldada esperança! O infame havia-se apeado na estação anterior, enquanto, mísero de nós, nos deixávamos vencer do maléfico sono!

No entanto, movido do inadmissível pensamento de que o roubador tivesse um bocado de consciência e medisse o grande alcance científico do livro, e que, por isso, em cumprimento da nota do fim do mesmo, o entregasse no museu do Louvre, enquanto estivemos em Paris, todos os dias fomos a este museu indagar se alguém tinha entregue aquele, sendo-nos dada sempre a resposta invariável de que ninguém.

Desesperado, sucumbido, amaldiçoando o nosso exagerado entusiasmo que denunciou o grande valor contido na mala, e bramando contra o invencível e implacável sono no momento em que o comboio estava a chegar ao seu destino, regressámos a Portugal, diligenciando aparentar rosto alegre e satisfeito, a ninguém relatando o caso aborrecido e lamentável.

Tínhamos razão para termos um real e fundo desgosto. Com efeito, se não nos roubassem o livro e o tivéssemos entregue no museu do Louvre, a veracidade da nossa tradução era garantida por aquele. E quem duvidasse da sua exatidão, não tinha mais do que ir a Paris e folhear o original no museu onde se encontrava. Mas, tendo sido roubado e, por certo, destruí-

do, no intuito da venda do precioso metal, já não havia a prova concludente que defendesse a tradução das prováveis e injustificáveis dúvidas. Por isso, vencido de lamentável tibieza altamente condenável, pois se o original pertencia de direito a toda a Terra, a tradução também devia pertencer, pegámos nesta e atirámo-la para um caixote com outros papéis inúteis.

Ao presentirmos, porém, a morte adejar próxima, a nossa consciência revolta-se cada vez com mais energia contra o nosso indevido melindre e condenável tibieza. Com efeito, sendo o nosso trabalho, como realmente é, a tradução rigorosa do original roubado, não havendo nela uma única palavra da nossa lavra, que direito nos assiste, que consciência é a nossa, para assim deixarmos no olvido o útil e interessante assunto que a todos os povos da Terra pertence e de que até agora temos sido egoísta depositário? É possível haver alguém que injustamente duvide da veracidade da tradução? É possível que toda a gente, contra a realidade dos factos, duvide?... Paciência!... O nosso dever é fazer a publicação. Depois desta feita, já podemos bater à porta de S. Pedro sem receio de que nos rache a cabeça com a chave do Céu; e não levamos na consciência o pungente remorso de termos sepultado connosco o único documento até hoje mandado do planeta Marte, e que, de direito, a toda a Terra, como dissemos, pertence. Eis aqui a razão por que fazemos a publicação.

Parede, 1 de outubro de 1921.

José Nunes da Mata.

Aviso prévio. – As notas, no fim das páginas, com letras minúsculas são do autor, e as numéricas são do tradutor. Como a tradução é feita com todo o rigor, se alguém duvidar das descrições feitas por Montgolfier e das ideias, estado social e teorias que atribui aos marcianos, queira replicar-lhe para Marte. Pela nossa parte, só temos a responsabilidade da explicação prévia e das notas numéricas.

O tradutor

[José Nunes da Mata]

História Autêntica do Planeta Marte

Henri Montgolfier

Dedicatória

Este livro, escrito do Planeta Marte, é dedicado aos desgraçados moradores da Terra, minha primitiva pátria, onde passei os anos da infância e da mocidade, e da qual fugi, a fim de que os meus restos mortais não ficassem no mesquinho planeta, onde, por fraqueza e inépcia da maioria dos homens e por ambição e maldade de quâsi todos, se vive num inferno de ódios, invejas, revoltas, opressões e guerras constantes. Sirvam esta dedicatória e este livro de provas inequívocas de que, apesar de me sentir altamente feliz neste abençoado e pacífico planeta em que me encontro, mansão de justos, inteligentes, felizes e sensatos habitantes, não posso, contudo, esquecer e deixar de me interessar pela minha pátria primitiva.

Além deste exemplar, entreguei mais 49, iguais e igualmente acondicionados, aos corpos celestes espalhados pelo espaço, indo cada um em um pequeno balão, na esperança de que, tarde ou cedo, algum vá cair na Terra. Quando isso porventura venha a suceder, é muito provável que os meus restos mortais para sempre repousem no solo abençoado deste pacífico e feliz planeta Marte.

A todos vós, Povos da Terra, envio muito saudar com os sinceros votos para que imiteis os Povos do planeta onde estou:

Planeta Marte, aos 50 dias do ano 100 000¹ da Era de Constantínio.

Henri Montgolfier

¹ Os 100 000 anos de Marte correspondem a 188 082 da Terra. [N.A.]

Causa da minha fuga da Terra

I A minha mocidade

Nasci em Marselha, em 25 de janeiro de 1775. Meus pais eram abastados e, pelo seu bom exemplo e pela leitura de bons livros que me davam, incutiram-me o amor da liberdade e ódio à tirania. Eu lia, com solicitude e sofreguidão, os livros de ciência e principalmente os de filosofia, que então se encontravam espalhados por toda a França, e que tão poderosamente concorreram para a grande revolução.

Antes de passar adiante e para evitar equívocos, devo declarar que creio não ser parente dos célebres Montgolfier que tiveram, os primeiros, a grande ideia de fazer subir ao ar um balão. Mas, posto não seja parente, contudo, desde criança, tive sempre predileção pelo seu maravilhoso invento.

Não me demorarei na descrição dos primeiros anos da minha infância. Conforme disse, os meus livros favoritos eram os de filosofia, dedicando-me também com assiduidade ao estudo da astronomia. Lia com avidez os livros que tratavam dos estudos e descobertas de Galileu, Laplace, Copérnico, Kepler, e outros; e enquanto, por um lado, me deixava arrastar, em apaixonado entusiasmo, na torrente revolucionária que comovia e exaltava a França, por outro lado, era capaz de estar horas e noites seguidas em contemplação tranquila dos inúmeros astros e nebulosas da abóbada celeste. Quem me visse então duvidaria de que eu

fosse o ente irrequieto que frequentava os clubes com frenesi revolucionário e, por certo, teria em pouca conta o meu bom senso, pela discordância sensível entre o meu espírito contemplativo exagerado e a minha paixão política, talvez ainda mais exagerada.

As ideias revolucionárias, mas sensatas, dos Girondinos, e mesmo de alguns dos vultos proeminentes da Montanha, enchiam-me de grande entusiasmo. Movido do meu espírito otimista e da minha natural sinceridade, eu antevia já uma idade de ouro para todos os povos, sob a benéfica influência da Revolução Francesa. A liberdade, o bem-estar geral, a fraternidade e igualdade dos povos e dos indivíduos iam ser uma realidade. As fronteiras entre as nações iam desaparecer, a paz universal passaria a existir por toda a Terra; e esta seria um paraíso de bem-estar e venturas, um éden jubiloso, sublime e divino!...

A Revolução, entretanto, seguia a sua marcha, por vezes tremenda e sanguinária, o que muito me atormentava sem, contudo, perder a esperança no futuro. Mas quando vi subir à guilhotina os moderados e doutrinários Girondinos, os verdadeiros filósofos da revolução, e por último os mais apaixonados e sinceros dos vultos da Montanha, o fogoso e eloquente Danton, o inteligente e puro Camille Desmoulins e outros, e ainda, por fim, o próprio Robespierre, dominador e sanguinário, mas talvez convicto, e o implacável mas patriota Saint-Just, comecei a ter horror à revolução e bem assim aos indivíduos da minha raça e aos homens em geral. No planeta Terra não era, pois, possível haver felicidade completa; a república, em que tanta esperança eu depositara, não fazia o milagre a que eu aspirava. Nestes momentos de cruel desânimo, chorei lágrimas de sangue pelas vítimas e pelas consequências nefastas para o bem-estar e paz universal, escondendo-me de toda a gente, para não ver o mísero e odioso animal homem, a cuja raça eu tinha horror de pertencer.

O estado do meu espírito recebeu o seu golpe final, tremendo e deplorável, quando Bonaparte, em 5 de outubro de 1799 (*18 Brumaire*), à frente dos seus granadeiros expulsou o Conselho dos Quinhentos da sala das suas sessões, deitando por terra a República que com tanto sangue e tanta lágrima havia sido cimentada. Finalmente a França, consagrando o

tirano Bonaparte como cônsul em 10 de novembro de 1799, como cônsul em vida com direito a escolher sucessor, em 2 de agosto de 1802, e como imperador em maio de 1804, matando, de vez, a República, acabou de me firmar na resolução, que desde 5 de outubro de 1799 formara, de empregar todos os meios para evitar que os meus restos mortais ficassem no maldito planeta que me deu o ser.

II Preparação do plano de fuga

Há ocasiões durante o ano, e especialmente nos meados dos meses de agosto e novembro, em que um grande número de estrelas parecem deslocar-se no espaço, dando a impressão de deixarem atrás de si um rasto luminoso. Estes corpos que, indevidamente, são chamados “estrelas cadentes”, nem são estrelas a valer, nem, como regra geral, são cadentes. Não são estrelas, porque as estrelas a valer encontram-se a uma distância quási infinita, e são, no geral, tão grandes e, por vezes, maiores do que o Sol; e os corpos que deixam rasto são, em média, do tamanho duma casa pequena. Não são cadentes, pela razão de que mui raríssimas vezes caem, sendo o seu brilho devido ao aquecimento causado pela sua fricção contra a atmosfera terrestre. Às vezes, porém, descem até próximo da superfície da Terra, dando-lhes os astrónomos, então, o nome de *bólides*. Estes passam, quási sempre, sem caírem, mas há exemplos de caírem na Terra ou de deixarem cair alguns fragmentos da sua massa, a que os referidos astrónomos dão o nome de aerólitos.

O meu plano de evasão da Terra consistia, pois, em subir num balão em um dia em que se vissem muitas estrelas cadentes, na esperança de encontrar alguma mais baixa que, atraindo aquele, o levasse para os espaços infinitos, e me livrasse do grande desgosto de morrer na abominada Terra, e de nesta permanecerem eternamente os meus restos mortais. É certo, porém, que podia dar-se a circunstância de que não topasse nas altas regiões atmosféricas com

um bólido, e que fosse cair no mar ou numa região deserta; mas eu preferia isso a morrer e ficar enterrado num país dos que imprópriamente a si mesmos se classificam de civilizados. A minha aspiração principal, o meu subido empenho, era o de ser transportado por um bólido, na esperança de neste girarem eternamente os meus restos mortais, ou serem arremessados num planeta que não fosse a Terra².

Para levar a efeito o meu plano, fui viver para um sítio ermo e retirado, onde com frenesi dei princípio à construção do meu balão que em agosto de 1804 estava pronto.

III A subida do balão

Chega, finalmente, o dia, para mim memorável, em que resolvi despedir-me da vida com toda a certeza, na esperança um tanto duvidosa de me despedir também da Terra. Na madrugada de 15 de agosto de 1804, o céu foi alumiado por grande número de estrelas cadentes, passando algumas perto da superfície do nosso planeta. Sem a menor demora, freneticamente, dou princípio ao enchimento do balão por meio do gás hidrogénio. O seu volume aumenta rapidamente e a forma de pera quasi esférica cada vez se torna mais definida.

Embora tivesse recomendado o maior sigilo aos artistas que me auxiliaram na confecção do balão e agora no seu enchimento, decerto devido à tagarelice de algum deles, com desgosto meu vi chegarem muitos curiosos, cujo número constantemente aumentava. A fim de evitar o rápido arrefecimento, e tendo em mente a ideia absurda de me conservar com vida até encontrar uma estrela cadente baixa ou bólido, arranjei para barquinha uma caixa de ferro com um forro interior de vidro e mais dois de grossa cortiça, sendo esta por sua vez coberta de fofo e largo colchão de lã, havendo na caixa apenas uma pequena fresta, onde mal passava o meu corpo.

² As estrelas cadentes giram no espaço, descrevendo orbitas elípticas que passam por diversos planetas. [N.A.]

Por volta das nove horas o balão estava quase cheio, fazendo grandes esforços para romper as prisões que o seguravam à Terra. Conforme posso, entro para a caixa, entalo-me no meio do colchão, e dou a voz da largada... Adeus planeta Terra, ínvia e tristonha pátria minha! Adeus incorrigível e nefasto animal homem, adeus família, adeus vida, adeus tudo!... O balão eleva-se rapidamente no espaço, estrugindo os aplausos da multidão, entre os quais feriu o tímpano dos meus ouvidos um grito lancinante. Era o de minha bondosa mãe que, perdida de dor e aflição, arrancava, de sua estremecida alma, um sentido e desolador protesto, abrindo os braços para o ingrato que, para sempre, a deixava, sem lhe dar um terno abraço de despedida. Já não era tempo; o balão precipitava a sua majestosa ascensão, e os clamores da multidão abafavam os gritos aflitivos da pobre, debatendo-se na sua imensa dor. Adeus, querida mãe, para sempre adeus!... repetia eu, debilhado em lágrimas; adeus família, adeus amigos, adeus Pátria, adeus Humanidade inteira, adeus planeta Terra!...

A atmosfera estava límpida e serena, apenas se mostrando nas altas regiões atmosféricas algumas pequeníssimas e raras nuvens. O balão, alumiado pelo Sol que se ostentava radiante no oriente, assim que se encontrou livre das prisões que o seguravam à Terra, logo iniciou a sua ascensão com grande rapidez, mas sereno e majestoso. Não obstante a minha invencível comoção, em virtude do fêrvido embate de sentimentos contrários e exaltados, não me foi indiferente o deslumbrante espetáculo que mais e mais se desenrolava à minha vista, à medida que o balão avançava em subida precipitada para as altas regiões do espaço. Simplesmente sublime e grandioso!... A extensão das regiões que a vista alcançava era cada vez mais vasta e variada, mas a nitidez dos contornos e relevos dos objetos diminuía por modo muito sensível.

As nuvens que, antes da largada, me pareciam pequenas, ao passar por elas, exalçavam-se imponentes e majestosas. A ascensão do balão ainda era rápida, mas não tanto como no princípio. A válvula de segurança já se abrira por duas ou três vezes, e o ar frio e mais rarefeito que o balão atravessava já me causava desgosto e mal-estar. Os relevos das terras desapareciam de todo à apreciação da minha vista, parecendo-me que

a superfície do solo estava coberta de vastíssima névoa ou extenso véu.

A pouco e pouco fui deixando de distinguir por completo as diferentes partes do planeta onde nasci, e na solidão tétrica, mas ao mesmo tempo sublime, em que me encontrava, eu começava a sentir um certo orgulho e satisfação, aliados entretanto de invencível terror, ao fantasiar que o meu balão já não fazia parte da Terra e era uma espécie de pequeno astro independente. A cor azulada do céu, devida à atmosfera, a pouco e pouco variava para uma coloração menos azulada e mais escura, através da qual começava a ver algumas estrelas, vendo também com grande alegria muitas estrelas cadentes que me pareciam deslocar-se com grande velocidade, em razão, por certo, da sua menor distância.

Apesar de estar vestido com fatos de lã fortes, de me ter envolvido em um fofo cobertor também de lã, estar enterrado no meio do colchão de lã e ingerir, de vez em quando, algum vinho velho do Porto misturado com água e mel, contudo cada vez sentia um frio mais intenso e que começava a paralisar-me os movimentos, embora os raios do Sol dardejassem na cabeça, que eu conservava fora da fresta, como se fossem ferro em brasa. Resolvi então aferrolhar a fresta, mas, antes de o fazer, li o barómetro que marcava 458 milímetros e o termómetro que marcava 9 graus abaixo de zero, devendo, por conseguinte, a minha elevação regular por uns sete quilómetros. Em seguida, aferrolhei bem a fresta, estendendo-me no meu apertado leito mortuário de cobertores e colchão de lã. O frio, contudo, não diminuía; as tonturas de cabeça com um zumbido insuportável eram, cada vez, mais fortes; os dedos inteiriçados recusavam-se ao movimento; e eu sentia a vaga impressão de que o sangue havia enregelado nas veias.

Imóvel, enregelado e sem ter o sentimento da vida, o que me vem à reminiscência, a partir deste momento, é como que um pálido reflexo dum sonho ou pesadelo. Não sei por quanto tempo se prolongou este meu estado e se o balão ainda se elevou muito na atmosfera, visto a minha situação ser já a de um morto. No entanto, parece-me ter uma apagada e longínqua impressão de que, durante esse letargo mortuário em que me encontrava, fui áspera e violentamente sacudido, voltando a cair no anterior letargo que não sei se durou anos se durou séculos.

No planeta Marte

I Regresso à vida

Conforme disse, não sei quanto tempo durou o meu letargo ou morte, até regressar à vida neste abençoado planeta Marte, aonde muito feliz me encontro; os próprios sábios marcianos, que me chamaram à vida, nada de positivo puderam concluir a este respeito, visto o meu corpo, em perfeito estado de conservação e sem a mais pequena lesão, poder ter-se conservado assim no éter do espaço durante alguns anos ou durante muitos séculos.

Ao acordar por modo indeciso, ténue e difuso do meu fundo letargo, ou antes morte, encontrei-me metido em uma fofa cama à temperatura de uns 30^o centígrados³, segundo mais tarde me disseram. Quatro gigantes estatuários, com larga frente, de grandes olhos brilhantes e inteligentes, duma expressão muito doce, serena e meiga, rodeavam o meu leito. Enquanto dois deles me davam algumas injeções por todo o corpo, o terceiro roçava a mão em doce massagem pelo estômago, intestinos e peito, e o quarto fazia passar alternadamente por diferentes pontos uma ligeira corrente elétrica. Só no fim de dez dias de tratamento variado

³ Para tornar mais perceptíveis as minhas descrições, emprego os nomes e as medições e escalas que são adotadas em Terra. Quando empregar os que se usam em Marte, digo-o a seguir, ou em nota. [N.A.]

e solícito é que me foi possível abrir os olhos e ver os quatro bondosos gigantes que, com dulcíssimo olhar benévolo e um meio sorriso de satisfação, me chamavam à vida. Uma música melodiosa e um cântico muito suave e harmonioso, que pareciam vir de longínquas regiões etéreas, vibravam docemente nos ouvidos e cérebro, causando-me deliciosa sensação. Neste momento, não me podia passar pela mente onde estava, mas do que tinha a certeza era de que não estava na Terra e que me encontrava em um qualquer outro planeta. Via, pois, cumprida a minha ardente aspiração, sentindo indescritível prazer.

Segundo mais tarde me foi contado, em um dia de muitas estrelas-cadentes, a caixa de ferro, em que eu subi no balão, foi deixada cair de um bólido que passou por sobre a cidade de Sarima, uma das mais antigas e importantes do planeta Marte, afundando-se no canal mais próximo. Logo partiram alguns barcos com mergulhadores, a fim de procurar o precioso aerólito, sendo grande o pasmo quando, em lugar duma pedra meteórica, encontraram uma caixa de ferro. Com todo o cuidado e sem fortes pancadas, arrombaram a caixa, e o assombro dos marcianos subiu de ponto quando encontraram, metido entre colchões, um corpo sem movimento, mais pequeno do que o deles, mas algo parecido.

Desnecessário era dizer que o corpo era o meu. Com todo o resguardo foi logo mandado para o museu zoológico, sendo convidados quatro sábios notáveis para tomarem conta dele e experimentarem se seria possível chamá-lo à vida e acordá-lo do seu letargo.

Assim que os quatro sábios tomaram conta do meu corpo, imediatamente, por meio de lavagens estomacais e intestinais e sensatas massagens exteriores, fizeram sair para fora tudo o que havia no estômago e nos intestinos. Em seguida, meteram-me em uma tina de cristal, cheia de um líquido em que havia os principais ingredientes do sangue humano, à temperatura de 36,8^o, estando todo o corpo mergulhado no líquido, e apenas a boca de fora. Sem demora, dois dos sábios passaram a dar repetidas injeções por todo o corpo, o terceiro dava racionais e suaves massagens e o quarto, por meio de um tubo, introduzia no estômago um líquido ligeiramente nutritivo e contendo os ingredientes principais

da saliva, suco gástrico e biliar. Ao mesmo tempo, através do líquido da tina, faziam passar, de vez em quando, uma corrente elétrica, roçando ligeiramente, nos intervalos, uma larga pedra de rádio por todo o corpo.

Durante três dias de Marte⁴, fui submetido dentro da tina a estas e muitas outras operações sem dar sinal de vida. Ao terminarem esses três dias, é que, segundo também me contaram, dei um leve sinal de respiração e fiz imperceptível movimento com as pálpebras. Estava salvo! Assim que dei estes primeiros sinais de vida, sendo mantida no aposento a temperatura de 34^o, tiraram-me da tina, enxugaram-me e friccionaram-me muito bem e, sempre na mesma temperatura levaram-me para uma macia cama cuja roupa também assim estava aquecida. O restante corpo, no entanto, continuava sem o menor movimento e em constante torpor; mas, pouco a pouco, eu começava a sentir uma tenuíssima sensação de geral cansaço e dor por todo o corpo, a qual, contudo, não me era desagradável, talvez devido a ser uma sensível manifestação de vida.

II Convalescença

De dia para dia, foi aumentando a minha vitalidade, mas só ao fim de dez dias, conforme disse, é que comecei a fazer alguns movimentos e abri os olhos, vendo os quatro vultos majestosos dos quatro sábios que me tratavam.

Por ordem deles, a temperatura do meu vasto aposento, a pouco e pouco, foi baixando até 25^o e, por último, 22^o, em que permaneceu até eu me poder levantar, o que só teve lugar cem dias depois de ter aberto os olhos. A alimentação que, a princípio, era apenas líquida, no fim de trinta dias passou a ser acompanhada de alguns alimentos sólidos de fácil digestão, juntamente, contudo, de ingredientes que a auxiliassem.

⁴ Os dias de Marte diferem pouco dos da Terra. Enquanto o dia sideral da Terra é de 24 h, o de Marte é 24h 37m 24s. [N.A.]

Depois de abrir os olhos, passei a ser acompanhado unicamente por um dos sábios e, alternadamente, por um enfermeiro e a esposa deste.

O meu quarto era um grande salão, em cujas paredes havia preciosas pinturas de grandes mestres, as quais muito me distraíam, vendo-se em uma das paredes dois grandes planisférios de Marte com seus canais, caminhos de ferro e cidades bem visíveis.

Desde o primeiro dia em que abri os olhos, nunca mais, durante as minhas quatro refeições, deixaram estas de ser acompanhadas de melodiosa música e maviosos cantos, que muito bem me faziam. O meu enfermeiro, vendo que eu gostava muito de música e canto, perguntou-me, por meio de sinais e com o auxílio de algumas palavras que eu já entendia, se eu gostava de ver dançar.

Como eu dissesse que sim, ao terminarem a música e canto, em seguida à principal refeição do quinquagésimo dia de estar de cama, eis que vejo entrar no meu quarto, qual bando de anjos celestiais, doze graciosas e formosíssimas donzelas de uns catorze a quinze anos, pouco mais ou menos da minha altura, quatro delas tocando maviosos instrumentos de corda, e oito executando danças difícilimas e variadas com uma garbosidade encantadora, mas sem um único gesto menos casto ou menos correto. O sábio de serviço nesse dia, com seu olhar doce mas fino, perspicaz e perscrutador, estudava no meu rosto e olhar as impressões por que passava todo o meu ser, a fim de avaliar o *stock* de vitalidade que ainda existia em reserva. Eu, porém, enlevado no encanto inebriante da música e dos movimentos rítmicos, ágeis, graciosos e cadenciados das oito donzelas, nada mais ouvia e via, nada mais me era possível ouvir e ver. Nos primeiros momentos, o meu sangue, qual serpente enroscada em férrea jaula, revolvía-se nas veias em ondulações irrequietas, fustigando os nervos com lancinante sensualidade; e a minha alma, voando ofegante aos braços das dançarinas, cobria-as de ardentes beijos. Mas os gestos e movimentos das virgens eram tão castos e duma pureza tão diáfana e divina que o fátuo fogo sensual, que corria em lavas pelas veias, depressa se apagou, ficando apenas, em seu lugar, um doce e casto entusiasmo que me causava imenso bem. E o sábio, sorrindo sempre, com

seu doce olhar perscrutador auscultava, pelas transições do meu olhar e gesto, as variadas sensações por que a minha alma passava.

O trato sempre amável, bondoso, sorridente e meigo dos sábios que me chamaram à vida e bem assim do enfermeiro e enfermeira que me tratavam, as palavras que entre si trocavam e que, sem as perceber, me causavam doce encanto pela sua sonoridade, clareza na dicção, serenidade e meiguice, a música melodiosa e variada, os cânticos duma inspiração arrebatadora, ao mesmo tempo ideal, casta, nada sensual, e finalmente a beleza estatuária e ao mesmo tempo aérea, poética e vaporosa das oito donzelas que dançavam, e das quatro que tocavam, exerciam no meu espírito uma profunda impressão de subido entusiasmo e admiração por esta raça de seres extraordinários que não podiam, segundo o meu exaltado conceito, deixar de ser de origem celestial e divina. Mas, tristes e miseráveis povos da Terra, que passais a vida refocilando no lodaçal dos vossos mesquinhos sentimentos, no pélago da irrequieta ambição, da infernal inveja, do emproado e ridículo orgulho, a par da mais palérmica inépcia, subserviência e baixeza, não imagineis que exagero as descrições feitas! Não exagero, não! Isto que já deixo relatado a respeito do início da minha vida neste astro, que mais tarde soube ser o planeta Marte, é um nada comparado com tudo o que, depois de me levantar, pude admirar nesta abençoada mansão de aprazível felicidade, doce alegria e permanente idílio de sentimentos afetuosos!

Mas não julgueis que sempre assim tem sido. Há uns cento e oitenta e nove mil anos, ainda por sobre o solo deste ubérrimo planeta as fúrias infernais, como atualmente sucede na Terra, de cabelos desgrenhados e de olhar hediondo e mau, se debatiam disfarçadas sob a máscara humana, em lutas constantes, em guerras odientas e tremendas, derramando por toda a parte a soberba, a ira, a avareza, a luxúria, a inveja, o ódio e a preguiça, eternos companheiros inseparáveis de tão crus horrores e misérias. A desgraça, no seu mais tenebroso apogeu é que abriu os olhos aos marcianos e, finalmente, os moveu a levar a efeito a grandiosa obra da sua regeneração moral e completa transformação do seu viver social!

III

O meu completo restabelecimento

Ainda permaneci de cama durante noventa dias, em seguida a ter aberto os olhos. No fim deste tempo, e só então, é que atenderam o meu desejo e pedido para me levantar. Foi-me trazida uma roupa igual à que usam os marcianos, mas mais pequena, e que o meu enfermeiro, com a sua costumada paciência e solicitude, me ajudou a vestir.

Nos primeiros cinco dias, não me foi permitido sair do quarto, apenas podendo passear neste, olhar de perto os planisférios de Marte e as preciosas pinturas de todas as paredes do vasto aposento onde estava a minha cama. Também me entretinha a olhar das janelas, mas por dentro das vidraças, pois o sábio que me tratava ainda receava que o ar livre me pudesse fazer mal. O espetáculo que se disfrutava das janelas não era muito vasto, mas ainda se viam alguns canais ao longe, alguns pontos da cidade de Sarima e bem assim extensas searas e pomares a perder de vista e alguns outeiros cobertos de selvas de colossal altura. Para me conservar o espírito distraído, puseram à minha disposição, sobre uma vastíssima mesa, vários atlas com magníficas fotografias preciosas e apreciadas gravuras.

Ao sexto dia de estar levantado, foi-me permitido ir passear pelo museu zoológico nas horas em que não estava aberto ao público, pois, se eu lá fosse em ocasião de estar patente, cairia no museu o poder do povo de Sarima para me ver, e os sábios que me tratavam entendiam que era cedo para eu me sujeitar a fortes sensações.

Antes de passar adiante, devo dizer que, durante os últimos noventa dias em que estive de cama e os cinco em que andei levantado pelo quarto, o meu enfermeiro e esposa, com uma cativante solicitude, paciência e subida perícia, me foram ensinando, a pouco e pouco para não me cansarem, algumas palavras e frases da fluente, racional e harmoniosa língua marciana. Por isso, ao sair do quarto para ir ver o museu, já percebiam razoavelmente muita coisa que me diziam, e já me fazia entender.

Em vista da permissão dos sábios que me tratavam, ao sexto dia de estar levantado, fui com efeito passear pelos sete imensos salões onde

está o museu zoológico, sendo acompanhado por um dos sábios, pelo enfermeiro e suas esposas. Num dos salões, há apenas exemplares de homens e de animais quadrúmanos; no segundo e terceiro, encontram-se os quadrúpedes; o quarto é destinado aos répteis; no quinto, as aves constituem uma coleção admirável; o sexto é só para peixes e anfíbios; e, no sétimo, admira-se o número infinito de vermes e insetos. Seria absurdo da minha parte o encher inúmeras páginas com a descrição dos exemplares que há no museu. Apenas me referirei a um assunto interessante que me foi explicado pelos meus companheiros.

Em todos os salões há exemplares do mesmo animal em diferentes épocas, bem como fotografias em grandes atlas. Há uns 188 000 anos que as fotografias dos grandes animais são rigorosamente reduzidas numa constante proporção para cada animal e ampliadas para os mais pequenos, e por modo que o comprimento e altura máximos regulem entre um e seis decímetros. É destas preciosas fotografias que se encontram cheios aqueles atlas desde o primeiro século da era de Constantínio. Ora, pela comparação das fotografias em épocas sucessivas, verificou-se que o tamanho máximo de todos os animais corresponde, em média, ao ano vinte mil da mesma era.

Os sábios marcianos atribuem como causa desse máximo nesse ano, ao facto de ser então que teve lugar também o máximo de irradiação luminosa e calorífica do Sol para o planeta Marte, devendo ao mesmo tempo ter concorrido a circunstância de que nesse ano vinte mil da era de Constantínio ainda havia muitos vulcões em atividade, como prova inequívoca de que o interior do planeta se conservava em grande incandescência. A partir desse ano, a irradiação do Sol foi diminuindo e o número de vulcões também.

Contudo, a diminuição da altura média do homem marciano desde esse ano de vinte mil até hoje tem sido apenas de três decímetros, pois naquele ano a sua altura média regulava por dois metros e três decímetros, e atualmente é apenas de dois metros. A altura da mulher tem diminuído sempre também na mesma proporção, mantendo-se, em média, inferior de uns dois decímetros à do homem. Com os restantes animais a redução das

suas dimensões tem seguido, pouco mais ou menos, a mesma proporção.

Durante cinco dias andei entretido pelos diferentes salões do museu zoológico, sempre nas horas em que estava fechado ao público, sem me ser permitido ainda o passear ao ar livre; mas no quinto dia, em que se completavam os cem dias desde que, pela primeira vez, abri os olhos, foi-me permitido subir à grande torre central do museu, para admirar os grandiosos pontos de vista.

Acompanhado do enfermeiro, dirigimo-nos a um dos elevadores elétricos e subimos à alta e vistosa torre. O panorama que dela se disfruta é realmente interessante e grandioso. Em volta da torre estende-se a cidade de Sarima com as suas largas ruas, todas direitas e cruzadas em ângulo reto, ladeadas de grandes monumentos, internatos com suas respectivas escolas, cozinhas públicas, balneários de natação e pequenas e graciosas casas, destacando-se no ponto mais elevado o célebre observatório astronômico e meteorológico com a sua luneta monstro de 75 metros de comprimento, e cuja objetiva tem 5 metros de diâmetro. Para além das casas, vê-se dum lado um pequeno mar ou lago, donde irradiam cinco largos canais quase direitos, seguindo um, o mais estreito, em linha reta de norte a sul. Em todos os canais singravam inúmeros barcos à vela e alguns a vapor, em toda a extensão em que a vista podia alcançar. O meu enfermeiro conduziu-me junto a um óculo terrestre, por onde olhei os canais até se esconderem abaixo do horizonte. Em toda a sua extensão, a água azulada era salpicada das brancas velas dos barcos deslizando ao doce e regular impulso do vento geral de nordeste.

Impressionado com a largura e extensão dos canais que já, à vista dos planisférios, tinham excitado a minha impressão e admiração, por me parecer que deviam ter sido abertos pela mão potente e laboriosa dos marcianos, perguntei ao meu enfermeiro se realmente haviam sido abertos pela mão do homem, e para que os abriam com tão notável largura.

O meu enfermeiro, pausadamente, para eu perceber o que dizia, explicou-me a razão que determinou a sua abertura, em primeiro lugar, e a sua grande largura, em segundo lugar. Não transcrevo aqui as suas palavras, não só porque na ocasião ainda não percebia bem tudo o que

me dizia, mas também porque tenciono tratar deste assunto com mais algum desenvolvimento em capítulo especial. O que posso já dizer é que todos os canais são obra da mão inteligente e vigorosa dos marcianos, com o auxílio dos poderosos recursos da sua admirável indústria e dos maquinismos elétricos de que dispõem.

Depois de ter admirado os grandiosos canais, sulcados por muitos barcos à vela e alguns a vapor, tanto à vista desarmada como também por meio dum dos magníficos óculos terrestres montados debaixo da cúpula ao lado do vasto pavimento da torre, voltei de novo a minha atenção para a cidade com as suas graciosas casas, quase todas iguais, salpicadas, aqui e acolá, por inúmeros monumentos e estabelecimentos públicos, por cima de tudo sobrelevando o observatório astronômico com o seu imenso equatorial. Para além das últimas casas estendiam-se vastíssimas campinas cobertas de pujantes searas, entremeadas de vistosos pomares e jardins, sendo o grandioso quadro limitado muito ao longe por alguns outeiros, onde se ostentavam arrogantes matas seculares de gigantescas essências florestais. Nunca havia contemplado um quadro campestre de tão vasta magnitude e de tão exuberante pujança vegetativa, que mais graciosa se tornava pela ondulação das elevadas searas sob o afago duma agradável brisa que soprava.

Uma coisa, porém, que me causava uma certa impressão, era ver que a coloração, que na Terra predomina nas searas a princípio e no arvoredo em geral, era aqui, na sua quase totalidade, substituída pela cor encarnada, ou antes de tijolo. O meu companheiro explicou-me que a coloração das searas estava agora um pouco mais carregada, em razão de estarem quase no seu estado de completa maturação, mas que, no início e na força do seu crescimento, a coloração era menos forte, entre um verde claro e alaranjado brilhante. Igualmente me disse que, para a geral coloração das folhas e flores das plantas, deve concorrer bastante a natureza do ubérrimo solo, onde predomina abundante ferro e várias argilas com aquela pronunciada coloração. Com efeito, num terreno em declive, não longe da cidade e que estava sendo arroteado por possantes máquinas elétricas e elefantes sob a direção de alguns homens com suas esposas, eu verifiquei com o auxílio

de um óculo que a coloração era entre vermelha e cor de tijolo.

O número de linhas férreas, que da cidade irradiam em regular distribuição por entre searas e pomares até se perderem de vista, é realmente extraordinário, como incalculável é também o número de comboios elétricos que a cada momento entravam, saíam e se cruzavam em todas as direções. Sentia-se, percebia-se que havia uma vida enormemente intensiva por toda a parte, com um método, ordem e bom senso admiráveis, sendo o menor possível o esforço despendido pelo homem e pela mulher. De momento para momento, a minha admiração, o meu entusiasmo, sem querer falar na minha infinita gratidão, por este admirável povo era maior e mais profundo. E ainda eu estava longe de conhecer bem o grau de sublime civilização e de permanente bem-estar e ventura que tinha atingido!

Como o meu enfermeiro notasse, pelo meu olhar e aspeto geral de fraqueza, que era tempo de descansar e recolher ao meu quarto, descemos no elevador, atravessámos um longo corredor, para não percorrer os salões zoológicos, onde estavam então muitos visitantes, e entrámos no vasto aposento onde estava instalado. Sem demora, auxiliou-me a despir-me, e fez-me entrar na cama. Ele tinha razão, pois, apesar de não ter feito o menor esforço, o facto de ter estado a prestar atenção aos canais, campinas e tudo o mais, e bem assim às explicações que me dava, foi o bastante para me causar um forte abalo, tão grande era ainda a minha fraqueza.

Já estava à nossa espera a gentil esposa do meu companheiro que amavelmente me obrigou a beber, duma taça de puro cristal, mui aromático leite de cabra, e a comer uns preciosos bolos de creme e mel, depois de eu já estar metido no leito. O cansaço do passeio, o succulento e precioso leite, e talvez mais ainda a harmoniosa música e cantos do costume, tiveram a benéfica influência de, a pouco e pouco, me fazerem cair num sono reparador, conservando-se ao meu lado as duas encantadoras figuras do enfermeiro e enfermeira que, de vez em quando, me apalpavam o pulso, até eu adormecer. Com receio de que o passeio me tivesse causado qualquer abalo sério, todo o resto do dia e toda a noite, um deles esteve sempre à minha cabeceira. Abençoado povo em que há tais dedicações espontâneas, sem o mínimo vislumbre de interesse que não seja o de fazer o bem pelo próprio bem!

IV Festa grandiosa de apresentação ao Povo de Sarima

Como era de supor, quando por todo o planeta Marte se espalhou a notícia de que um bólido tinha deixado cair, num dos canais próximos de Sarima, uma caixa de ferro, tendo dentro um corpo morto dum animal parecido com os marcianos e que devia ter vindo dum outro planeta, foi geral a ansiedade de ver o corpo inanimado do estrangeiro. Essa ansiedade e comoção subiram de ponto, quando se passou a afirmar que os sábios da Universidade de Sarima haviam conseguido insuflar a vida ao corpo inanimado. Entretanto, os mesmos sábios fizeram logo espalhar, para evitar visitas intempestivas, que não convinha sujeitar o visitante estrangeiro a grandes comoções, sendo proibida toda e qualquer visita importuna, mas prometendo-se que, logo que estivesse completamente bom, seria feita a sua apresentação oficial com subida pompa e grandiosa ostentação, não só em Sarima, mas também na capital, Romância, e em todas as mais notáveis cidades do planeta.

Para o efeito da grande festa da minha apresentação ao povo de Sarima, a qual teve lugar quarenta dias depois do meu passeio à torre, mandaram-me fazer, segundo as minhas indicações, um vestuário igual ao que era adotado pelos fidalgos da corte de Luís XV, com capa e com espada, cujos copos, fivelas do cinturão e ornatos eram de reluzente ouro e diamantes. Um magnífico e manso elefante, destinado a ser montado por mim, foi mandado ajaezar com mantos de cetim dourados, sendo de marfim e ouro a cadeira onde eu devia ir sentado. Nunca rajá algum da Índia montou um elefante tão ricamente ajaezado. Para governar e dirigir o elefante, foi escolhida uma das mais pequenas e mais formosas donzelas de toda a cidade, onde aliás todas as mulheres são duma beleza incomparável. Os seus cabelos da cor do ouro brilhavam como se fossem raios do Sol; nos seus grandes e brilhantes olhos azuis via-se o céu; os lábios rosados da sua linda boca, ao sorrirem, deixavam ver duas filas de dentes, cuja brancura e brilho é superior ao das mais finas pérolas; o seu formoso

rosto, cabeça, pescoço e busto eram estatuários, não tendo inveja à célebre estátua da deusa da formosura que há em Romância. O seu andar elegante e fácil causava a impressão de que não pisava o solo. Era, com certeza, o primor mais sublime que jamais saiu das mãos da Natureza.⁵

Além do meu elefante, foram ajazados mais cem, também com esplendor, e onde deviam subir o presidente e mais membros do município e suas esposas e, bem assim, os quatro sábios que me insuflaram a vida, suas esposas, o enfermeiro e esposa que me trataram, e uns quarenta músicos e quarenta cantores de maior celebridade com suas esposas, com o fim de orientarem os coros gerais do povo durante o préstito em minha honra.

Ao dar início à incompleta descrição da fantástica e memorável festa de que fui alvo, e que acompanhei do princípio ao fim, não devo estranhar que haja alguém que duvide da sua veracidade, quando eu mesmo chego a reçar de que seja um mero sonho, tão grandioso e extraordinário é tudo o que tem comigo sucedido. Mas não é sonho, não! É a pura realidade, rigorosa e indiscutível, e de que o meu modesto e rápido relato apenas dá uma ideia muito pálida e fugidia.

Todos os palácios e casas de Sarima estavam engrinaldados com festões e bandeiras históricas antigas; as janelas da imensa praça, próxima do grande palácio, de cujo espaçoso pátio interior eu devia sair acompanhado do meu numeroso e brilhante séquito, e bem assim todas as janelas das espaçosas ruas por onde este devia passar, estavam ornadas de bandeiras e riquíssimas colchas antigas, bordadas a ouro e platina. Todas elas estavam unicamente ocupadas por marcianas com mais de cinquenta anos e marcianos com mais de oitenta, ostentando estes, apesar dos anos, todo o vigor da sua figura estatuária e aquelas a eterna e fresca beleza e mil encantos que conservam até à morte.

O Senado Municipal havia mandado desenhar e imprimir dois pla-

⁵ É desculpável o longo relato que Henri Monfgolfier faz dos encantos da donzela que dirigia o elefante em que foi montado, visto que, segundo ele conta mais adiante, se deixou apaixonar por ela, não descansando enquanto não a conseguiu para sua esposa. [N.T.]

nisférios da Terra que mandou distribuir pelas cidades mais importantes. Nestes planisférios distinguiram-se com nitidez os continentes, ilhas, mares, lagos, rios, montanhas, e até mesmo as cidades mais principais. Este trabalho foi feito sob a direção dos astrónomos de Sarima, mas os nomes das cidades, as confrontações das nações e nomes destas foram indicados por mim, sem grande exatidão, confesso, pois a geografia nunca foi o meu forte. Em duas grandes telas foram também desenhados, em ponto grande, os dois planisférios a cores, a fim de, em dois elefantes, precederem o meu durante o ostentoso préstito. Dois poetas célebres compuseram uns versos, em estilo heroico e levantado, em honra da Terra e comemorando o meu grande feito da travessia etérea; e dois compositores musicais, também célebres, adaptaram aos versos uma música imponente, harmoniosa e apropriada, sendo música e versos com grande antecedência ensaiados e estudados por grandes orquestras e coros e mesmo por quase toda a população. À hora previamente combinada, todas as orquestras, em conjunto, acompanhadas de milhares de vozes em coro, entoam o hino altissonante e harmonioso, dando umas peças de artilharia dos tempos antigos cem tiros. Então, montado no meu elefante guiado pela bela Inídia⁶, e acompanhado do majestoso séquito, também em elefantes, saiu o grande portal do palácio, reboando uníssona no espaço uma estrondosa aclamação de dezenas de milhar [sic] de vozes, que exalçam o meu nome e o da Terra, por entre os pomposos coros e sonora música. Um verdadeiro delírio de afetuoso e sincero entusiasmo!... Não há expressões, não há palavras, não há mesmo ideias que possam representar a grandiosidade e majestosa sublimidade de tão feérico espetáculo! E, no meio desta imensa multidão, entusiasta e expansiva, nem uma única desordem, um único desaguisado se deu, tudo em absoluta uniformidade pacífica e afetuosa, sem haver um único polícia, um único soldado da guarda imperial ou da guarda republicana, sem comissários de polícia, sem governadores civis nem funcionários policiais de qualquer espécie!

⁶ É o nome da donzela que o guiava e que mais tarde foi minha esposa. [N.A.]

Sempre na mais completa ordem e no mais subido e afetuoso entusiasmo, o cortejo percorreu as ruas e avenidas principais da cidade, regressando ao palácio, donde havia partido, no fim de quatro horas.

Depois de descansar por algum tempo, a pé e acompanhado da minha vistosa comitiva, dirigi-me a um largo imenso, em cujo centro há um artístico monumento, cuja cúpula é encimada por três magníficas estátuas simbólicas representando a liberdade, fraternidade e igualdade. Dentro deste monumento há um órgão de colossais dimensões, movido pela eletricidade, e que toca automaticamente as peças de música mais célebres de Marte. Distribuídas em redor do monumento central e por todo o largo, há um número incalculável de mesas com cobertura de alumínio, nas quais, ao chegarmos ao largo, já estavam fumegando apetitosas iguarias que em carros elétricos afluíam de todas as cozinhas públicas, nesta ocasião em permanente serviço culinário. Em dias de festa nacional, todos os habitantes da cidade e bem assim todos os forasteiros têm cabimento no grande banquete social.

Colocaram-me no lugar de honra de uma das mesas, tendo ao meu lado direito a donzela que dirigia o meu elefante, e de cada lado, a seguir, um dos sábios que me trataram com suas esposas. Defronte de mim assentou-se o presidente do município com sua esposa, tendo de um e outro lado os outros dois sábios e o enfermeiro que me trataram com suas gentis esposas, sendo os outros lugares ocupados sem distinção de classes, pois em Marte, atualmente, há uma única classe social, a de cidadão de Marte. Festões e grinaldas de fitas de cores e de variadas e lindíssimas flores pendiam das coberturas de alumínio e ornavam as mesas por entre as simples e odoríferas iguarias e variadas e apetitosas frutas. Mas a cor rosada e a incomparável beleza dos marcianos e marcianas, sem destas haver uma só, mesmo entre as idosas, que não fosse fresca e formosa, sobrelevavam por cima das de todas as outras flores. Ao começar a social refeição, o grande órgão do monumento central soltou no espaço imenso as suas harmoniosas notas de paz, amor e felicidade que os ecos dos monumentos próximos repercutiam sucessivamente em mútuo acordo fraterno.

Assim que terminou o simples, mas aprazível e salutar banquete, o presidente do município subiu ao elevado patamar do monumento central e, com voz forte e sonora, fez rápida descrição da Terra, relatando com palavras de admiração e fervoroso aplauso a minha audaciosa e maravilhosa viagem etérea. Assim que acabou de falar, as orquestras, acompanhadas de milhares de vozes harmoniosas e afinadíssimas, entoaram de novo o hino em honra minha e do planeta onde nasci. Como parêntesis, apresso-me desde já a dizer que, em Marte, homens e mulheres, todos, aprendem música, tocam algum instrumento e cantam.⁷

Em seguida a ter falado o presidente do município, subi pelo braço do meu enfermeiro e esposa para o patamar onde estava. A imensa multidão que enchia o vastíssimo largo, rompendo em entusiásticas aclamações, passou então por diante de mim em alegre, respeitosa e afetuosa continência, mirando-me com afável curiosidade. Uma parte dos presentes foi passear pelos campos e a outra foi assistir a uma regata à vela no canal mais próximo. Ao estar o largo já quase desimpedido, passaram por diante de mim, também em festiva continência, os trinta e dois internatos infantis de Sarima. Que saudáveis, alegres, formosas e gentis crianças!... Esta parte do grandioso espetáculo foi o que mais me entusiasmou.

Ao findar o afetuoso ato de continência à minha humilde pessoa, desci do patamar do monumento pelo braço do meu enfermeiro e enfermeira e, acompanhado pelos membros do Senado Municipal e esposas, pelos quatro sábios que me trataram e esposas e bem assim por muito povo dos dois sexos, dirigi-me ao museu onde estava instalado. À porta deste despedi-me com ardente e sincera efusão dos que me acompanhavam, subindo ao aposento onde dormia, amparado pelo meu enfermeiro e esposa. Fizera-me logo descansar na cama, e deram-me ordem para nesta permanecer durante uns dias, em razão do imponente espetáculo me ter comovido muito e abalado por modo tão forte e excitante que aqueles ti-

⁷ Enquanto em Marte consideram a música um conhecimento indispensável a toda a gente, em Portugal os seus sábios dirigentes fazem guerra a um tão útil e aprazível conhecimento, lançando uma contribuição ao mais útil e completo dos instrumentos, o piano! [N.T.]

veram receio duma recaída. Felizmente, no dia seguinte, sentia-me quase restabelecido, transbordando a minha alma de inebriante felicidade por ver como o mero acaso, ou o benéfico destino, me conduziu ao paraíso da mais sublime e doce ventura que, nem mesmo de longe, foi jamais fantasiada. A minha única dúvida, o meu constante receio era o de que tudo o que se passava e eu via não fosse mais do que um mero sonho que se desfizesse em fumo. Quando referi ao enfermeiro e esposa as dúvidas que tinha a respeito da realidade do que via e ouvia, sorriram-se amavelmente, dizendo-me que a vida feliz de Marte era a consequência lógica e natural da sua sensata organização social, como eu mais tarde veria.

V

A minha apresentação e visita às cidades principais

Só depois de decorridos trinta dias, em seguida à grandiosa festa da minha apresentação ao povo de Sarima, é que os sábios que me trataram entenderam que podia ser dado início à minha visita e apresentação nas outras cidades de maior importância em Marte. Acompanhado dum dos sábios que me trataram, do enfermeiro e respetivas esposas, e bem assim dum grande número de habitantes dos dois sexos de Sarima, entrámos no comboio elétrico expressamente posto à nossa disposição para a viagem circulatória de Marte, começando a minha visita por Manfreda, cidade agrícola importante e porto de mar frequentado.

O comboio partiu com grande velocidade, e que calculei ser superior a cem quilómetros por hora. Apesar da grande velocidade, não me passava despercebida a beleza dos campos muito bem cultivados, o encanto e primor dos magníficos pomares vergados ao peso das frutas, entremeados de vistosos jardins e ostentosos parques, especialmente nas proximidades das grandes cidades. As casas, todas airosas e alegres, muito bem pintadas com variadas cores ou caiadas, faziam agradável contraste à cor avermelhada da vegetação.

O Senado Municipal de Manfreda e grande número de habitantes dos dois sexos vieram-nos esperar a uma estação próxima, rodeando-me logo com grande curiosidade e não se cansando de me pedirem informações da Terra, a respeito de tudo.

Em Manfreda, fui recebido por enorme multidão com músicas, cantos e ardentes ovações ao meu nome e à Terra, seguindo eu logo com os meus companheiros para um grande internato, acabado de construir e que ainda não estava ocupado pelas crianças a que é destinado, e onde fiquei hospedado com a minha comitiva. Descansámos três dias, antes da festa da apresentação, aproveitando esse tempo para ver as bibliotecas públicas, observatório astronómico e meteorológico, museus, escolas, jardins públicos, parques, teatros, etc. Terminados os três dias de descanso, teve lugar a minha apresentação ao povo com o mesmo sincero e afetuoso entusiasmo de Sarima. Em lugar, porém, de irmos em elefantes, montávamos magníficos cavalos, muito mansos e muito bem ajaezados, sendo o meu o mais pequeno e mais ricamente preparado. Terminado o festivo trajeto da apresentação, sempre em carinhosas aclamações e na mais completa harmonia e ordem, seguiu-se a opípara refeição pública, como em Sarima, no meio da mais comovente confraternização universal.

Por ordem do sábio que me acompanhava, descansei dois dias, que foram preenchidos a receber as visitas dos astrónomos e pessoas mais ilustradas, que não se cansavam de me mirarem e de me fazerem perguntas, achando muita graça ao modo incorreto como eu estropeava a sua harmoniosa língua. No fim desses dois dias, seguimos, eu e os meus companheiros, para Romância, capital federal de Marte.

O Congresso em peso e o Senado Municipal, acompanhados de muito povo, vieram-nos esperar fora da cidade. As festas de apresentação e da refeição em comum ainda mais imponentes, se isso era possível, do que em Sarima e Manfreda. Logo a seguir, houve uma sessão extraordinária do Congresso, dada em honra minha e da Terra, tendo por fim conceder-me o nobre título de cidadão de Marte. Também assisti a vários concertos de música clássica e canto pelos mais célebres artistas de Marte. Simplesmente sublime!

A demora em Romância foi de doze dias, que foram aproveitados em festas, passeios pelos arredores em aeronave e em automóvel, e em ver os monumentos antigos e modernos, templos, observatórios, museus, grandes fábricas, etc., apenas se perdendo as horas em que dormi.

De Romância seguimos para Australásia, de Australásia para Baidroma, de Baidroma para Tresenta; e de Tresenta, finalmente, regressámos a Sarima, no fim de noventa dias de viagens, passeios e festas memoráveis, ficando-me a impressão de que o bem-estar, felicidade e civilização em Marte tinham atingido o mais ínclito apogeu a que a alma humana pode aspirar.

Apesar, porém, de tantas festas e carinhos, eu não me sentia completamente feliz. Em minha alma havia um vácuo que, ao estar só, me tornava nervoso, taciturno e triste. Era o caso que, desde a festa da minha apresentação em Sarima, uma paixão irresistível pela preciosa e formosíssima Inídia, que dirigia o elefante em que eu ia montado, me dominava por um modo tirânico e constante. A felicidade e bem-estar dos povos de Marte mais frisante tornava a minha infelicidade. Assim que regressei a Sarima, o meu primeiro impulso foi o de sair logo para a rua, à procura da beldade dos meus pensamentos; tive, felizmente, o bom senso de me conter, com receio de que, saindo à rua com o olhar estonteado e gesto atarantado, devido à invencível força da paixão, os marcianos me pudessem julgar desequilibrado e doido, e ficassem fazendo uma triste ideia dos habitantes da Terra. Mas, não me sendo possível viver em um tal estado de fremente excitação apaixonada, abri o meu coração à gentil esposa do meu enfermeiro, e que minha enfermeira era também. Ao ver o meu aspeto, que lhe dava a impressão de eu ter perdido o juízo, segundo mais tarde me disse, ficou muito assustada e sinceramente condoída e admirada, indo a correr pedir ao marido para ir falar no assunto ao presidente do Senado Municipal. Este não pôs dificuldade, mas julgou conveniente consultar o Congresso, que respondeu afirmativamente.

Só restava saber se a bela Inídia aceitaria o meu amor. A enfermeira foi logo ter com ela ao internato infantil, onde fora educada e permanecia em serviço, tendo apenas, uns dias antes, atingido a puberdade. Ao

saber do que constava a comissão da enfermeira, foi a correr consultar a diretora do internato que respondeu afirmativamente, acrescentando que era para ela uma glória o servir de laço entre a raça humana da Terra e a de Marte. Segundo mais tarde me contou a adorável Inídia, as três conversaram ainda durante muito tempo a respeito da minha paixão e estado de turgescente frenesi amoroso. Em Marte é desconhecido este estado patológico que é tão usual na Terra. São duas as razões principais. A primeira, que por si só bastava entre gente equilibrada, consiste em rapazes e raparigas casarem todos, logo que atingem a puberdade; a segunda, em que há cem mil anos de Marte que a sua raça humana é com zelo e rigor selecionada, todos os entes desta raça sendo, por isso, equilibrados e nunca sujeitos a exaltadas paixões amorosas, que não passam, afinal, da ação subjetiva do nervosismo sensual doentio e exaltado.

Seja como for, o que é certo é que eu me sentia subjugado dum paixão que nada podia dominar. Felizmente, no fim de três dias, que me pareceram grandes como séculos, eis que vejo entrar no meu quarto a minha formosa enfermeira com ar alegre, para me dar a felicíssima nova de que a bela Inídia aceitava o meu amor e a mão de esposo. Doido de prazer, precipitei-me aos pés da bondosa e encantadora mensageira, beijando-lhe a fimbria do vestido e cobrindo de beijos as suas mãos, o que ela deixou fazer sem enfado e até com prazer. Sem mais demora, segui com ela e com o marido que esperava à porta do meu quarto, e corremos ao internato, a fim de pessoalmente falar à minha noiva e à diretora daquele.

Chegados ao internato, assim que vi a minha noiva, deslumbrante de encantos ideais e divinos, atirei-me de joelhos aos seus pés, sem poder proferir uma única palavra. Ela, sempre meiga e sorridente, ergueu-me, dando-me na testa um beijo casto e doce, como podia ser dado a uma criança, não tendo eu o desembaraço de corresponder ao seu delicioso beijo com um, ao menos, na mão que me levantava. Foi benéfico o meu embaraço, pois, no estado de delírio e tensão nervosa em que me encontrava, se lhe dou o primeiro beijo, por certo que uma torrente de beijos se seguiria, destes a cobrindo, com grande escândalo das pessoas presentes. A enfermeira, rindo muito do meu embaraço, em contraste com

a tempestade interior que se lia nos meus olhos, pegou-me numa mão, e, dando a outra à bela Inídia, amável e solícita, conduziu-nos para fora do internato, sendo acompanhados da diretora e do meu enfermeiro; e, velozes, os cinco, logo nos dirigimos para o Município, onde costumam ter lugar os casamentos em um sumptuoso e grandioso salão.

VI

O meu casamento com a bela Inídia

Para se compreender o que, a seguir, vou dizer, desde já devo explicar que, em Marte, a fim de aperfeiçoarem a raça humana, por um lado, e, por outro lado, para evitar que a população cresça além dum limite superior às posses produtivas do solo, tornando impossível o bem-estar geral e a paz entre os viventes, faz-se uma justa e rigorosa seleção entre as crianças do sexo feminino, na idade mais conveniente, sendo então esterilizados os embrionários ovários das meninas menos bem organizadas, embora atualmente todas sejam uns primores a todos os respeitos. É por isso que, em Marte, rapazes e raparigas casam todos, assim que chegam à idade da puberdade, sem haver o perigo do aumento da população além do limite estabelecido.

Ora, a minha encantadora noiva pertencia ao número das donzelas destinadas à procriação. Por isso, o presidente do Município entendeu ser indispensável consultar o Alto Congresso de Romância sobre se haveria inconveniente em que eu casasse com uma donzela destinada a ter filhos. A consulta foi feita pelo telégrafo, e a resposta não se demorou muito; foi bom que assim sucedesse, pois os poucos minutos de demora pareceram-me grandes como séculos. Veio enfim, sendo favorável, dizendo mesmo o presidente do Congresso que, para recordação, viva e eterna através dos séculos, do caso extraordinário da visita de um habitante da Terra, era interessante, até como estudo biológico, que os nubentes tivessem filhos. A minha comoção foi tão grande que caí ao chão com uma síncope, de que, felizmente, acordei rapidamente nos braços da minha Inídia

e da enfermeira que me cobriam de beijos, como se fosse uma criança. Concluído o ato do nosso casamento, o oficial registador chamou-me à parte e deu-me sensatos conselhos paternais, entregando-me um pequeno livro com as principais regras de higiene conjugal e filial. A esposa do oficial registador chamou também à parte a minha noiva, a fim de lhe dar conselhos maternais úteis e um outro livro com proficientes regras de higiene conjugal e filial, abraçando-a com ternura e desejando-lhe muitas felicidades. Despedimo-nos e, com os nossos companheiros e testemunhas do ato matrimonial, nos dirigimos para a casa que nos tinha sido destinada, dando eu o braço à minha amada Inídia. Apesar de, na Terra, eu ser tido por um homem alto, e a minha noiva ser uma das mais baixas donzelas de Sarima, contudo a sua graciosa cabeça passava acima da minha uns dois ou três dedos. Como eu andasse nas pontas dos pés, a fim de ver se conseguia chegar à altura do meu lindo amor, o enfermeiro, sorrindo e pondo-me a mão no ombro, disse-me que andasse naturalmente, pois que os homens não se mediam aos palmos. Eu fiz-me vermelho, mas achei muita graça ao dito, por o ter ouvido muita vez na Terra. O que é certo é que, daí por diante, nunca mais andei nas pontas dos pés quando passeava com a minha graciosa esposa. Chegados à nossa nova morada, os nossos companheiros tiveram a gentileza de não querer entrar, subindo eu só com a minha adorável Inídia.

Contar a transcendente felicidade que encontrei nos ternos braços da minha estatuária e gentil esposa, descrever os encantos e atrativos do seu saudável, flexível e nervoso corpo, e relatar os primores, meiguices e ternuras da sua inocente alma angelical, seria profanar este ideal feminino que não tem nem pode ter igual em toda a Terra, nem talvez em Marte. Enquanto permaneci na Terra, nunca tive tendência para o casamento; em parte, por causa dos meus desesperos, motivados pelos crus morticínios da grande revolução francesa e fim que teve, mas também, em grande parte, por julgar ciosa do mando e intriguista a mulher terrestre e possuidora de insuportáveis caprichos e teimosias, sempre em constante nervosismo atrabiliário e torturante, e como que sentindo prazer em martirizar e contradizer o marido.

Era, talvez, infundado o meu receio; à cautela, porém, evitei sempre casar-me. E era tão grande a minha antiga impressão que, mesmo sob a influência da invencível paixão pela bondosa Inídia, tinha momentos em que me assaltava o susto de que também tivesse o espírito de contradição que a tornasse aborrecida e insuportável. O meu receio era, felizmente, infundado. A sua alma cândida e gentil só aspirava a ser útil e agradável, empregando uma espontânea solícitude, aliada a uma graça e mimo encantadores, estudando e cumprindo os meus gostos, e até mesmo caprichos, com uma naturalidade cativante. No meu fremente e grato entusiasmo, chegava a fazer a mim mesmo a ingénua interrogação se ela seria porventura um anjo que por mero equívoco tivesse descido ao planeta Marte.

Como a minha Inídia era, em música, uma distinta virtuosa e cantava a primor, tendo uma voz melodiosa e apaixonada incomparável, por isso haviam mandado para a nossa casa um magnífico e grande instrumento de teclas e mais um outro parecido com um violino.⁸

Era exímia em qualquer destes instrumentos; mas, quando tocava violino, quase sempre era acompanhada no instrumento de teclas por uma vizinha das nossas relações. Como tenho bom ouvido e na Terra aprendi solfejos, e como as notas usadas em Marte são as mesmas que se adotam em Terra, dediquei-me com frenesi a aprender a tocar no instrumento de teclas; e com tão boa vontade o fiz que, no fim de alguns meses, já acompanhava a Inídia em algumas músicas fáceis.

O ouvi-la cantar é que me comovia e sensibilizava por modo extraordinário, tão doce, afinada, melodiosa e apaixonada era a sua voz. Um dia, estava ela cantando uma célebre e apaixonada balada amorosa antiquíssima, obra dum dos mais notáveis compositores antigos, acompanhando-se a si mesma no instrumento de teclas. Tão enternecedor, mavioso e divino era o canto que eu, comovido, palpitante, tive a impressão de que a cantora não era um ente humano, mas uma fada ou deusa imortal que esvoaçava pelo espaço no turbilhão

8 [O grande instrumento de teclas] Devia ser um piano, instrumento que em 1805 ainda era raro na Terra. [N.T.]

das harmoniosas notas. Então, movido de invencível impulso espontâneo, ajoelhei por detrás do banco em que a Inídia estava sentada, ficando delirante, em êxtase de adoração ao ente ideal, cuja admirável voz me inundava a alma de inebriante gozo, correndo dos meus olhos abundantes lágrimas de etérea felicidade, que banhavam em torrente o meu apaixonado rosto. Quando a bela terminou o seu divino canto e me viu banhado em lágrimas, na posição da mais ardente e entusiasta adoração, correu a mim, chorando também de sublime prazer e comoção, e, levantando-me⁹ nos seus formosíssimos braços, cobriu-me de beijos que, com ardor retribuí, bebendo um do outro as lágrimas sagradas que corriam. Cenas análogas de grande felicidade e amor etéreo e sublime quase todos os dias se repetiam, sempre com a mesma espontaneidade e naturalidade.

Nas pouquíssimas vezes que na rua a vejo caminhar, sem eu ir ao seu lado, ou mesmo em casa, é tão subtil, fácil, airoso e suave o modo como se desloca, que eu sinto a impressão de que não é um corpo pesado que se move, mas uma alma genial envolta em elegante vestuário. E é tão grande a impressão que, à noite, se eu acordo, estando ela a dormir, corro subtilmente a mão por toda a sua aveludada e macia pele, no que eu sinto ao mesmo tempo um grande prazer, a fim de me certificar se o seu gentilíssimo corpo é uma realidade e não mera aparência.¹⁰

Ao mesmo tempo, é este o único meio de verificar os encantos do corpinho que escondem as suas elegantes roupagens. Apesar de possuir a figura mais esbelta que jamais foi criada ou imaginada pelos célebres estatuários que, em tempos imemoriais, bruniram as famosas estátuas da deusa da formosura, as quais se admiram em Romância e em Baidroma, o que é certo é que nunca me deu ensejo a pôr-lhe a vista em cima, sem ter a cobri-la, pelo menos, a ampla camisa de dormir. E o seu pudor

9 Não é para admirar, visto os corpos, em Marte, terem, como mais tarde verifiquei, pouco mais da terça parte do peso que têm na Terra. [N.A.]

10 Estamos convencidos de que os Marcianos, que reviram o trabalho de Montgolfier, não suprimiram esta descrição ingénua e alvar, a fim de salientar o bom senso, inteligência e pensar pautado da raça marciana, há 188 082 anos selecionada, e o representante neurasténico da raça terrestre, germinada e criada ao acaso. [N.T.]

não é postigo, não é estudo, não é artifício: é inato e espontâneo na sua castíssima organização de anjo ou deusa imaculada!

Como era bem de prever, não passaram quarenta dias sem que a minha amada esposa sentisse no seio o fruto do nosso amor. Ao dar-me a feliz notícia, experimentei tão grande alegria e forte comoção que, ao abraçá-la, caí nos seus braços com uma síncope, que depressa passou devido talvez ao rádio vivificante dos seus deliciosos beijos.

VII

Os meus primeiros serviços em Marte

No planeta Marte, conforme mais tarde explicarei, os serviços são feitos em comum, sendo tudo de todos e nada de ninguém, e todos trabalhando solicitamente, em harmonia com as necessidades, bem-estar e prazeres da comunidade. Os próprios sábios, os congressistas e os senadores municipais, além das horas dadas à ciência e administração, têm também horas em que executam os outros serviços públicos, tanto nos campos como nas cidades. Por isso, embora me tivessem dispensado de todo e qualquer serviço público durante um ano¹¹ de Marte, eu não quis aproveitar-me da dispensa, e trabalhava em toda a ordem de serviços com a assiduidade e lealdade dos marcianos, além de ajudar a minha Inídia nos serviços caseiros. Nos intervalos disponíveis é que ia, com a minha ilustrada esposa, para a principal biblioteca pública consultar os arquivos e livros de história, no intuito de poder escrever o resumo histórico que vai a seguir, consultando também os mais célebres professores de história e astronomia de Sarima. O meu trabalho ficou concluído no próprio dia em que a minha formosa Inídia dava à luz um airoso e perfeito rapaz. Estava, pois, feita a ligação das raças dominantes dos dois planetas. Podia dar essa notícia interessante para a minha primitiva pátria. A data precisa na Terra, nem mesmo apro-

¹¹ Regula por 687 dias da Terra. [N.A.]

ximada, é que não me foi possível calcular, nem aos próprios sábios marcianos, visto não haverem [*sic*] elementos para se poder avaliar o tempo que gastei a girar no espaço, amarrado ao bólido que me transportou da Terra e me deitou em Marte.

Depois de escrita a história resumida de Marte em linguagem marciana, mostrei-a ao Senado Municipal que, por sua vez, nomeou uma comissão de sábios de Sarima para a rever e fazer as alterações que entendesse. Em seguida, acompanhado de dois desses sábios, fomos, os três, à capital Romância consultar o Congresso, que nomeou uma comissão que deu a última demão no meu trabalho. Por isso, se este um dia chegar à Terra, podem os seus habitantes consultá-lo como sendo a expressão rigorosa da verdade, e não o produto da minha imaginação e fantasia.

Revisto e emendado o meu trabalho, traduzi-o para francês, sendo logo entregue a uns célebres gravadores de Romância para fazerem 50 exemplares em folhas de um metal branco, tão rijo ou mais do que platina, sendo as letras, depois de gravadas, cobertas com uma massa preta inatacável pelo maior frio ou maior calor. Assim que iam sendo concluídos os exemplares, eram metidos em caixas lisas do mesmo metal, que eram fechadas por um sistema engenhoso que as não deixava abrir, ainda que apanhassem fortes embates, podendo, porém, ser abertas por qualquer pessoa com paciência.

Em seguida a estarem concluídos todos os livros e metidos nas respectivas caixas, foram estas amarradas a 50 pequenos balões, um para cada caixa; e, numa noite em que brilhavam muitas estrelas cadentes e bólidos, fizeram-se subir com grande velocidade, desaparecendo rapidamente no espaço. Destes 50 balões, foram encontrados 47 em diferentes locais, mas 3 nunca se encontraram, ficando a suposição de que tivessem sido atraídos por estrelas cadentes. Foi-se repetindo a ascensão dos balões em noites com estrelas cadentes, até não aparecer um único caído. Seriam todos atraídos pelas estrelas cadentes, ou cairiam em diversos pontos de Marte, sem ninguém dar por isso? Esta última hipótese não era admissível, visto terem sido deitados ao ar, longe dos

grandes mares, em ocasião de calmas quase gerais, tendo sido estabelecida uma inspeção por todo o planeta, mesmo até nos grandes e pequenos mares. Admitindo, pois, que todos fossem levados para os espaços celestes, resta agora esperar da sorte ou do acaso que qualquer deles vá cair na Terra. Oxalá os seus povos, de quem me afastei pelo motivo de abominar o seu modo de vida, as suas insaciáveis ambições, invejas, ódios e fraquezas, oxalá que possam ler um dos exemplares! Oxalá também que a sua leitura lhes sirva de estímulo a mudarem de processos no seu viver egoísta, nefasto e maléfico, imitando o útil e sublime exemplo dos felizes e bondosos marcianos!

História Geral do planeta Marte

A fim de tornar mais perceptível, aos habitantes da Terra, o rápido relato que vou fazer, é indispensável distribuí-lo por diferentes capítulos, embora cada um deles seja muito resumido. Nesta ordem de ideias, será o pouco que vou dizer subordinado aos seguintes capítulos: Formação cósmica e movimentos de Marte e mais planetas e de seus respectivos satélites; Formação geológica de Marte e suas riquezas mineralógicas; Continentes, ilhas, mares, lagos e neves eternas; Rios e canais; Meteorologia e correntes atmosféricas; Dias, anos, estações, latitudes e longitudes; Fauna e flora; Origem do Homem marciano; Ciências, artes e literatura; A grande Guerra e a Peste; O grande Congresso e Revolução Social de Marte; Votação das quatro Teses de Constantínio; e Estado Social de Marte na atualidade.

I

Formação cósmica e movimentos de Marte e mais planetas e de seus respectivos satélites.

1. O Infinito é eterno em tempo, espaço e forma – Não pode compreender-se o infinito não se admitindo a sua eternidade, em tempo e em espaço. Ou tudo, ou nada... Quanto à sua forma ou configuração geral, por maiores que nos pareçam as transformações que se passam nos espaços e à superfície dos planetas, também não pode deixar de admitir-se que há de manter-se eternamente no seu *status quo*. As maiores nebulosas e os maiores astros, em número quase infinito, que de Marte podem ser vistos, todos eles reunidos, não passam dum ponto ou átomo do Infinito, não tendo as suas transformações a menor influência, nem a podendo ter sobre a forma do mesmo infinito.

Por isso, a formação dos mundos que acompanham Frementácio¹² há de fatalmente ser seguida da sua transformação em nebulosa, de que, outra vez, se formarão mundos, que tornarão a ser nebulosa; e assim *in aeternum*. O que sucede ao nosso sistema planetário, há de fatalmente suceder também a todos os outros sistemas visíveis de Marte e não visíveis. Se assim não fosse, o Cosmos infinito não era, nem podia ser infinito.

2. Formação e movimento de translação dos astros do Sistema Planetário ou solar – Devido a quaisquer transformações cósmicas anteriores, em um dado momento encontrou-se em suspensão no espaço uma nebulosa incandescente, que era animada, como tudo o que existe, de movimento de translação e rotação. Em virtude do movimento de rotação, a nebulosa adquiriu a forma de um elipsoide muito achatado segundo o eixo da mesma rotação. Este achatamento por um lado e, por outro lado, o arrefecimento das camadas exteriores da nebulosa deram lugar a que, sucessivamente, se fossem soltando anéis gasosos que, em razão da inércia da matéria, continuaram em rotação em volta da massa central da mesma nebulosa.

¹² [Frementácio] O Sol. Para evitar confusões aos leitores possíveis na Terra, daqui por diante adotarei, para tudo, a nomenclatura terrestre. Quando adotar a de Marte, terei o cuidado de o dizer; a seguir ou em nota. [N.A.]

Continuando os anéis a arrefecer, iam diminuindo de volume, chegando um momento, como era de esperar, em que se romperam em um ou mais pontos. Roto qualquer dos anéis, a sua massa, em resultado da atração recíproca das suas partes, formou um ou mais corpos esféricos que, devido à sua inércia, passariam a deslocar-se em linha reta com a velocidade que tinham, se não fosse a atração, dirigida ao ponto central da nebulosa principal, e futuro Sol, a qual os obrigou a girar em translação circular em volta do mesmo ponto central.¹³

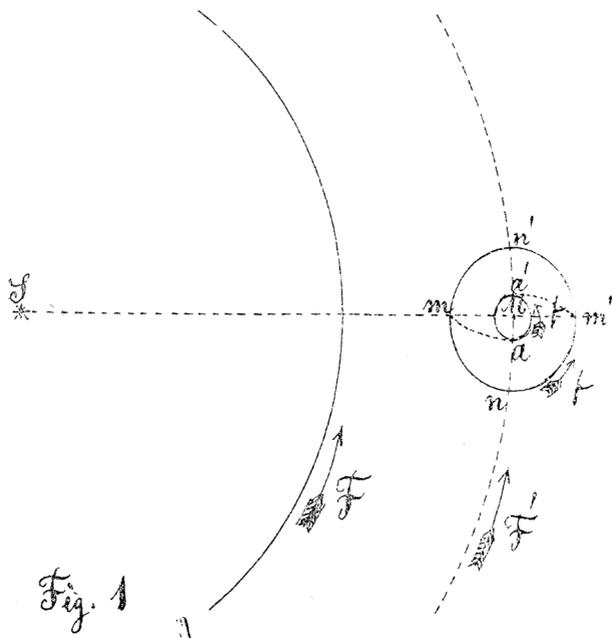
Se a nebulosa não tivesse movimento de translação, as órbitas dos corpos resultantes das roturas dos anéis seriam, com efeito, circulares. Em vista do movimento geral de translação, passaram a ser elípticas.

Estavam, portanto, constituídos os elementos primordiais dos futuros mundos ou planetas. O primeiro a formar-se foi Neptuno; o segundo foi Urano; o terceiro Saturno; o quarto Júpiter; o quinto foi um planeta que, mais tarde, foi destruído e, em parte, atraído por um astro que atravessou o sistema; o sexto foi Marte; o sétimo a Terra; o oitavo Vénus; o nono Mercúrio; e o décimo é Vulcano, que gravita muito perto do Sol.

3. Rotação dos planetas e translação e rotação dos [seus] satélites destes ¹⁴– Para ser perceptível a exposição, é indispensável uma figura. Seja, pois, *M* (fig. 1) o centro do futuro planeta que se chamou Marte, estando já, em volta desse centro, condensado um pequeno núcleo líquido, rodeado ainda de vasta nebulosa incandescente; e designe-se por *S* o centro da parte principal da nebulosa geral e centro do futuro Sol. A seta *F* indica o sentido da rotação da nebulosa central do Sol e planetas ainda por formar; a seta *F'* indica o sentido da translação da nebulosa de Marte, indicando a seta *f* o sentido do movimento de rotação que já possui o núcleo central e a nebulosa do futuro planeta.

¹³ A doutrina deste período vem confirmar a célebre hipótese de Laplace sobre a formação dos Mundos, publicada em 1796. [N.T.]

¹⁴ Com satisfação vemos que, neste número e no seguinte, os sábios de Marte, pela mão de Montgolfier, confirmam o que a respeito da rotação dos planetas e movimento retrógrado de translação dos satélites de Urano e Neptuno escrevemos em 1915, no *Anuário da Escola Naval*. [N.T.]



Tirando uma reta a passar pelos dois pontos S e M , vê-se que esta reta corta a superfície exterior da nebulosa de Marte em dois pontos, m e m' . Visto o ponto m distar do ponto S menos do que o ponto M , e este menos do que o ponto m' , conclui-se que a velocidade do primeiro é menor do que a do segundo e a deste menor do que a do terceiro. Ora como, devido à irradiação do calor, as massas exteriores da nebulosa do planeta iam passando ao estado líquido ou sólido, precipitando-se sobre o núcleo central, segue-se que as do lado de m deviam ter descrito curvas em atraso quase parabólicas¹⁵ que deviam bater em a , e as do lado de m' curvas em avanço que deviam bater em a' .

Com exceção única das massas que caem de n e n' , e que seguem em direção ao núcleo central, todas as outras que caem desde m a n ou a n' chocam em atraso naquele, e as que caem de m' a n ou a n' vão chocar em avanço.

¹⁵ As curvas seriam rigorosamente parabólicas, se as massas, que se precipitavam sobre o núcleo central, se movessem no vácuo. [N.A.]

Dos choques ou embates contínuos das massas condensadas, caindo umas em atraso e outras em avanço, se conclui que o núcleo central e sua nebulosa deviam adquirir movimento de rotação no sentido do de translação, e tanto mais rápido quanto maior for o planeta. É o que se dá com efeito. Enquanto Júpiter executa a sua rotação em 12 natos¹⁶, 29 binatos e 25 trinatos, Saturno em 13 natos, 10 binatos e 26 trinatos, a Terra em 31 natos, 8 binatos e 11 trinatos, gasta Marte na sua rotação 32 natos.

Pelo que diz respeito à translação e rotação dos satélites dos planetas, os raciocínios empregados para estes têm, *mutatis mutandis*, aplicação àqueles, visto as nebulosas dos planetas serem animadas de movimento de rotação e, portanto, poderem dar lugar à formação de anéis. Em volta de Marte gravitam dois pequenos satélites, o mais próximo e maior à distância, em média, do centro do planeta, de 9 300 quilômetros apenas, e o mais afastado e menor de 23 300, sendo o diâmetro do primeiro igual a 13 quilômetros e o do segundo apenas 8. O primeiro executa a sua translação em 9 natos, 31 binatos e 1 trinato e a rotação em 6 dias de Marte e 8 natos, o segundo executa a sua translação em 1 dia de Marte, 7 natos, 14 binatos e 28 trinatos e a rotação em 17 dias de Marte, e 14 natos. Representando a densidade média de Marte por 1, a densidade do primeiro satélite regula por 0,9 e a do segundo por 0,7. A ação dos dois satélites nos mares de Marte é muito pequena, devido ao seu insignificante tamanho, apesar da distância do primeiro à superfície do planeta regular apenas, em média, por um pouco menos de dois raios do mesmo planeta, e a do segundo por um pouco menos de seis raios.

¹⁶ O nato é a unidade de medida adotada em Marte para a contagem do tempo, sendo os mostradores dos relógios graduados de 1 a 32. Cada dia sideral de Marte vale 32 natos; cada nato vale 32 binatos, e cada binato vale 32 trinatos, e assim por diante. Um nato regula por 46 minutos do tempo sideral contado na Terra. Para evitar confusões, deste número 3 do presente capítulo por diante, indicarei os tempos em horas e anos da Terra; e, quando forem referidos a Marte, o direi no texto ou em nota. [N.A.]

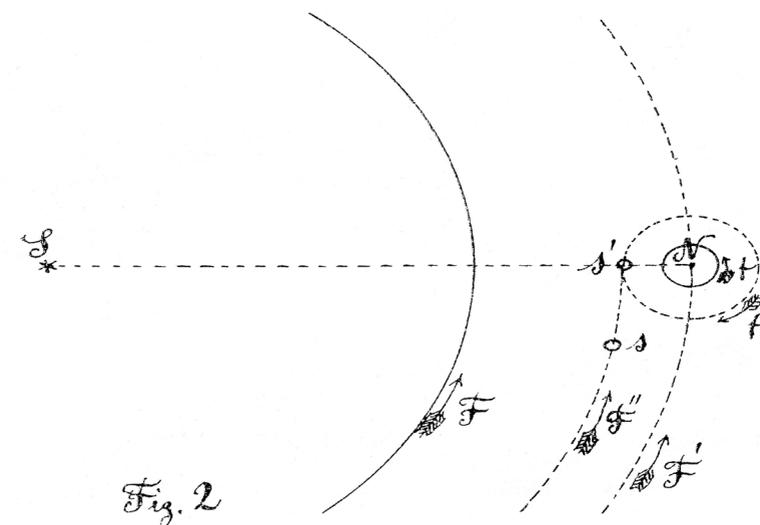
4. Movimento retrógrado da translação dos satélites de Urano e Neptuno

– O movimento retrógrado da translação dos satélites de Urano e de Neptuno pode ser explicado, admitindo a hipótese de que junto ao anel de cada um destes planetas e do lado de dentro se formaram, logo a seguir, alguns anéis muito delgados, ou um que se dividiu em vários fragmentos, ou ainda que do próprio anel gerador do planeta se desprenderam alguns fragmentos que distavam do centro do futuro Sol um pouco menos do que aquele.

Em qualquer dessas hipóteses, a velocidade angular da translação desses pequenos corpos devia ser um pouco maior do que a do planeta, em virtude da lei que diz que os quadrados dos tempos das revoluções planetárias são proporcionais aos cubos dos eixos maiores das órbitas¹⁷. Por isso, esses pequenos corpos foram-se aproximando, a pouco e pouco, do planeta, até que a atração deste sobre eles predominou sobre a da nebulosa central, obrigando-os a gravitar em seu torno e, por conseguinte, com movimento de translação retrógrado.

A Fig. 2 dá uma ideia do modo como as cousas se passaram. A letra *S* representa o centro da nebulosa geral e futuro Sol, a letra *N* o planeta Neptuno, *s* e *s'* duas posições sucessivas dum dos futuros satélites, a seta *F* indica o sentido da rotação da nebulosa central, *F'* a direção e sentido do movimento de translação do planeta, *F''* a direção e sentido do movimento de translação do futuro satélite, *f* o movimento de rotação do planeta e *f'* o de translação do futuro satélite, depois de gravitar em volta do planeta, com movimento retrógrado portanto.

¹⁷ Esta lei é conhecida, há muito, na Terra. Em 1609, o célebre astrónomo Kepler determinou as leis das órbitas e das áreas, e, tempos depois, aquela. Como é sabido, estas leis são: 1.^a) As órbitas planetárias são elipses de que o Sol ocupa um dos focos; 2.^a) As áreas descritas pelos raios vetores são proporcionais aos tempos; 3.^a) Os quadrados dos tempos das revoluções planetárias são proporcionais aos cubos dos eixos maiores das órbitas. [N.T.]



5. Transformações por que passaram as órbitas e eixos de rotação dos planetas

– A princípio, todas as órbitas dos planetas se confundiam quase num único plano normal ao eixo primitivo de rotação da nebulosa mãe; mas, há uns 40 000 anos de Marte ou 75 233 anos da Terra, um grande astro, muito maior do que Júpiter, atravessou por entre o sistema planetário, bateu de encontro ao quinto planeta, que desfez em frangalhos, levando consigo grande parte dele, alterou a situação e excentricidade das órbitas dos restantes planetas, formando algumas mais excêntricas, especialmente a de Marte, e mudou a posição de todos os eixos de rotação dos planetas, passando a ser oblíquos em relação às órbitas respetivas.

As convulsões, ruínas, inundações, morticínios e prejuízos gerais causados nos planetas, especialmente Marte, Júpiter e Terra, não falando no quinto planeta destruído, foram incalculáveis. Em Marte, os mares galgaram por sobre as ilhas e parte do continente, arrasando inúmeras cidades e assolando completamente riquíssimas regiões; em Júpiter, segundo foi observado pelos telescópios que puderam escapar à tremenda convulsão, os mares também assolaram grandes ilhas e parte dos continentes; e, na própria Terra, a grande ilha ou célebre continente denominado Atlânti-

da, foi quase todo submergido¹⁸ e o Istmo de Gibraltar foi então que foi destruído, entrando as águas do Atlântico pelo Mediterrâneo¹⁹ dentro, e submergindo imensas cidades e regiões ricas e populosas.

O astro assolador, inclinando o eixo de rotação dos planetas, alterou por completo o regímen das neves polares. Antes da sua passagem, as neves polares eram invariáveis ou quase, apenas tendo uma pequena diminuição nos dois polos, quando os planetas passavam no periélio, e um pequeno aumento, quando passavam no afélio. Como o astro intruso fez inclinar os eixos de rotação relativamente ao plano das órbitas, daqui resultou que as calotes de neve dos planetas passaram a variar muito durante a revolução daqueles, sendo mínimas no solstício do seu hemisfério e máximas no do outro. Ainda é ponto assente pelos sábios marciais que as calotes polares de neve foram a princípio maiores do que atualmente são, como se prova pela existência de rochas glaciárias em latitudes onde não chegam presentemente as neves polares. Isto foi devido, segundo eles dizem, ao facto de que, a princípio, o Sol não tinha atingido o grau máximo da sua temperatura, e estava envolvido pela parte da nebulosa de que foi formado o planeta Vénus, e bem assim Mercúrio e Vulcano, a qual servia de obstáculo à livre irradiação solar.

18 Na Terra tem sido, com efeito, conservada a tradição através dos séculos da existência deste continente, que devia abranger todo o espaço que vai dos Açores às Canárias pela Madeira. O célebre filósofo Platão, tanto no seu livro *Critias*, como no prefácio do livro *Timaeus*, faz larga referência à república ideal da Atlântida. [N.T.]

19 Nesse tempo, com efeito também, o Mediterrâneo devia ser um simples lago, ocupando apenas a parte mais baixa do atual mar, em razão de grande parte da Europa estar então sempre coberta de neve, tendo aquele, portanto, um nível muitíssimo inferior ao do oceano Atlântico, de que era separado pelo istmo de Gibraltar. A tradição atribuía a catástrofe do istmo ao semideus Marte. Muito nos apraz o ver que os sábios marciais confirmam a opinião que sempre tivemos a este respeito e que expusemos no opúsculo em verso, intitulado *O Passado*. O chamado dilúvio universal, também conservado pela tradição através dos séculos, não foi, por certo, outra coisa mais do que a inundação da bacia do Mediterrâneo pelas águas do Atlântico, nessa remotíssima época. [N.T.]

II Formação geológica de Marte e suas riquezas mineralógicas

1. Início da formação de Marte – Quando se reuniram, no ponto central do futuro planeta, as primeiras massas que se condensaram na superfície gasosa da sua nebulosa, formando o primitivo núcleo central, este devia estar incandescente e encontrar-se no estado líquido, sendo impercetível o seu movimento de rotação. O seu volume, porém, foi aumentando constantemente, até chegar a ter as atuais dimensões, sempre no estado líquido incandescente, aumentando conjuntamente, como foi demonstrado anteriormente, a velocidade de rotação no mesmo sentido da de translação. Se não houvesse movimento de rotação, a forma da massa líquida incandescente seria esférica; mas, visto ser animada de velocidade de rotação quase igual à da Terra, a sua forma não podia deixar de ser, como realmente foi, a de um elipsoide de revolução, achatado no sentido dos polos. Este achatamento é atualmente de 1/305, sendo dado pela fórmula $\rho=(a-b)/a$ em que a é o raio no equador e b o raio nos polos, sem a neve, se entenda.

Como a nebulosa, que deu origem ao planeta, a pouco e pouco foi adquirindo o movimento de rotação juntamente com o núcleo central, por isso é que, antes de todos os gases incandescentes se terem precipitado sobre o mesmo núcleo central, alguns dos menos pesados formaram os dois anéis que deram origem aos satélites de Marte, a que já me referi no capítulo anterior. A maior parte dos gases incandescentes da nebulosa primitiva passaram, pois, ao estado líquido, formando o planeta propriamente dito e, em seguida, os seus dois pequenos satélites; mas alguns gases, como o oxigénio, azoto, vapor de água, gases carbónicos, sulfurosos, etc., resistiram no estado gasoso ao abaixamento da temperatura exterior, constituindo em volta do planeta uma grande atmosfera gasosa que, na ocasião, se elevava a alguns milhares de quilómetros²⁰ e que,

20 Conforme já se disse, daqui por diante, dou os nomes e medidas adotados na Terra. Quando der alguns de Marte, menciono a proveniência. [N.A.]

atualmente, segundo afirmam os sábios meteorologistas e astrónomos marcianos, ainda vai a 500 quilómetros, em vista da altura a que se apagam as estrelas cadentes.

2. Constituição da crosta sólida do planeta – Depois de formado o planeta Marte no estado líquido incandescente, apesar de rodeado de altíssima atmosfera, foi, entretanto, irradiando calor para o espaço e arrefecendo a pouco e pouco, começando a formar-se à superfície, aqui e acolá, fragmentos sólidos que, a seguir, mergulhavam na massa líquida geral, arrefecendo-a um pouco e tornando a passar ao estado líquido. Mas novas camadas sólidas se formavam que, a seguir, desciam e se fundiam aumentando cada vez mais o número de massas líquidas que à superfície se solidificavam. Nesta luta constante e tremenda dos líquidos e gases com os sólidos que se iam formando, decorreram muitos milhares de anos, até que, por fim toda a grande massa líquida foi completamente envolvida por uma crosta sólida pouco densa. A luta, porém, continuava com violência, e os gases, que se desenvolviam por debaixo da crosta sólida, erguiam esta em vários pontos, formando montanhas ou extensas cordilheiras que, quase sempre, tornavam a abater. Entretanto, algumas foram ficando, por vezes sendo rotas por grandes brechas e boqueirões imensos, por onde saíam turbilhões de gases inflamados e lavas incandescentes que, em torrentes, se espalhavam por sobre a crosta sólida. Destes boqueirões ou crateras apenas atualmente se encontram dois exemplares bem perceptíveis no hemisfério norte, os quais há mais de cem mil anos têm sido conservados ao abrigo da destruição causada pelas chuvas e neves, devido à solicitude dos marcianos.

As rochas, que diretamente se formaram da condensação da massa líquida, têm muita semelhança com as que na Terra são designadas pelo nome de “plutónicas”, predominando porém a que é conhecida pelo nome de “sienito”, tendo alguma mica, pequena porção de cristais de quartzo, sendo, na sua quase totalidade, constituída por feldspato com a coloração quase sempre avermelhada. Também se formou algum granito, muito rico em brilhantes cristais de quartzo, mas em muito pequena

porção. Contudo, no hemisfério norte, há uns cinco pequenos montes ou outeiros de bom granito e, no hemisfério sul, dois donde têm vindo as cantarias para os principais monumentos, observatórios astronómicos e palácios de Marte. Em grandes filões e cavidades destas rochas plutónicas, e bem assim em outras rochas formadas dos fragmentos e detritos destas, encontram-se pedras rijas e muito brilhantes, como diamantes e outras, bem como muitos dos metais que há na Terra, como a platina, ouro, prata, cobre, zinco, ferro e especialmente alumínio, que é o metal que mais abunda em Marte.

As erupções vulcânicas primitivas deram lugar à formação de muitas ilhas, cujo solo, mais ou menos acidentado, é constituído por terrenos muito porosos e leves, e que são duma grande fertilidade. Por entre estes terrenos leves, encontram-se quase sempre muralhas de rijo basalto que tem obstado em parte à erosão causada pelas chuvas, neves e ventos. No continente também abundam os terrenos vulcânicos, mas em menor quantidade relativa do que nas ilhas.

3. Alteração da crosta sólida – Enquanto a crosta de Marte manteve temperaturas superiores a 73^o centígrados, que, como se verá, é a temperatura da ebulição da água destilada ao nível dos mares do planeta, a água encontrava-se toda no estado de vapor, formando com outros gases, como disse, uma imensa atmosfera ou nebulosa em volta daquele. Assim que, porém, a temperatura passou a descer abaixo de 73^o, logo abundantes chuvas, torrenciais por vezes, começaram a cair por toda a parte, formando ruidosas torrentes, ribeiras e rios que arrastavam grandes porções de burgaus e terrenos nos seus cursos caudalosos, transportando-os para os pontos mais baixos, onde se acumulavam, formando estratos horizontais que, com o tempo e com a pressão das águas que os cobriam, de dia para dia iam enrijando. Estas rochas são parecidas com as que na Terra têm a designação de “sedimentares”. A princípio, enquanto no planeta não havia vegetais nem animais, as torrentes caudalosas das ribeiras e rios apenas transportavam, com a água, burgaus e terrenos. Mais tarde, quando em terra e no mar começou a desenvol-

ver-se a flora e a fauna, os detritos de vegetais e animais foram também transportados, daí resultando a variedade de fósseis que se encontram nas rochas sedimentares.

Quando a flora já havia tomado um desenvolvimento notável por toda a parte, sucedeu em muitos pontos da superfície de Marte que, em razão das grandes convulsões interiores, muitas matas virgens, vastíssimas e densas, foram precipitadas, com os terrenos onde vegetavam, em grandes profundidades, ficando cobertas de água e, mais tarde, dos detritos do solo. Devido à grande pressão das águas e terrenos, às infiltrações e bem assim à elevada temperatura do interior do planeta, a essas matas é atribuída a proveniência dos importantes jazigos de carvão de pedra e de petróleo. Apesar de terem sido abundantíssimos, a sua extração aumentou por tal modo de ano para ano que, quando teve lugar a grande guerra de há cem mil anos de Marte, já estavam quase esgotados. Essa circunstância, e a sofreguidão com que em todas as nações se olhavam os jazigos preciosos que ameaçavam esvair-se, concorreram bastante para precipitar a guerra.

Conforme disse, quando se depositaram as rochas sedimentares, eram todas horizontais, correspondendo as diversas camadas sobrepostas às épocas sucessivas da sua formação. Mas, como algumas destas rochas se formaram, estando ainda parte da massa interior do planeta no estado líquido e incandescente, daqui resultou que muitas delas foram deslocadas das fundas bacias onde foram depositadas, sendo levantadas a grande altura, ou sozinhas ou juntamente com as rochas plutônicas, aparecendo, sós por sós, a formar montes e planaltos, ou por cima das rochas plutônicas que, num e noutro ponto, erguiam e erguem ao espaço os seus blocos arrogantes. Por isso as rochas sedimentares raríssimas vezes se encontram com a sua estratificação rigorosamente horizontal, mas quase sempre inclinada e, por vezes, com exagerada inclinação.

Além das rochas plutônicas, vulcânicas e sedimentares, ainda se encontram em Marte muitas rochas cristalinas de muito grande beleza e brilho, parecidas com as que na Terra têm o nome de “metamórficas”. Supõem os geólogos marcianos que estas rochas são provenientes das

rochas sedimentares e mesmo das plutônicas que, tendo mergulhado, depois de formadas, na massa incandescente, aí experimentaram notáveis transformações na sua geral estrutura, brilho e aspeto, devido à elevada temperatura e reações químicas, sendo levantadas para a superfície da crosta sólida depois de terem experimentado essas transformações. Os magníficos mármore, de que há muitos e brilhantes exemplares em Marte, pertencem na sua grande maioria a esta espécie de rochas.

É grande a variedade de terrenos sedimentares por toda a superfície do planeta, parecendo-se bastante com os da Terra: os primários encontram-se em regular abundância, especialmente os silúricos, e bem assim alguns câmbricos, pré-câmbricos e carboníferos. Há algumas rochas secundárias, mas poucas; das terciárias há uma regular abundância, sendo todas muito férteis, especialmente as miocénicas e as pliocénicas. Mas, de todas as rochas e terrenos, os que mais abundam, depois que se abriram os canais de Marte, são os pós-terciários ou de aluvião, que são duma assombrosa fertilidade, embora as frutas e mais produtos agrícolas não igualem em mimo, doçura e aroma os que são produzidos nos terrenos silúricos.

III

Continente, ilhas, mares, lagos e neves eternas

1. Continente e ilhas – Conforme se viu no capítulo anterior, em seguida e muito posteriormente à formação da massa líquida incandescente é que se formou a crosta sólida, que somente começou a ter uma certa estabilidade, assim que adquiriu conveniente espessura. A partir desse momento, embora vagamente, já se antevia a configuração geral futura do continente e ilhas; mas só depois que os vapores de água da atmosfera se condensaram e se precipitaram em cataratas sobre o solo, formando rios, lagos e mares, é que a forma do continente e das ilhas se definiu a valer. Entretanto, muitas alterações ainda tiveram lugar até chegarem ao estado atual, afundando-se ilhas que nunca mais foram vistas e elevando-se outras do meio da vastidão das águas.

Antes dos antepassados dos atuais marcianos terem dado início à construção de grandes canais e das bacias a que estes convergem, a superfície sólida da crosta do planeta regulava quase por dois terços da parte líquida. Atualmente, devido à grande superfície dos canais e à elevação do nível dos mares causada pelos terrenos que, arrastados pelos rios, se foram acumulando no leito daqueles, a superfície total dos continentes e ilhas, [ainda] maior do que a dos mares e lagos, contudo a diferença entre o solo e o mar não é sensivelmente grande. Pode dizer-se que, antes da construção dos grandes canais, havia um único continente grande, ocupando quase todo o hemisfério norte, não atingindo o equador em alguns pontos, mas ultrapassando-o noutros; e havia muito grandes ilhas e também algumas pequenas, espalhadas pela vastidão do mar que vinha desde o polo Sul até entestar com o grande continente boreal.

Nos tempos primitivos de Marte, depois de estarem fixadas as formas gerais do grande continente boreal e ilhas, sobre toda a sua superfície sólida elevavam-se alguns montes e cordilheiras, especialmente naquele imenso continente, e bem assim bastantes vulcões, muitos deles em quase constante atividade. Entretanto, a massa líquida incandescente do interior do planeta ia arrefecendo e, paralelamente, ia diminuindo o número de vulcões em atividade, até se apagarem todos. Atualmente, não só não há um único vulcão em atividade, mas das crateras dos vulcões extintos, como disse no capítulo anterior, existem perceptíveis apenas duas, e isto devido à solicitude dos marcianos em conservar aquele monumento da primitiva fase da consolidação da crosta de Marte. Enquanto à massa líquida incandescente do seu interior, se alguma existe ainda, deve ser insignificante, segundo a opinião dos geólogos marcianos.

A constante erosão das rochas rijas e terrenos leves, causada pelas chuvas, neves, ventos e ainda pelas reações químicas auxiliadas pelos gases da atmosfera, durante dezenas e centenas de milhar [sic] de anos, deu lugar a que as montanhas, crateras extintas e planaltos fossem constantemente baixando, não havendo em todo o hemisfério sul um único monte com elevação superior a duzentos metros, apenas se encontrando no polo norte um maciço de montes com a elevação de oitocentos e cin-

quenta metros, vindo os terrenos sempre em declive até toparem com o mar, entremeados, entretanto, aqui e acolá, por alguns planaltos, pequenos montes, outeiros e as duas crateras extintas já referidas.

2. Mares e lagos – Como era de supor, a superfície dos mares e lagos foi aumentando com o arrefecimento de Marte, pelo aumento da condensação do vapor de água que se encontrava espalhado na atmosfera, e bem assim pela grande porção de terrenos e detritos orgânicos arrastados pelos rios para os mesmos mares e lagos, e que, depositando-se no seu leito, elevavam o nível daqueles, que passavam a invadir as terras baixas limítrofes. Mas, se aumentava a extensão dos mares e lagos, diminuía, por outro lado, a sua profundidade. Assim, o máximo valor desta, que até hoje tem sido encontrado, é de mil e trinta metros, no paralelo austral de 55° e longitude de 330°. Especialmente os mares, lagos e canais do hemisfério norte são, todos eles, de muito pequena profundidade.

Quando começaram a cair as chuvas sobre o continente e ilhas, a água, ao mesmo tempo que arrastava consigo alguns terrenos, dissolvia vários sais que existiam naqueles, predominando o cloreto de sódio e alguns sulfatos. Por isso é que as águas dos mares e lagos são mais ou menos salgadas. Atualmente, em que todos os lagos estão em comunicação com o mar por meio de canais, a percentagem de sais em todos eles é sensivelmente a mesma. As marés solares de Marte são pequenas, por duas razões: a primeira pelo facto de o Sol estar muito longe, e a segunda pelo motivo de, antes mesmo de se construírem os vastíssimos canais, o grande continente boreal não apresentar extensos promontórios ou prolongamentos pelo mar dentro. Por isso a maré solar, seguindo de oriente para ocidente, e não encontrando grande oposição ao seu movimento, nunca toma proporções de alguma importância. Enquanto às marés, causadas pelos dois satélites, são insignificantes, apesar da proximidade destes, pelo motivo da pequenez de um e do outro. As marés solares que, antes de se construir a importante rede de canais, eram pequenas, depois dela construída, mais pequenas se tornaram.

3. Neves eternas – Na época primitiva de Marte, e depois de povoado das suas densas matas e possuir quase todos os animais que atualmente existem, e mesmo muitos outros que desapareceram, tanto no polo norte como no polo Sul, havia neves eternas que iam até ao paralelo de 40°. Depois de se ter formado a Terra e em seguida Vénus e Mercúrio, condensando-se nestes astros parte da nebulosa central que escondia o Sol, e tendo este adquirido a sua máxima temperatura pela condensação da parte da nebulosa que o formou, as calotes de neves polares foram diminuindo de século para século, chegando por fim a estenderem-se apenas até ao paralelo de 75°. Mas, passando o Sol a diminuir de calor e de irradiação para os espaços, depois de ter atingido o máximo, as calotes passaram a aumentar de novo, descendo até ao paralelo de 70°. Foi nesta altura, há uns 40 000 anos de Marte ou 75 233 da Terra, que – em seguida a ter passado através do nosso sistema planetário um grande astro que desfez em frangalhos o quinto planeta, aumentando a excentricidade da órbita de Marte e inclinando o eixo de rotação de 24° 32' – foi nesta altura, que as calotes de neve passaram a variar alternadamente, em seguida aos solstícios, atingindo apenas o paralelo de 85° a 86° no solstício respetivo, e descendo para 58° e 60° no outro solstício. Desde então até hoje, pequena variação se tem dado nestes valores.

Como em Marte não há montanhas nem planaltos elevados, as neves eternas apenas existem nos polos e proximidades. Entretanto, durante o inverno de cada um dos hemisférios, os outeiros e planaltos mais elevados do continente boreal e das ilhas do hemisfério austral, também se cobrem de neve nas altas latitudes. Na grande zona entre os trópicos, nunca se vê neve, nem mesmo a geada.

A mutação alternada da calote de neve que se dá nas zonas polares, especialmente no hemisfério norte, foi aproveitada pelos marcianos para a instalação de inúmeras barragens ou represas destinadas à produção da eletricidade, que tem sido um dos fatores mais importantes do progresso e bem-estar geral do planeta. A iluminação pública das cidades, os transportes em linhas férreas, o aquecimento nas cozinhas públicas, a própria agricultura, etc., são subordinados à produção elétrica, determinada pelas neves polares, e também, como se verá, pelas chuvas regulares.

IV Rios e canais

1. Rios – Antes de serem abertos os largos e extensíssimos canais que, em todos os sentidos, cortam o grande continente boreal, havia neste muitos rios caudalosos, descendo quase todos em linha sinuosa desde as altas regiões das neves polares até desaguiarem no grande mar e lagos interiores. Atualmente, não há um único grande rio em Marte, desde que foi construído o importantíssimo canal, quase circular, que corre entre os paralelos de 45° e 56° norte, e que, a seguir, se concluiu a vasta rede de canais que puseram aquele em comunicação com o grande mar ou oceano e lagos interiores.

Mas, se não há os caudalosos rios que outrora havia, ainda há muitos de menor curso, e cujo caudal de água pouca diferença faz durante o verão e inverno. Os rios que irradiam do polo boreal e alguns das duas ilhas próximas do polo austral são, no respetivo verão, alimentados pelas neves em fusão e bem assim pelas chuvas que, mesmo então, por vezes caem de noite. Nas outras estações, são unicamente alimentados pelas chuvas que durante a noite, e por vezes durante o dia, caem com benéfica regularidade. Nas regiões quentes que demoram entre os trópicos, os pequenos rios com o seu suavíssimo curso através de regiões baixas são alimentados unicamente pelas chuvas. Entretanto é raro, raríssimo mesmo, o ver-se em seco o leito de um rio, por mais pequeno que seja, ou mesmo o leito de uma insignificante ribeira ou ribeiro.

Para a profícua regularidade das chuvas em Marte concorre poderosamente a grande quantidade de matas seculares que por toda a parte se encontram nos terrenos que não são indispensáveis para a agricultura. Os povos marcianos prestam um ardente e subido culto à árvore²¹, não só à que dá frutas comíveis, mas a toda e qualquer árvore, pois dão flores, causam sombra, embelezam e encantam a perspectiva, sendo indispensáveis para a agricultura por causa dos adubos das terras e regularização das chuvas.

²¹ Em Portugal, esse culto é apenas a fingir. Se em Portugal o culto pela árvores fosse a valer, todas as câmaras municipais do país teriam apresentado contra o decreto n.º 4700 de 26 de junho de 1918, no número 32 da tabela suntuária, que acompanha e faz parte do imbecil e maléfico decreto do ditador Sidónio Pais, e que os incompetentes que se lhe seguiram têm deixado estar em vigor. [N.T.]

2. Canais – Um dos fatores que mais profícua e energicamente têm concorrido para o progresso e bem-estar de Marte é, sem dúvida alguma, o da grandiosa rede dos largos e longos canais que há, e que são um documento perceptível, relevante e honroso da grande energia, atividade e inteligência dos seus habitantes.

Na época primitiva da formação do planeta Ermio²², este era muito montanhoso, como ainda é o planeta Frímio. As chuvas abundantes, as neves, os ventos mesmo e a ação química dos gases da atmosfera foram derruindo, a pouco e pouco, as montanhas e planaltos. O efeito da sua erosão passa quase despercebido no fim de pouco tempo; mas, no fim de milhares e milhares de anos, foi tão tremenda essa ação demolidora que transformou um corpo acidentado e montanhoso, como era Marte, em um outro quase sem elevações sensíveis, com exceção das do polo norte e pequenos montes e outeiros do continente boreal. Os rios com as suas correntes caudalosas foram arrastando não só as terras leves e porosas, mas também as pedras rijas e os detritos dos vegetais e animais para o grande mar, pequenos mares e lagos, indo tudo acumular-se nos pélagos e fundos abismos destes. Por um lado, foi diminuindo a altura das terras e por outro foi-se elevando o nível dos mares que, dia a dia, iam invadindo aquelas em grandes extensões. E tão pequena era a diferença de nível que o degelo das neves de qualquer dos hemisférios no seu solstício, as marés solares apesar de pequenas, ou um vento um pouco mais forte, eram o bastante para causarem grandes inundações em vastíssimas regiões, encharcando-as por modo que, quando as águas se retiravam, não podiam ser amanhadas e cultivadas.

Ao mesmo tempo, o grande número de lagos e lagoas que havia no continente e grandes ilhas era uma causa terrível de febres palustres perigosíssimas, infetando a atmosfera de miasmas e inundando-a de mosquitos. Por isso os marcianos viram que o único meio de evitar as inundações das terras baixas e os miasmas dos lagos e lagoas consistia em abrir canais

²² É o nome que se dá a este planeta [Marte]. Descuidosamente e pelo costume de o ouvir assim nomear é que não lhe dei o nome de Marte. À Terra dão aqui o nome de Frímio. [N.A.]

que entre si ligassem estes, ligando-os em seguida com o grande mar, a partir do paralelo de 56° norte. Um dos primeiros e o mais largo canal que abriram é o canal quase circular de oeste para leste, entre aquele paralelo e o de 45°, o qual, no hemisfério boreal, limita pelo norte a grande rede dos canais. Com a abertura dos canais aumentaram a superfície geral das águas: e as terras que deles tiravam, sendo deitadas nos terrenos vizinhos, elevaram o seu nível, colocando-as ao abrigo de futuras inundações.

Como, na época em que se abriram os primeiros canais, ainda não havia linhas férreas e nem mesmo boas estradas para carros e peões, e o trânsito por sobre terrenos baixos e alagadiços era muito difícil, a abertura daqueles teve também a impagável vantagem de facilitar por sobre a água, em barcos a remos ou à vela, as comunicações entre diversos locais até aí quase intransitáveis. Para mais, dava-se a circunstância de que, em Marte, conforme se verá, sopram os ventos com uma útil e apreciável regularidade, o que muito concorreu para o grande desenvolvimento que rapidamente adquiriu a navegação costeira à vela.

Os primeiros canais de Marte começaram a ser abertos ainda em tempos antigos e quando o planeta estava sob o domínio de muitos Estados independentes, havendo ainda também bastantes montanhas e terrenos elevados. Ora cada Estado abria os seus canais segundo a sua melhor conveniência, não os subordinando a um traçado geral harmónico e dando-lhes a largura que muito bem lhe parecia, e menor do que a que atualmente têm. Depois que Marte passou a ser administrado por uma única instituição e governo, e tendo os terrenos baixado por motivo da erosão causada pelas chuvas, degelo das neves, ventos e ação química do ar atmosférico, de século para século se tem ido retificando e ampliando os primitivos canais e abrindo outros com maior largura.

A vantagem da grande largura dos canais – que eu via nos planisférios de Marte pintados numa das paredes do vasto aposento onde dormia, enquanto estive em curativo e convalescença, alguns dos quais contemplei da torre do museu zoológico, no primeiro dia em que a ela subi – é que, com franqueza o digo, não pude perceber a princípio, enquanto não fui informado a este respeito. Com um tal intuito fazendo perguntas a

várias pessoas, todas prontamente me responderam o que já me tinha dito o meu enfermeiro, e que é, pouco mais ou menos, o seguinte:

«Para tirarem dos canais as terras necessárias para que os terrenos próximos ficassem completamente ao abrigo das futuras inundações, era necessário afundarem muito aqueles ou então alargarem-nos muito. Ora o afundarem muito os canais tinha dois grandes inconvenientes: o primeiro consistia em que as terras extraídas eram menos porosas e menos férteis do que se fossem tiradas até uma pequena profundidade; e o segundo inconveniente, não menos gravoso e mais perceptível, consistia em que os trabalhos da extração das terras dos canais tinham de ser executados em águas muito profundas. Sendo os canais bastante largos e espaçosos e pouco profundos, os terrenos extraídos eram de preciosa qualidade para a agricultura, e o trabalho era menos difícil, especialmente havendo a paciência de esperar que as águas do mar ou lagos próximos estivessem mais baixas. No entanto, há alguns canais relativamente estreitos e com largura inferior a 10 quilómetros, havendo-os, contudo, com largura superior a 20.»

Além da importante rede de canais marítimos, obra grandiosa que para sempre imortalizará este relevante povo de Marte, é também digna de sincera admiração a vastíssima rede de canais em pedra e de canos de alumínio que transportam a água potável para as cidades, vilas e aldeias e bem assim para regar as hortas, pomares, jardins públicos, arrozais, etc. Os canais marítimos são realmente importantes a todos os respeitos; e quem os contempla fica logo fazendo uma grande ideia deste extraordinário e industrioso povo. Mas os canais de água potável e de irrigação são também, no seu género, o que de mais relevante foi jamais executado²³ a este respeito. São verdadeiros rios de água cristalina e doce que, das regiões polares e planaltos com alguma elevação, levam o conforto, o asseio, a higiene e a fertilidade a toda a parte.

²³ Na formosíssima e rica ilha da Madeira, onde uma vez passei e me demorei, indo de viagem até às margens do rio Níger, tive ensejo de admirar as suas magníficas canalizações de água potável e para regas. Mas o que há em Marte vai muito além de tudo o que vi na Madeira. [N.A.]

V

Meteorologia e correntes atmosféricas

1. Principais instrumentos empregados – Nos observatórios meteorológicos de Marte, são empregados muitos instrumentos, quase todos registadores que, salvo pequenas diferenças secundárias, regulam pelos que são empregados nos observatórios meteorológicos da Terra. Por isso, apenas farei muito rápidas e ligeiras considerações a respeito dos termómetros, barómetros, higrómetros, anemómetros e pluviómetros ou udómetros.

A escala dos *termómetros* foi graduada, como na Terra, por meio da dilatação regular e uniforme dum líquido, cuja condensação tenha lugar a uma temperatura muito inferior à do gelo fundente. O líquido mais empregado é, como na Terra, o mercúrio. O zero da escala corresponde ao gelo fundente, como nesta; mas a temperatura da água destilada a ferver que, ao nível do mar, é, na Terra, de 100^o centígrados, em Marte, é apenas de 73^o, e tem a marcação de 64^o. A razão porque é 64 a graduação e não 100 está em ser 64 o dobro de 32, que é a base do sistema numérico empregado em Marte, sendo 32 também os símbolos da numeração. Além do mercúrio, empregam-se outros líquidos corados mais leves, sós ou juntamente com gases, para indicarem pequeníssimas variações de temperatura, empregando-se termómetros sólidos para indicarem temperaturas muito elevadas.

Quanto a barómetros, os mais empregados são os metálicos, feitos dum liga muito elástica de alumínio com outro metal ainda menos oxidável. Também os há de líquido, não sendo empregado o mercúrio por ser muito pesado, pois que a pressão atmosférica, ao nível do mar, em um barómetro de mercúrio, como verifiquei, é apenas de 300 milímetros, em média, e não 760 como se dá na Terra.

Há uma grande variedade de higrómetros, mas o mais rigoroso é um aparelho análogo ao psicrómetro e o mais sensível é a folha dum planta parecida com o *gynerium*, a qual se enrola completamente, quando a atmosfera está seca, e se dilata, também completamente, quando está saturada de vapor de água. Uma das particularidades interessantes de

Marte consiste em que, estando a atmosfera raríssimas vezes saturada de vapor de água à superfície dos continentes e ilhas, contudo poucas são as noites em que não chove, com grande vantagem para a agricultura. A causa deste útil fenómeno está em a atmosfera ser muito elevada, e nunca menos de 500 quilómetros, e o vapor de água se elevar a mais de 20 quilómetros. De dia, está no estado de vapor, mas logo que vem a noite, arrefece, condensa-se e precipita-se em chuva.

Os anemómetros e anemógrafos registadores, que vi nos diversos observatórios, pouco diferem dos empregados na Terra. Não há memória de nenhum deles, desde duzentos mil anos até hoje, ter anotado velocidades do vento superiores a 50 quilómetros à hora.

Os pluviómetros ou udómetros pouco diferem também dos usados em Terra, devendo apenas notar-se que o depósito para a água das chuvas é bastante maior, pois que a média anual da água que cai na zona entre os trópicos regula por 15 metros, nas zonas polares, em água e neve, por 12 metros, e nas intermédias por 10.

2. Atmosfera de Marte – Como se tem dito, a atmosfera de Marte envolve completamente o planeta, elevando-se no equador e polos, em média, a 500 quilómetros, e elevando-se um pouco menos nos paralelos de 30° a 35°. Os gases predominantes são o oxigénio e azoto em partes quase iguais. Logo a seguir, o vapor de água ocupa um lugar importante, elevando-se no equador até altitudes superiores a 20 quilómetros sob a forma de pequeníssimos cristais de neve, constituindo nuvens quase invisíveis de fino pó. Também se encontram na atmosfera abundantes gases carbónicos, alguns sulfurosos e outros. Ainda se encontra na atmosfera abundante electricidade, mas sempre positiva, não havendo memória de nela se encontrar electricidade negativa. É aquela electricidade que dá lugar aos fogos de Santelmo, fenómeno curioso que amiudadas vezes se observa no topo dos mastros dos navios e no cimo das árvores. Em contraposição, as trovoadas são raríssimas e quase desconhecidas em Marte. Devo confessar que é uma das poucas cousas que alguma saudade me causam da Terra, pois sempre considerei uma trovoadas valente

um espetáculo dos mais imponentes que podem ser presenciados. Para compensar, porém, a falta de trovoadas, as auroras polares são quase permanentes em volta das regiões polares, no respetivo inverno. Este grandioso espetáculo é algo mais imponente do que qualquer trovoadas, por mais forte que seja.

A regularidade das chuvas é que constitui um dos predicados mais apreciáveis deste ditoso planeta. Apesar de, durante o dia, poucas vezes se formarem nuvens de grande extensão, assim que o Sol se esconde, eis que logo começam a formar-se, evitando por um lado a irradiação do calor do solo para o espaço e, por outro lado, dando início depois da meia-noite a abundantes regas que dão às searas, pomares e grandes matas um frescor, viço e pujança desconhecidos em Terra. Nestas condições, a agricultura, feita quase toda por maquinismos elétricos variadíssimos, constitui não um labor pesado, mas um divertimento encantador.

Há, contudo, noites em que não chove. Quando isso sucede, especialmente no outono e na primavera de cada hemisfério, os canais e a borda dos mares e do grande oceano cobrem-se de nevoeiro que alastra pelas terras que marginam aqueles, e que desaparece depois do Sol nascer. Há, porém, ocasiões, embora raras, em que as névoas e nevoeiros dos canais e terras próximas não desaparecem durante todo o dia. Observados estes nevoeiros, de um balão ou de uma aeronave em grande altura, dão a impressão de canais de neve duma largura dupla ou tripla da que os canais a valer realmente têm.

3. Variação da temperatura da atmosfera – Em Marte, as variações diurnas de temperatura são bastante menores do que as que se notam na Terra, em razão da grande quantidade de vapor de água que há na alta atmosfera. Assim, durante os equinócios, enquanto que [*sic*] a temperatura máxima entre os trópicos (a qual tem lugar umas duas a três horas em seguida ao Sol passar no meridiano) nunca passa a mais de 28° centígrados, não desce, contudo, de noite, abaixo de 22°. Nas restantes latitudes, a diferença entre a temperatura diurna máxima e a mínima poucas vezes passa também de 6 graus.

A variação anual de temperatura entre os diversos lugares compreendidos entre os trópicos também é pouco sensível mas é, no entanto, algo maior, chegando a máxima temperatura a 30° e a mínima a 20° . Por isso, esta região é atualmente considerada como a mais aprazível, sendo por isso a mais povoada. Dos trópicos aos círculos polares, a temperatura máxima pode ir até 30° , no respetivo solstício do verão, descendo até 5° no solstício do inverno. Nas regiões polares, a máxima temperatura, mesmo no solstício respetivo, nunca vai a mais de 24° , mas no outro solstício desce abaixo de zero.

Como a atmosfera de Marte, segundo os astrónomos determinaram pela altura do local onde se apagam as estrelas cadentes, regula por quinhentos quilómetros, e como se encontra o vapor de água em alturas superiores a vinte quilómetros, daqui resulta que a temperatura diminui menos rapidamente, com a altura, do que sucede na Terra, regulando, em média, a variação de 1° por 320 metros de aumento de elevação e não 180 metros, como sucede nesta.

As variações de temperatura diurnas e anuais são um pouco menores junto ao grande mar ou oceano; mas a diferença, para mais no interior do grande continente, não é excessiva, devido à influência dos grandes canais e lagos, à falta de elevadas montanhas e à regularidade dos ventos.

Pode-se, pois, dizer que o clima de Marte, além de ser altamente aprazível, é absolutamente saudável. Está claro que para isso concorrem poderosamente também a solicitude e os constantes cuidados de higiene e asseio dos marcianos.

4. Variação da pressão atmosférica – A variação da pressão atmosférica, devido à latitude, é pequena. A máxima pressão corresponde, em média, aos paralelos de 30° a 35° , sendo mínima nos polos e no equador. É mínima nos polos, em razão do movimento circular ou turbilhonário que as altas camadas atmosféricas possuem em redor dos polos; e é mínima no equador, por causa da maior distância ao centro de Marte. A força centrífuga, proveniente da rotação de Marte, dá lugar a que, no equador, os barómetros de mercúrio acusem sempre uma pressão um pouco menor do que os barómetros metálicos ou aneroides.

Durante o dia, nota-se uma pequeníssima variação na pressão, e que apenas é sensível no equador e latitudes baixas, correspondendo os máximos a duas ou três horas depois do nascimento e ocaso do Sol, e os mínimos a duas a três horas antes do nascimento e ocaso do mesmo Sol. As causas desta variação consistem no aquecimento e arrefecimento alternado das altas e baixas camadas atmosféricas, na inércia das mesmas camadas e na sobreposição alternada das altas camadas atmosféricas vizinhas.

Há durante o ano de Marte uma perceptível variação de pressão, especialmente na parte central do continente, ilhas e grande oceano. No centro do continente e das grandes ilhas, a pressão atmosférica diminui um pouco no verão respetivo e aumenta no inverno. No grande oceano e outros mares, sucede o inverso, isto é, a pressão é máxima no verão respetivo e mínima no inverno. As diferenças, porém, são muitíssimo menos importantes do que na Terra, não concorrendo para alterar por um modo sensível a regularidade das correntes atmosféricas gerais que sopram no planeta Marte, desde o equador aos polos.

5. Variação da pressão atmosférica com a altitude – Uma das coisas que concorre poderosamente para a regularidade do clima, ventos e temperatura de Marte é, sem dúvida alguma, a grande elevação da sua atmosfera que, como disse, vai até 500 quilómetros. Daqui resulta que a variação da pressão com a altitude ou elevação é muito pequena, em comparação do [*sic*] que sucede na Terra. Enquanto na Terra – supondo que a pressão no nível do mar é de 760 milímetros – já é apenas de 362, ou menos de metade em 10 quilómetros de altitude, em Marte – supondo ser de 300 milímetros a pressão usual no nível do mar –, na mesma altitude de 10 quilómetros, ainda é igual a 240 milímetros ou quatro quintas partes.

6. Correntes atmosféricas – As correntes atmosféricas gerais de Marte parecem-se um pouco com as da Terra, mas com duas diferenças notáveis. A primeira consiste em que são mais regulares na sua direção e força; a segunda em que nunca dão lugar a ciclones de notável pujança, nem mesmo a tempestades violentas sem carácter ciclónico.

Em Marte, como na Terra, a origem ou causa dos ventos gerais está na zona de temperatura máxima que, em obediência às estações, oscila entre os trópicos, indo até perto do trópico do norte, ou “nácio”, em seguida ao solstício respetivo e até perto do trópico do sul, ou “sácio”, no outro solstício.

A grande temperatura dessa zona entre os trópicos, rarefazendo a atmosfera, determina o movimento ascensional duma massa imensa da mesma atmosfera contendo grande quantidade de vapor de água, a qual se eleva rapidamente, transbordando uma parte para as altas regiões atmosféricas do hemisfério norte, e outra parte para as altas regiões do hemisfério sul. Desse movimento ascensional resulta diminuição de pressão e alguma calma em uma larga zona que, segundo as estações, oscila para o norte ou para o sul do equador, precipitando-se para esta os ventos do quadrante de nordeste e os de sueste, que começam a soprar nos paralelos de 30° a 35° , com a direção, respetivamente, quase norte e quase sul, e chegam à zona de temperatura máxima e calmas com a direção quase leste.

Os ventos húmidos e quentes, que se elevaram na zona de temperatura máxima, adquirem nas altas regiões, depois de trasbordarem, a direção de sudoeste, ou quase, os que passaram para o hemisfério norte, e de noroeste os que passaram para o hemisfério sul. Estes ventos altos húmidos, ao chegarem aos paralelos de 30° a 35° , como o espaço diminui muito rapidamente, comprimem-se uns aos outros, descendo uma grande porção à superfície do planeta para alimentar os ventos gerais tropicais anteriores. A outra porção, ao mesmo tempo que avança para os polos em movimento turbilhonário, continua descendo à superfície do planeta, dando lugar aos ventos gerais de noroeste no hemisfério norte, os quais começam com a direção de oes-noroeste e vão variando até soprares do norte e nor-nordeste, ao chegarem aos paralelos de 30° a 35° ; no hemisfério sul dão lugar aos ventos gerais de sudoeste que começam com a direção de oes-sudoeste nas altas latitudes e vão variando, até soprares do sul e su-sueste, ao chegarem aos paralelos de 30° a 35° .

Além destes ventos gerais, ainda há as monções que sopram da terra para o mar, durante o tempo frio do ano, e do mar para terra, durante o tempo

quente, isto em cada hemisfério. Quando em qualquer região é época de soprares ventos de monção e ventos gerais, se são da mesma direção e sentido, dão um vento único mais forte do que qualquer deles; se são da mesma direção e de sentido diferente, dão um vento mais fraco do que o mais forte e no seu sentido; se são de direção diferente, dão um vento com direção diferente dos dois, representado em direção e velocidade pela diagonal do paralelogramo, cujos lados são respetivamente a velocidade dos dois.

Junto ao grande oceano e outros mares, também se formam uns ventos periódicos de pequena duração que, no tempo quente de cada região, sopram do mar para a terra depois do meio-dia, e de terra para o mar, depois da meia-noite. Estes ventos, sempre muito bonançosos, chamam-se brisas da terra e brisas do mar, conforme o lado donde sopram.

Em razão da grande quantidade de vapor de água que há na alta atmosfera, todos estes ventos, como regra geral, deixam cair abundantes chuvas durante a noite. Mesmo os ventos entre os trópicos, que na Terra são sequíssimos, em Marte poucos são os dias em que, de noite, não são atravessados pelas chuvas que descem das altas regiões atmosféricas.

VI Dias, Anos, Estações, Latitudes e Longitudes

1. Dias e anos – Como era de supor, visto Marte ser mais pequeno do que a Terra, o seu dia sideral ou tempo de rotação e bem assim o seu dia solar são maiores do que os desta. Com feito, enquanto a rotação da Terra se faz em 24 horas siderais e o seu dia solar médio vale 24h 3m 56s, a rotação de Marte faz-se em 24h 37m 25s e o seu dia solar médio vale 24h 39m 35s.²⁴

²⁴ Segundo a numeração horária de Marte, o dia sideral tem o valor de 32 natos. Como cada nato vale 32 binatos, e cada binato vale 32 trinatos, segue-se que o dia solar médio vale 32 natos, 0 binatos e 24 trinatos, podendo ser representado por $32^{\circ} 0' 24''$. [N.A.]

O ano trópico de Marte vale 668 629 dias solares do mesmo Marte ou 687 dias da Terra. O ano civil é dividido em 16 partes ou meses, sendo os primeiros 12 iguais, cada um, a 42 dias de Marte, os três a seguir iguais a 41 e o quarto a 41 dias e 15,5 horas (ou 41 dias e 20 natos, segundo a medição de Marte). O ano é também dividido em 83,579 semanas de 8 dias cada semana. Trabalha-se em 7 dias a seguir, e descansa-se no oitavo. Além dos dias de descanso semanal, há no ano apenas mais dois, em preito à memória de Platínio e de Constantínio.

Devido à passagem do grande astro que esfrangalhou o quinto planeta do nosso sistema planetário, o eixo de rotação de Marte, que era perpendicular ao plano da órbita, passou, como no capítulo primeiro disse, a ser oblíquo, sendo essa obliquidade igual a $24^{\circ} 52'$ e, portanto, maior $1^{\circ} 24' 30''$ do que a obliquidade do eixo de rotação da Terra relativamente ao plano da sua órbita, ou eclíptica, a qual é de $23^{\circ} 27' 30''$. Daqui se deduz que a diferença de temperatura nos diferentes lugares de Marte, de estação para estação, devia ser bastante mais sensível do que na Terra, se não fosse atenuada, em parte, essa diferença pela influência da grande elevação da sua atmosfera e da grande quantidade de vapor de água e de tenuíssimos cristais de neve espalhados nas altas regiões atmosféricas. Na vasta região entre os trópicos é que o clima é mais regular e experimenta menor variação nas diversas estações.

2. Estações – A alteração, causada pelo tal astro invasor na excentricidade das órbitas dos planetas, foi especialmente notável no planeta Marte, que foi o que mais sofreu, depois do que foi destruído, em razão de estar mais próximo da trajetória seguida por aquele. Assim, enquanto que [*sic*] a excentricidade da órbita da Terra é apenas de 0,0167711, a da órbita de Marte é de 0,0932611. Daqui resulta que a diferença entre as quatro estações de Marte é bastante maior do que a que se dá entre as estações da Terra, como se vê das estações seguintes, umas da Terra, outras de Marte, mas todas referidas ao hemisfério norte.

Dias que duram as estações na Terra e em Marte

Estações	Da Terra	De Marte	De Marte
	Em dias da Terra	Em dias da Terra	Em dias de Marte
Inverno	89 ^d 0	160 ^d 0	156 ^d
Primavera	92 ^d 9	199 ^d 6	193 ^d
Verão	93 ^d 6	181 ^d 7	176 ^d
Outono	89 ^d 7	145 ^d 6	142 ^d

Se as órbitas fossem circulares, as quatro estações seriam iguais entre si na Terra e iguais entre si também em Marte, e o calor recebido do Sol, tanto no hemisfério boreal como no austral, seria o mesmo em cada estação respetiva. Como as órbitas são elípticas, a duração das estações análogas nos dois hemisférios é diferente, sendo em Marte muito sensível a diferença, como se vê na tabela anterior. Por esta razão, parece à primeira vista que o calor recebido deve ser também muito diferente. Não é, porém, bem assim, visto as estações menos demoradas, ou menores, corresponderem à situação do planeta na parte da órbita mais próxima do periélio, enquanto que as estações mais demoradas, ou maiores, correspondem à situação do mesmo planeta na parte da órbita mais próxima do afélio. Ora, como, para o caso do planeta Marte, a sua distância ao Sol no periélio é de 206 007 000 quilómetros terrestres, enquanto que no afélio é de 248 207 000²⁵, segue-se que as estações menos demoradas correspondem a uma menor distância do foco calorífico, o Sol, enquanto que as estações mais prolongadas, ou maiores, correspondem a uma maior distância do mesmo foco. Há, pois, na variação da intensidade calorífica, uma certa compensação à variação do tempo que duram as estações.

²⁵ É curioso que os dados astronómicos mandados de Marte por Henri Montgolfier coincidem quase sempre com os calculados em Terra, na sua maioria colecionados pelo célebre astrónomo Sr. Camille Flammarion, no seu importante livro *La Planète Mars*. Isto prova o rigor com que os cálculos foram feitos nos dois planetas. [N.T.]

3. Latitudes e longitudes – As longitudes em Marte contam-se sempre de ocidente para oriente, a partir do observatório astronómico de Romância, capital federal, cuja longitude é 0, até 32 natos, conforme se conta o dia marciano. As latitudes são também contadas por natos, desde o equador, cuja latitude é 0, até aos polos, onde é 8. Os intervalos entre os natos de longitude e latitude são subdivididos em 32 binatos e cada binato em 32 trinatos, etc., sendo geralmente bastante a subdivisão nas cartas até binatos. A fim de evitarem equívocos na Terra, as latitudes dos dois planisférios de Marte, que apresento no fim do livro, vão graduadas de 0° a 90° e as longitudes de 0° a 360°.

VII Flora e fauna

A descrição de toda a flora e de toda a fauna de Marte seria talvez um trabalho interessante, mas encheria muitas e muitas páginas. Ora, como ainda me falta relatar o que há de mais relevante a respeito da história, progressos e vida social deste memorável planeta, e o livro de folhas metálicas, que desejo entregar às estrelas cadentes, tem de ser o mais leve possível, por isso me referirei aos dois importantes assuntos muito rapidamente.

A flora e fauna de Marte principiaram a manifestar-se logo que se formou a primeira crusta sólida geral e que a temperatura à superfície se manteve abaixo da ebulição da água destilada ou 73° centígrados. A princípio, as plantas eram muito simples, meros líquenes e musgos, e os animais uns vermes e insetos como arestas. Continuando a arrefecer a crusta terrestre e a consolidar-se, novas plantas se formaram e as antigas foram-se transformando em plantas cada vez maiores, até atingirem as dimensões dos colossais gigantes do reino vegetal que se admiram em Marte; e paralelamente novos vermes e insetos foram nascendo e novas e maiores formas foram adquirindo os antigos, crescendo sempre, até se chegar ao homem e ao elefante. E a vida que se dava na crusta sólida, não

se manifestava menos intensa nas águas que se acumulavam nas cavidades mais fundas da mesma crusta, especialmente sob o ponto de vista animal.

Donde vieram os gérmes desses pequeninos seres do reino vegetal e animal que, todos os dias, iam crescendo, aumentando em número e variando de formas? Como é que, em uma massa cósmica, primitivamente fluida e incandescente, se mantiveram intactos os gérmes das futuras plantas e animais? A este respeito os sábios marcianos estão todos de acordo em que não há necessidade de gérmes para que os átomos da matéria se reúnam entre si e formem corpos inorgânicos e orgânicos. O grau de vitalidade e rádio que possuem os átomos primitivos, as condições do meio e bem assim da temperatura e humidade é que determinaram e determinam a diversidade dos seres que aqueles constituem. O facto de em Marte se encontrarem animais e vegetais iguais ou quase aos que existem na Terra, dizem ainda os mesmos sábios que é devido a ser a mesma a vitalidade dos átomos primitivos que lhes deram origem e bem assim o poder intrínseco do rádio impulsador.

Mas, se todos os vegetais e animais não necessitaram de gérmes primitivo para nascerem, crescerem e viverem no estado em que os vemos atualmente – perguntei eu um dia a um célebre sábio marciano –, porque é que não vemos surgir da terra, agora ainda, as pequenas plantas que com o tempo adquiriram as dimensões da sequoia, do baobá e, em geral, de todas as grandes árvores do reino vegetal? Porque é que não vemos também aparecer sobre o solo os pequenos seres animais, vermes ou insetos, que através de milhares de anos ou milhares de séculos atingiram a forma e tamanho do leão, do tigre, do elefante e mesmo do homem?

O sábio, sem mais demora e com a costumada amabilidade dos marcianos, respondeu-me: «São duas as causas principais que têm dado lugar a que por sobre o solo não apareçam atualmente os seres vegetais e animais em miniatura os quais, mais tarde, adquiriram as grandes dimensões e notáveis predicados que presentemente têm. A primeira e principal causa consiste em que todos esses corpos orgânicos iniciaram a sua peregrinação, nos terrenos e mares, na época primitiva da formação da crusta do planeta, e quando a sua vitalidade e bem assim

a do rádio estimulante eram máximas; a segunda, também importante, consiste em que esses seres nasceram, viveram e desenvolveram-se ao lado de todos os restantes seres igualmente em miniatura, crescendo todos e passando a reproduzir-se em luta de uns contra os outros em defesa da própria vida, desenvolvendo-se com mais pujança os que melhores e mais vigorosos elementos de vitalidade possuíam. Se fosse possível (o que realmente não é, em razão do estado adiantado da vida do planeta) que do seio deste surgissem os antigos seres em miniatura de que resultaram os atuais gigantes do reino vegetal e animal, esses pequeninos corpos orgânicos seriam dominados, e aniquilados mesmo, pelos potentes exemplares que povoam o solo e os mares». Confessei-me convencido, e agradei ao amável sábio marciano a sua preleção.

1. Flora – Quando o homem marciano se encontrou em estado de pensar e raciocinar, já Marte devia estar coberto de densa e vigorosa vegetação, mais vasta e grandiosa mesmo do que a que, atualmente, ainda aqui se admira. Em virtude das ruturas que, por vezes, se davam na crusta sólida, essas matas desciam com as rochas rijas e terras leves para os fundos abismos, onde eram cobertas pelas águas e terras de aluvião e também, por vezes, pelas rochas e lavas das erupções vulcânicas. Conforme já disse, à imersão dessas vastas e imponentes matas seculares é que os marcianos atribuem a existência dos importantes depósitos ou jazigos de carvão de pedra e de petróleo, os quais constituíram uma preciosa riqueza noutros tempos muito antigos, mas que se encontram atualmente sem o menor valor, por estarem esgotados.

A flora atual parece-se um pouco com a da Terra, mas os exemplares análogos são, em geral, maiores, sendo a coloração das folhas, quase sempre, de um verde alaranjado, e as flores vermelhas, roxas ou cor-de-rosa. Perto aqui de Sarima, há um outeiro onde cresceu um bosque de sequoias com alguns exemplares de 150 metros de altura, enquanto que o mais alto exemplar que há na Terra (na Califórnia) tem apenas a altura de 110 metros. Nas regiões entre os trópicos abundam as palmeiras, bananeiras, laranjeiras, anoneiras, goiabeiras e muitas outras árvores, sendo igualmente notável o número de

arbustos, plantas cerealíferas e leguminosas. Nas regiões que na Terra são impropriamente chamadas temperadas, e que demoram entre os trópicos e círculos polares, há também aqui, em Marte, uma grande variedade de árvores, arbustos e plantas cerealíferas e leguminosas, parecidas com as da Terra, tais como figueira, pereira, macieira, nespereira, pessegueiro, videira, castanheiro, sobreiro, carvalho, nogueira, oliveira, etc., e até mesmo o eucalipto e o aprumado e elegante pinheiro, que tanto amei na Terra, e bem assim o trigo, centeio, milho, feijão, batata, arroz, etc., etc..

A coloração verde-alaranjada que, durante a primavera, predomina na folhagem do arvoredo, no verão e outono torna-se avermelhada e acastanhada. Entretanto, há algumas plantas, embora poucas, cuja folhagem é sempre verde. Os povos marcianos têm um culto sincero²⁶ e indiscutível entusiasmo, não só pelas árvores que dão saborosas frutas comestíveis, mas também pelas que apenas dão flores, oferecem uma fresca sombra e embelezam a perspectiva. É na zona quente entre os trópicos que a vegetação é, geralmente, mais pujante e mais rica em flores. Entre essas árvores, cujas flores, quase sempre, são rosadas, notei com prazer a árvore imponente, em grande abundância nas margens do Níger, à qual os botânicos terrestres dão o nome de *Parinarium excelsum* e os habitantes daquela região chamam “mampata”, e que durante todo o ano está coberta de grandes cachos de flores muito melíferas.

As variadas e abundantes flores e frutas que, durante todo o ano, se ostentam graciosas e opulentas por toda a parte, ao mesmo tempo que deleitam e encantam a vista, fornecem às abelhas²⁷, e portanto aos marcianos, um constante, higiênico e delicioso alimento. Para citar a imensa va-

26 Em Portugal, enche-se muito a boca com frases bombásticas a respeito do culto e amor pela árvore, mas é tudo mero palavreado espetaculoso. A prova evidente e indiscutível é que, tendo o ditador Sidónio Pais promulgado o decreto número 4700, de 16 de junho de 1918, que pelo número 32 da sua tabela sumptuária faz guerra asnática à árvore, nenhum dos muitos governos que se seguiram ao ditador teve a ideia patriótica de derogar o decreto arboricida, apesar de verem a destruição de matas a que aquele tem dado lugar por todo o país, com prejuízo da agricultura, do turismo, da higiene e da abundância e regularização das chuvas! [N.T.]

27 A apicultura é uma das indústrias que em Marte tem tomado maior desenvolvimento, sendo atualmente a produção de mel superior a cem milhões de litros por ano. [N.A.]

riedade de frutas preciosas que por aqui há, e descrever os seus predicados e méritos, tinha de encher dúzias e dúzias de páginas. Quem as quiser provar, e verificar a veracidade do que digo, faça o que eu fiz; mas pense duas ou três vezes, pois a minha sorte em cá ter chegado será, na história de Marte e da Terra (se lá for ter algum exemplar deste livro) e bem assim na história de todo o Universo, um caso único, sem qualquer outro similar.

2. Fauna – O que sucede com as plantas, sucede também com os animais. Há duzentos mil anos de Marte, havia por cá, segundo reza a tradição, todas ou quase todas as variedades de animais que ainda há na Terra; mas atualmente, e com especialidade na zona equatorial, há sensível diferença para menos, tanto nas espécies, como nos exemplares de cada espécie.

Com o aumento da raça humana e progresso dos povos, foram estes destruindo a maioria dos animais ferozes e carnívoros; e de todo desapareceriam de Marte, se, depois da grande guerra e transformação social que se seguiu, se não tomasse a resolução de destinar quatro ilhas, duas próximas do equador e duas em diferentes latitudes, todas cobertas de matas seculares, para nelas lançar todas as espécies de animais selvagens que então ainda havia. Um passeio em barco em volta destas ilhas, e em aeronave ou balão dirigível por cima delas, é uma das diversões e distrações prediletas dos marcianos, nos dias de descanso.

Nestas ilhas, que são imensos parques zoológicos, há o leão, o tigre, o leopardo, o rinoceronte, o gorila, o chimpanzé, variedade de macacos, o lobo, a raposa, o javali, a girafa, grande variedade de antílopes, como o veado, gazela, etc., o avestruz e muitos outros animais selvagens, e até mesmo a jiboia e outras cobras e lagartos, com exceção dos animais venenosos, que foram, de todo, aniquilados. O elefante, o cavalo, o touro, o cão, o galo, a cabra, a ovelha, etc., e em geral todos os animais domésticos, é que não foram deitados nas ditas ilhas.

VIII Origem do Homem Marciano

O conhecer a douta opinião dos marcianos a respeito deste momentoso assunto foi uma das curiosidades que, desde o princípio da minha estada em Marte, tratei de satisfazer. Todos me responderam que, nos tempos primitivos da civilização, ainda rudimentar, selvagem, grosseira, desmoralizadora e cruel, alguns filósofos e pensadores bem-intencionados, no intuito de conter os vícios, crimes e paixões brutais dos povos, lhes haviam feito crer que a origem do homem era divina, tendo saído perfeito, bondoso e puro da mão de um Deus, senhor único e absoluto de todo o Universo, o qual era complacente e carinhoso para com os bons, e implacável para com os maus.

Ainda movidos do altíssimo intuito e espírito benéfico de evitar o mal que alastrava por Marte e de promover o bem, fizeram crer aos povos que a sua morte era apenas aparente, pois a alma ou [o] espírito divino que anima o corpo era eterno, e que iria para um éden também eterno, se as suas obras, na breve passagem por Marte, fossem meritórias, mas que, se o não fossem, iria para um abismo de horrores e dores cruéis, no meio de torturantes martírios. Estas teorias sublimes e bem-intencionadas fizeram, no seu início, um imenso bem; os povos emendaram-se, em grande parte, dos seus crimes e erros passados. Mas, com o decorrer dos tempos, os representantes dos primitivos pensadores e filósofos, tendo adquirido grande importância e poder, tornaram-se orgulhosos, maus, devassos e cruéis; e as instituições que, primitivamente, causaram imarcescíveis benefícios, redundaram, elas mesmas, em nefasta origem e causa dos grandes malefícios que primitivamente evitaram.

Com os progressos científicos e o desenvolvimento da filosofia racional, chegou-se à conclusão de que o homem marciano era um animal como todos os outros, e que, por conseguinte, a sua origem era idêntica à de todos os restantes animais. É certo que entre ele e todos os outros animais havia e há uma diferença notável, e tão notável que, por seu génio dominador, se tornara o tirano e senhor absoluto de todos eles.

Esta indiscutível supremacia atribuem-na os sábios marcianos à faculdade que teve e tem de falar e de poder exprimir pensamentos e de trocar ideias com os seus semelhantes por meio da palavra. Esta faculdade, a princípio, era muito rudimentar; mas com o uso foi-se aperfeiçoando e, paralelamente, foi-se desenvolvendo o cérebro e o sistema nervoso, até ao ponto da alta inteligência e faculdades de percepção e resolução extraordinárias que têm todos os marcianos de um e outro sexo.

Como, porém, se chegou desde o verme da terra húmida até ao imponente e majestoso homem marciano e à graciosa, elegante e formosíssima mulher marciana? O desenvolvimento fez-se sucessivamente desde o gérmen inicial com a forma de verme ou inseto [?] Ou foi, mais tarde, o resultado do cruzamento entre animais com órgãos diferentes dos do homem, como são o gorila e o chimpanzé?

Fazendo estas perguntas a um dos sábios que me chamou à vida, prontamente me respondeu:

«– A princípio, alguns sábios marcianos atribuíram a origem do homem marciano ao cruzamento do gorila macho com o chimpanzé fêmea, ou vice-versa. Mais tarde, reconheceu-se não ser essa a origem do homem²⁸, por isso que entre os inúmeros fósseis encontrados e que se conservam nos nossos magníficos museus, não há um único exemplar que denote a transição resultante de um tal cruzamento. A origem do homem é direta e o resultado de transformações e aperfeiçoamentos sucessivos, até atingir o estado atual. Mas, quer a origem seja direta, quer indireta, quer divina, como outrora se havia propagado, acrescentou o sábio marciano, o que é indispensável é que, no momento atual, todos os marcianos procedam de modo a que, pelos seus atos beneméritos e sublimes, se tornem dignos de terem tido uma origem divina».

«– Mas, se a origem do homem é direta, insisti eu ainda, como é que em Marte existiram duas raças distintas, como são a branca e a amarela,

²⁸ Esta opinião, admitida pelos sábios de Marte, deixou-nos completamente desapontados, com a nossa costumada lealdade o confessamos, pois que, no nosso livro em verso «O Passado», em página 10, atribuímos a origem do homem da Terra ao cruzamento do gorila macho com a fêmea do chimpanzé. [N.T.]

e na Terra há a raça branca ou caucásica, a amarela ou mongólica e a preta ou etiópica? »

Rapidamente me respondeu:

«– Não posso afirmar, com conhecimento fundamentado, quais sejam as causas que na Terra influem para que haja três raças com cores tão diferentes. Em Marte posso dizer, com fundamento garantido, que o clima é que tem a principal e indiscutível influência na cor, mesmo atualmente, apesar de ter havido o cruzamento geral há cem mil anos (de Marte). Os povos que vivem na região mais quente, ao lado do equador, possuem a tez menos branca e com tendência para a cor amarela, enquanto que os que vivem nos climas menos distantes dos polos têm no rosto e pele do corpo a cor branca e mais rosada. A coloração do cabelo dos segundos é geralmente parecida com a do ouro luzidio e brilhante, e a dos primeiros é mais escura e algo menos brilhante. Quanto aos traços do rosto e configuração geral do corpo influía, antigamente, muito a natureza dos alimentos que empregavam nas refeições. Atualmente em Marte, como as refeições são análogas em toda a parte, a forma do rosto e configuração geral são idênticas também em toda a parte. Mesmo a diferença da cor do rosto e da pele do corpo nos povos de Marte é, atualmente, insignificante, devido à imensa facilidade de comunicações, desde o equador às regiões polares. Sem ter bases seguras para poder dar opinião garantida a respeito das raças que dizeis haver na Terra, no entanto a lógica e o raciocínio mostram que as causas da sua diferença devem ser idênticas às que se davam e em parte se dão em Marte».

IX Ciências, arte e literatura

Bem, longe de mim está a ideia de apresentar uma exposição, mesmo ligeira, das conquistas feitas pelos marcianos, desde os tempos mais remotos, antes e depois da grande guerra, tanto nas ciências, como nas artes e na literatura. Nem cem volumes chegariam para isso. Apenas

me limitarei a referir os nomes genéricos de algumas dessas notáveis e célebres conquistas. Mas antes de o fazer, é de justiça dizer-se que, em quase todas as descobertas notáveis, foi a raça branca que, quase sempre, andou na vanguarda, embora a raça amarela rapidamente com grande inteligência as compreendesse logo e as adotasse.

Uma ciência para que os marcianos tiveram sempre uma notável predisposição e simpatia é a da astronomia. Os seus observatórios astronómicos há mais de duzentos mil anos da Terra que eram notáveis e famosos pela perícia dos observadores, grandeza e boa instalação dos observatórios e pelos seus magníficos telescópios, cujas objetivas, nesse tempo já, podiam ser construídas com dois metros de diâmetro. Mesmo aqui, em Sarima, o equatorial do observatório astronómico tinha a objetiva com essa dimensão. Atualmente o equatorial do observatório de Sarima, o de Romância e o de Baidroma têm as objetivas com o diâmetro de cinco metros, sendo o comprimento total da luneta de 75 metros. O eixo de rotação das lunetas monstros está apoiado sobre uma torre de ferro de 50 metros de alto que, por sua vez, assenta sobre um grande rochedo. As lunetas, feitas duma liga de alumínio e de um outro metal inoxidável, como era de supor, estão ao ar livre, havendo coberturas móveis para a objetiva, engrenagens e ocular.

A distração de que mais gostam os marcianos é a de olhar para os outros astros por estas imensas lunetas. Têm toda a razão. Como era de esperar, era também essa a minha distração predileta, para olhar especialmente para a Terra, pois por meio delas podia ver os continentes, ilhas, mares e as próprias cidades.

Ora a observação de Marte pelos observadores da Terra é muito mais fácil do que a observação da Terra pelos observadores de Marte, pela razão de que Marte volta para a Terra a sua superfície toda iluminada, quando está em oposição e portanto na sua situação mais próxima, enquanto que a Terra, quando mostra toda a sua superfície iluminada, encontra-se em conjunção superior e, por conseguinte, na sua situação mais afastada. A época mais favorável da oposição de Marte tem lugar quando este astro está no periélio e a Terra em afélio; e a mais favorável

da conjunção superior da Terra dá-se quando ambos os astros estão no periélio da sua respetiva órbita. Para se fazer ideia da distância enorme a que a Terra está de Marte na sua conjunção superior, bastará dizer que é igual à soma das distâncias dos dois astros ao Sol, enquanto que a distância dos dois astros com Marte em oposição é igual à diferença. Entrando em linha de conta com a distância média dos astros ao Sol, e que é de 227 793 milhares de quilómetros para Marte e 149 501 para a Terra, vê-se que a distância de Marte à Terra em conjunção superior é de 377 294 milhares de quilómetros, sendo apenas de 78 292, ou quase a quinta parte, a distância da Terra a Marte em oposição. Por isso, é preferível observar a Terra em quadratura, vendo-se apenas metade do astro, pois a distância, em média, é pouco maior que a do Sol, ou entre a quadratura e Terra nova, vendo-se apenas uma nesga desta e segundo uma direção muito oblíqua relativamente ao raio de visão.

Há uns séculos atrás, porém, os marcianos conseguiram tornar visíveis as impressões causadas pelas ondas ou vibrações etéreas que irradiam dos corpos escuros, alcançando assim o ver a Terra em conjunção inferior e, portanto, à distância média de 78 292 milhares de quilómetros que se encontrou para a distância de Marte em oposição. Mas as imagens obtidas ainda não são bem nítidas por enquanto. Seja como for, pela parte que me diz respeito, não espero por fases nem distância menor da Terra para a observar pelo grande telescópio de Sarima, poucos sendo os dias em que não vejo Paris e seus arrabaldes e bem assim Marselha e seu animado porto. Este facto prova bem a inconstância e mutabilidade do espírito humano: deixei a França e toda a Terra, preferindo morrer a lá viver, e, encontrando-me neste inefável paraíso, tendo para esposa um anjo de beleza e celestial bondade e meiguice, sinto prazer em olhar a Terra, nefanda e triste mansão de misérias morais e físicas, da qual, horrorizado, para sempre fugi!

E a contar estas fraquezas, enchi papel que merece ser coberto com as descrições maravilhosas desta feliz mansão do bem e da ventura.

Alguns milhares de anos antes da grande guerra, a filosofia, a literatura e mesmo a poesia, tiveram por vezes, ora numas nações ora noutras,

notável desenvolvimento, especialmente entre os povos de raça branca, atingindo a arquitetura e a pintura um alto grau de esplendor. Mais tarde, e uns séculos apenas antes da grande guerra, é que os estudos de física e mecânica começaram a ter também desenvolvimento, bem como os das matemáticas. Logo a seguir, foram descobertas máquinas para a impressão com emprego de tipos dum metal rijíssimo e não oxidável; descobriu-se o emprego do vapor para o movimento de máquinas em terra e no mar; as linhas férreas e a navegação a vapor tomaram um prodigioso desenvolvimento; descobriu-se a eletricidade e o magnetismo, sendo empregadas bússolas magnéticas a bordo dos navios, para tornar fáceis e precisas as grandes viagens por sobre o grande mar; descobriu-se o emprego da eletricidade para transmitir, por meio de fios, telegramas aos pontos mais distantes; para facilitar a navegação de barcos de vela e a vapor, cobriram-se as costas do continente e ilhas de faróis com aparelhos radiogoniométricos, indispensáveis por causa dos nevoeiros; estenderam-se linhas telefônicas por toda a parte, conversando-se entre os pontos mais distantes de Marte; descobriu-se a telegrafia sem fios, tendo-se já diligenciado mandar ondas etéreas para a Terra e Júpiter; pela cinematografia e gramofonia conseguiram-se arquivar os gestos, os factos passados e o próprio som; descobriu-se a navegação aérea, a princípio apenas com emprego de corpos mais leves do que o próprio ar, os balões dirigíveis, e, por último, por meio de corpos mais pesados, as aeronaves, que deram lugar a muitas catástrofes, enquanto não foi descoberto um tipo por si mesmo estável, etc., etc. Para todas estas descobertas e serviço dos maquinismos concorreu poderosamente o emprego do carvão de pedra e petróleo, que se iam buscar a grandes profundidades da crosta de Marte. O consumo aumentou por tal modo que, ao estalar a grande guerra, as minas estavam quase esgotadas, sendo geral o terror que pairava sobre Marte²⁹ ao antever-se o momento tremendo em que se desse tão grande calamidade. Enquanto não foram esgotadas de todo a sua posse era sempre ambicionada, tendo sido a causa direta e indireta de muitas guerras.

²⁹ O mesmo terror e catástrofe em breve pairarão sobre a Terra. [N.T.]

Paralelamente com as descobertas científicas de utilidade social, todas as nações aproveitavam essas descobertas para se armarem até aos dentes com maquinismos destinados à destruição dos seus vizinhos: grandes navios couraçados, traiçoeiros submarinos, fortalezas de aço fixas e até móveis, peças de artilharia com alcance de dez, quinze, vinte, cinquenta, cem e trezentos quilómetros, etc., etc. E as forças, que deviam ser utilizadas em auxiliar o ubérrimo solo a dar suculentos alimentos aos povos, eram empregadas em fazer instrumentos de mútua e implacável destruição!

Depois da grande guerra e de se ter chegado à paz universal, todas as descobertas anteriores, com exceção das destinadas à guerra, foram notavelmente aperfeiçoadas e tornadas de uma viabilidade geral, não só as que eram úteis mas também as agradáveis, especialmente as de astronomia, transporte, agricultura, arquitetura, pintura e música. Como, porém, as minas de carvão e petróleo estivessem quase esgotadas, encheram-se de barragens as correntes dos rios e ribeiras, cobrindo-se a superfície de Marte de cabos de cobre que, por meio da eletricidade, levam a luz, o movimento, o calor e a vida a toda a parte; foram retificados os canais existentes e construídos muitos de novo; aperfeiçoaram-se as grandes indústrias e com especialidade a agrícola, sendo o esforço humano reduzido ao menos possível; e concluiu-se a construção da imensa rede de canos de alumínio e canais de pedra que levam a água potável desde as grandes cidades às pequenas aldeias, e a água das regas, desde as pequenas hortas e jardins às campinas extensas, arrozais, etc.

Com os vastos progressos, como era de supor, coincidiram os meios profiláticos e de constante higiene, conducentes a atacar e aniquilar a coorte implacável das doenças. Fez-se uma guerra persistente aos insetos e bacilos daninhos, defendendo as janelas das casas, onde era usual voarem insetos contagiosos de doenças, com redes de arame³⁰. O que é certo é que, devido a tão profícuas medidas, a par da seleção das progénies, as palavras “doença”, “medicina” e “médicos” tornaram-se desne-

³⁰ Como contraste lamentável, em Portugal e suas colónias é quase desconhecido este útil e indispensável meio de defesa contra os mosquitos e moscas, especialmente nas regiões palustres, onde se contam por miríades. [N.T.]

cessárias no vocabulário marciano.

Sem guerras, sem pestes, sem quaisquer outras doenças e sem médicos, se não houvesse sensatas leis a regular os matrimônios e a procriação da raça humana, em algumas dezenas de anos o número dos viventes desta raça seria tão grande que teriam de se comer uns aos outros, passando a haver de novo as cruéis guerras, as hecatombes tremendas, as pestes e toda a espécie de doenças. Mas não vale a pena fazer agora mais referências a um tão capital assunto que será mais adiante tratado com o relato autêntico do modo como foi resolvido.

Ia-me esquecendo de dizer que, atualmente, há em Marte uma única língua que toda a gente fala e escreve com toda a perfeição, de polo a polo e do ocidente ao oriente. As consoantes e vogais empregadas são quase parecidas com as adotadas na Terra, mas a formação das palavras é que é bastante diferente. Nestas não se emprega uma única letra inútil, sendo idênticas as formas que exprimem ideias e pensamentos idênticos; o macho e a fêmea de qualquer espécie animal são representados pela mesma palavra, havendo apenas diferença na terminação.

Na numeração, igualmente há uma diferença notável. A base é 32, havendo 31 símbolos significativos e uma espécie de zero como o da Terra. Sendo quase impossível criar 31 símbolos diferentes entre si e diferentes das letras do abecedário, os Marcianos empregam estas na numeração e mais nove tipos.

Para maior facilidade de compreensão na Terra, embora difiram dos que nesta se empregam, vou indicar a numeração seguida em Marte mas com os símbolos usados na Terra. São os seguintes: *0, 1, a, 3, b, 5, c, 7, d, 9, e, f, 2, g, 4, h, 6, i, 8, j, l, m, n, p, q, r, s, t, u, v, x, z*. Qualquer dos símbolos, sendo seguido de zero, vale trinta e duas vezes mais: assim 1, seguido de um zero, vale 32 e, seguido de dois zeros, vale $32 \times 32 = 1024$. Por exemplo 100, 200, 500, 1000, 1500, 2000, etc., são respetivamente representados por (3b), (cd), (hl), (zd), (14u), (1x6), etc.

Como anteriormente disse, a mesma base 32, cujo símbolo é (10), é a que é empregada em todas as contagens numéricas, quer sejam horas, temperaturas, pressões atmosféricas, latitudes, longitudes, etc.

Esquecia-me de referir que as notas de música de que se servem em Marte são as mesmas sete adotadas na Terra; o que não admira, visto serem as que satisfazem à condição de relação do número de vibrações ser a mais simples. Igualmente empregam, embora com outra designação, os sustenidos, meios sustenidos e os bemóis e meios bemóis. Em Marte, todas as pessoas, homens e mulheres, sabem música³¹, cantam e tocam, pelo menos um instrumento.

X A Grande Guerra e a Peste

Para terminar esta resumidíssima indicação genérica a respeito deste ditoso planeta, falta-me dizer agora algumas palavras relativas à grande guerra e à horrível peste de que esta foi causa indireta. Como se verá, e para eterno contraste de tudo o que sucede na vida, dessas duas nefandas calamidades é que, afinal, provém o estado de sublime felicidade que atualmente se goza em Marte.

Alguns séculos antes de ter tido lugar a grande guerra, já as ciências, artes, literatura e indústrias haviam atingido um alto grau de pujança e, paralelamente, a arte, a guerra e os seus terríveis maquinismos de destruição também tinham chegado a um tremendo poder destruidor. Apesar disso, ou talvez antes por causa disso, poucos eram os anos em que não se travavam combates sangrentos e ferozes guerras mortíferas, até entre nações cujos povos eram da mesma raça. A ambição e má-fé de quase todos, a desmoralização e inépcia gerais, fazendo profundo contraste com os progressos científicos alcançados e com as descobertas notáveis em que se revelava a sublimidade do génio do homem marciano, a par da deficiência geral da alimentação e dos meios de conforto, eram os principais causadores dum estado tão desolador e pavoroso.

³¹ Em contraste deprimente, em Portugal, os poderes públicos fazem guerra à música, onerando, como já dissemos, o instrumento mais completo e mais geralmente conhecido, o piano, com uma inepta contribuição, de que nem um centavo vai parar nos cofres do Estado, visto tudo ficar nas mãos dos fiscais. [N.T.]

1. Início da Grande Guerra – Há cem mil e sete anos de Marte, ou cento e oitenta e oito mil e noventa e três da Terra – época e datas que para sempre ficarão memoráveis na história de Marte –, duas nações vizinhas muito poderosas, uma de raça branca e outra de raça amarela, dando como pretexto uma qualquer futilidade sem importância, entraram em guerra com todo o seu respeitável poder. Como tinham grande predomínio, e desde os primeiros embates, se deixou transparecer o ódio latente de raça que até aí tentavam disfarçar, por isso, a pouco e pouco, todas as nações de raça branca se juntaram à nação beligerante da sua raça, juntando-se à nação beligerante de raça amarela todas as nações desta raça.

A luta, que desde o primeiro dia se revelava encarniçada e mortífera, tornou-se cada vez mais implacável e odienta, chegando a encontrar-se em combate, de cada um dos lados, mais de dez milhões de homens de guerra, dispostos a vencer ou a morrer. Em toda a superfície sólida e líquida de Marte, não se pensava, não se respirava e não se cuidava senão na horrível e odienta guerra. Homens e até mulheres de todas as classes sociais, cujo número total, segundo estatísticas anteriores, orçava por quatrocentos milhões, todos, quase sem exceção, deixando transparecer a sua animosidade, concorriam a este grande crime social com um entusiasmo, um afã e uma leviandade de espírito desoladores. Não eram povos civilizados que dirimiam em conversa amigável, ou em pleito ponderado, um assunto que interessasse ao progresso, bem-estar social e futuro de Marte. Nada disso!... Eram duas grandes quadrilhas de salteadores, sedentos de carnificina e movidos da insaciável ambição a par da negra inveja e ódio rancoroso.

Combatia-se no ar, em todas as alturas, por meio de aeronaves blindadas que se contavam por milhares, despenhando-se, por vezes, das altíssimas regiões, agarradas umas às outras ou isoladas, ficando os aparelhos e aeronautas reduzidos, no solo ensanguentado, a massas informes. O mar cobriu-se de enormes couraçados que mutuamente se despedaçavam e afundavam, no meio do ensurdecido atropelamento dos canhões e dos pavorosos estampidos das granadas, enquanto, nas profundezas das águas, os traiçoeiros submarinos, quase às apalpadelas, entre si se chocavam, ficando tudo sepultado nos abismos insondáveis!

Em terra era ainda mais tremendamente horrendo esse embate violento de vinte milhões de homens de guerra, tendo à sua disposição os mais potentes maquinismos de mútua destruição. Os primeiros combates tiveram lugar em campo descoberto; mas tão geral, desoladora e impossível mesmo de se descrever foi a mútua carnificina e final hecatombe, ficando o solo, em incalculável extensão, literalmente coberto de montões de cadáveres, que dum lado e do outro se cavaram fundas trincheiras e até galerias subterrâneas, onde os combatentes momentaneamente se abrigavam um pouco da ação mortífera das balas e granadas. O ódio, a cegueira e a desorientação eram tão grandes, no turbilhão do louco frenesi da guerra, que os combatentes chegaram a abrir galerias debaixo da terra em direção às galerias do inimigo, dando-se temíveis combates tenebrosos debaixo do solo. Os descendentes dos vermes da terra mostravam, no sanguinário furor das lutas, a sua baixa origem terrosa.

2. A segunda fase da Guerra – Não se tendo nos primeiros combates manifestado vantagem a favor de qualquer dos contendores, ambos os exércitos continuavam lutando na esperança da ambicionada vitória, de nenhum dos lados se pensando, um só momento, em propor ou aceitar a paz. Ao mesmo tempo, o ódio de raça, que existia latente antes de principiar a guerra, agora manifestava-se implacável, sem reboço, grosseiro e brutal. Para mais, estando as terras já bastante cansadas e sendo geral a falta de adubos, não havendo cereais, legumes e frutas que chegassem para os quatrocentos milhões de habitantes de Marte, sendo geral a falta de leite e carne devida à penúria de pastos e gados, tendo diminuído a antiga abundância de peixe em razão da destruição dos viveiros pelos nefastos aparelhos de arrasto, estando muito depauperadas as antigas e ostentosas matas seculares de Marte e quase exaustas as ricas minas de carvão e de petróleo, dum lado e do outro se formulava o atrocíssimo plano de aniquilar o inimigo no caso de ser vencido, visto Marte ser pequeno para sustentar os povos das duas raças. Cansados, cobertos de sangue e lama, quase esfomeados, continuavam lutando sempre, espicados pelos seus egoístas e implacáveis intuídos de mútuo aniquilamen-

to. Nestes tremendos momentos em que o homem deixa cair a máscara postiça da civilização, apresenta-se mais sanguinário e hediondo do que todos os mais ferozes animais carnívoros.

Mortos ou estropiados mais de metade dos combatentes logo nos primeiros embates, novos exércitos chegaram dum e outro lado, para mutuamente se despedaçarem. Embora, passados os primeiros ímpetos, se acautelassem cada vez mais, o que é certo, todavia, é que os mancebos mais audaciosos e robustos tinham sido engolidos pela guerra, passando o número de mulheres a ser bastante maior do que o dos homens. Em vista disto, impulsionadas dum alto sentimento patriótico, tanto dum como do outro lado se exercitaram nas armas e equiparam; e, logo a seguir, marcharam para a guerra, onde combateram valentemente. Entretanto, contudo, os primeiros impulsos ferozes e violentos foram abrandando a pouco e pouco; adotaram-se processos de combate cada vez mais prudentes, recorrendo-se ao emprego de peças de artilharia que atiravam assoladoras granadas através dos longínquos países inimigos. Chegaram-se a construir uns enormes canhões que atiravam granadas com o peso de cinco mil quilos à distância de quatrocentos quilômetros. Esta formosa cidade de Sarima foi completamente destruída por uma dessas granadas que rebentou mesmo no meio da cidade, abrindo, no local onde caiu, uma verdadeira cratera com mais de cem metros de diâmetro e trinta de fundo; os fragmentos da granada, as pedras, os madeiramentos e os membros desconjuntados de corpos humanos foram expelidos a muitos quilômetros de distância!

3. A Peste ou a terceira e última fase da Guerra – Nos primeiros anos da guerra, tanto do lado dos combatentes de raça branca, como dos de raça amarela, houve o maior cuidado em enterrar nas devidas condições os companheiros trucidados e bem assim os cavalos e elefantes que morriam; mas, no fim de sete anos de quase contínuos combates e morticínios, todos se encontravam tão extenuados que deixou de haver o devido cuidado no enterro dos cadáveres. Ao mesmo tempo, brancos e amarelos, em todo o planeta, não pensando e não cuidando senão da

guerra e dos que se batiam no campo de batalha, os serviços agrícolas, trabalhos nas oficinas e mais serviços caíram a pouco e pouco em desprezo, passando a ser angustiosa a falta geral de alimentos, vestuário, calçado e tudo o mais; morria-se de fome durante todo o ano, e de fome e frio no inverno. Como era de prever, o estado sanitário em todo o planeta tornou-se simplesmente desolador e horrível; doenças endêmicas e epidêmicas atacavam os combatentes e os não combatentes pelas cidades, vilas e aldeias, não escapando as próprias casas dispersas pelas campinas e montanhas³², muitos corpos ficando por enterrar, por falta de quem pudesse prestar esse serviço mortuário. Devido por certo a um tão desolador estado geral, ao terminar o sétimo ano desta nefanda e implacável guerra, por todo o planeta, como que estimulada por faísca invisível, uma peste fulminante, desconhecida até aí, como uma onda negra de morte e assolação, alastrou vertiginosa por toda a parte, não poupando velhos nem novos, nem homens nem mulheres. Era um clamor geral de execração e horror! Na guerra tinham morrido mais de quarenta milhões de combatentes; de privações e falta de cuidados higiênicos e profiláticos muitos milhões morreram sem irem à guerra; a peste assoladora veio coroar a obra mortuária, causando, em menos de cem dias, a morte de mais de cento e trinta milhões de Marcianos dos dois sexos e de todas as idades, sem ninguém conhecer os meios de a debelar nem deles poder dispor, ainda que os conhecesse, tão lamentoso era o estado de abatimento e terror geral!

Não há palavras que possam descrever o desespero e desanimação obcecante que invadiram os corações mais animosos! Homens e mulheres olhavam uns para os outros com gesto estonteado e parvo, sem uma resolução, sem uma ideia, como que abismados sob a fatídica opressão dum infernal destino inimigo. Neste momento, os exércitos de raça amarela, apesar de terem tido algumas vantagens sobre os exércitos inimigos, propuseram um armistício que foi logo aceite, resolvendo os dois exércitos, de comum acordo, que cada um se dissolvesse e os seus mem-

³² Nesta época, ainda Marte possuía bastantes montanhas. [N.A.]

bros recolhessem à sua respetiva nação, como se a guerra nunca tivesse existido. Também se resolveu que, logo que a peste estivesse de todo debelada, ou quase, se reuniria um magno congresso com representantes de todas as nações, devendo cada uma das duas raças ser representada pelo mesmo número de congressistas. Resolveram mais que a reunião deveria ter lugar em um país de raça amarela, visto ter partido dos combatentes desta raça a iniciativa do armistício, e que aos congressistas fossem dados plenos poderes para estatuírem tudo o que julgassem conducente a uma estável paz futura e à máxima felicidade possível.

XI

O grande Congresso e Revolução Social de Marte

1. Primeira reunião em Baidroma – Conforme havia sido combinado, a primeira reunião do imponente Congresso das Nações teve lugar em Baidroma, capital do império mais importante da raça amarela. Apesar do luto profundo e tristeza pungente que ainda envolviam de negras *[sic]* crepes toda a superfície de Marte, o dia da primeira reunião de tão memorável Congresso foi festejado com sincero entusiasmo e grande ostentação. Os senados municipais das cidades principais de raça branca, com músicas e com seus estandartes desenrolados, acompanharam, em comboios expressos, os seus congressistas até Baidroma, enquanto numerosas aeronaves evoluçavam no espaço por sobre os comboios. Por outro lado, todos os congressistas e vários senados municipais das principais cidades de raça amarela, indo à frente o imperador e ministros do grande império de que Baidroma era a capital, no meio de grande multidão de povo aclamando os hóspedes e de bandas de música tocando os hinos nacionais das principais nações de raça branca, vieram fora da cidade esperar os amigos de hoje e inimigos encarniçados de ontem. Lágrimas de alegria, misturadas com as lágrimas de saudade e sentida dor pelas vítimas da tremendíssima guerra e da peste que se lhe seguiu, corriam abundantemente de todos os olhos. Não havia memória dum

outro espetáculo tão comovente e grandioso. Os implacáveis e ferozes inimigos da véspera, sinceros e enternecidos, apertavam com íntima comoção, nos seus braços homicidas, os amigos de hoje!

Aposentos confortáveis e luxuosos estavam preparados para receber os congressistas e visitantes que foram logo instalados, sendo gratuita a instalação e bem assim os alimentos e meios de transporte. Era um momentâneo simulacro de confraternização entre povos de raças que sempre se odiaram e que a implacável desgraça fez aproximar, prometedora entretanto de benéficos, humanos e sublimes resultados. Antes de se dar início às sessões do importante congresso, tiveram lugar vários concertos musicais, cantantes e instrumentais, pelas primeiras notabilidades de Marte, passeios pelo ar, pelo mar e por terra aos locais mais pitorescos e monumentos mais notáveis, visitas aos museus, observatório astronómico, um dos mais célebres de todo o planeta, e outros importantes estabelecimentos públicos, etc..

Depois de terem decorrido alguns dias no meio de espontâneas provas de recíproco afeto entre povos vitimados pela estulta guerra, e que momentaneamente diligenciavam esquecer um passado de lutas sangrentas, chegou finalmente o dia memorável da reunião do Congresso, aonde iam entrar em jogo os destinos dos povos de Marte. Foi escolhido o dia em que tinha lugar o equinócio da primavera a que correspondia o ano cinco mil da era do nascimento do Platínito, que foi o primeiro que ensinou os povos a agricultural as terras até aí incultas.

O local da reunião do Congresso foi um imenso e majestoso monumento, ou templo, dedicado ao referido Platínito, onde cabiam à vontade mais de dez mil pessoas. Um elevado anfiteatro com cento e noventa e dois lugares, além da cadeira presidencial, destinados aos congressistas, elevava-se num dos topos do imenso templo ou salão, cujos tetos de cristal, depois de retiradas as coberturas de alumínio que os protegiam das chuvas e nevoeiros, deixavam de dia entrar a luz solar, deslumbrante de rádio e vida. O restante sólio de finíssimo mármore do grande salão estava cheio de cómodas bancadas, onde se sentavam os representantes de todas as nações, senados municipais, etc., e finalmente a massa anónima de povo que afluía pressurosa, a fim de assistir a tão memorável congresso.

Antes da abertura, uma orquestra de mais de noventa e seis instrumentos (acompanhados por um magnífico órgão, e de noventa e seis vozes dos mais notáveis cantores e cantoras) entoou um harmonioso e majestoso hino dedicado à paz universal e boa harmonia entre todos os povos e nações, sendo ouvido de pé por todos os presentes.

2. Abertura da Primeira Sessão do Congresso e vários Discursos –

Assim que terminou o hino, ouvido de pé e aclamado com entusiásticas ovações dos congressistas e mais pessoas presentes, o imperador, com andar firme e porte majestoso, subiu à presidência. De pé, com gesto sóbrio mas apropriado, pronunciou um eloquente discurso, dando as boas-vindas aos congressistas, fazendo um relato consciencioso e geral das calamidades resultantes das guerras, e enaltecendo a felicidade que deriva da paz e harmonia entre os povos. Terminada a sua oração, ouvida por todos de pé, propôs dois secretários, um de raça branca e outro de raça amarela, os quais foram aprovados por unanimidade. Ao abrir a sessão, lembrou e insistiu com os congressistas em que pensassem bem e medissem o alcance das suas palavras antes de as pronunciarem, pois que vinte taquígrafos tomariam notas rigorosas de tudo o que dissessem para ser publicado e largamente distribuído.

Assim que o presidente terminou a sua concisa exposição, logo vários congressistas pediram a palavra, dando-se início aos discursos e debates. Alguns limitavam-se a fazer ecoar pelas abóbadas do templo pomposas orações de muito subida eloquência, repassadas entretanto de lugares-comuns, e que, espremidas, não deitavam nada de aproveitável³³; outros propunham leis, regulando em tempo de paz a navegação aérea nos países limítrofes, a alteração das zonas marítimas territoriais e regulamentação da pesca, a unificação das tarifas alfandegárias, etc., etc.; outros havia que pediam a liberdade absoluta para tudo, eliminando tarifas alfandegárias, zonas territoriais e tudo o mais, em suma, que servisse ou pudesse vir a servir de peia à livre comunicação dos povos entre si.

33 Chega-se a ter a impressão de que se está assistindo a uma sessão de alguns parlamentos do Planeta Terra. [N.T.]

Não mandarei para a Terra as cópias de todos esses discursos, pois só eles enchem um grande volume e, contradizendo-se na sua maioria, apenas serviriam de confusão a quem na Terra os lesse. Devo, porém, mandar na íntegra os ponderados discursos do célebre filósofo Constantínio, pertencente à raça branca e natural de Sarima, por serem os que maior celeuma levantaram, e também por serem esses notáveis discursos que promoveram a transformação social e política de Marte.

Ao ser-lhe concedida a palavra, modestamente, mas com a natural solenidade que o assunto a tratar pedia, subiu à tribuna e, no meio do mais absoluto silêncio, pronunciou o seguinte discurso:

«– Senhor presidente, senhores congressistas e meus senhores e senhoras!... De todos os doutos e eloquentes discursos anteriores se depreende que a aspiração universal é a de que a uma calamitosa e odienta era de inimizades, ódios, rancores, ambições insofridas, lutas, revoltas e guerras mortíferas, sempre acompanhadas da fome, desmoralização e peste, venha a seguir-se uma era de paz e sincera amizade social, uma era de abundância e felicidade e, finalmente, de liberdade, fraternidade e igualdade. Mas esse vosso sublime anseio e divino *desideratum*³⁴, ilustres senhores, é completamente inexecutável na prática, enquanto não houver em todo o nosso amado planeta uma única língua, enquanto não for governado, todo ele, por uma única instituição política, enquanto, em todo ele, não existir uma única raça, e, finalmente, enquanto não for estatuído o número máximo de habitantes dos dois sexos que deve haver em todo ele».

Estas palavras causaram grande assombro e revoltante comoção em quase todos os membros do congresso, muito poucos as apoiando, e contra elas, em protestos ruidosos, se manifestando muitos congressistas que em turbamulta pediram a palavra.

Sem se perturbar, Constantínio continuou:

«Cumprira-me talvez, e tinha a isso direito, visto estar com a palavra, justificar sem mais demora as quatro teses fundamentais que submeto

34 O termo empregado por Constantínio foi outro, da antiga língua da república de Sarima. Para ser perceptível, faço a sua substituição por um termo latino que lhe corresponde; e, daqui por diante, empregarei sempre este processo. [N.A.]

à ilustrada sanção do Congresso, demonstrando a sua alta e inadiável conveniência e o modo sensato e prático de as pôr em execução; mas, por consideração pelos nobres e ilustres congressistas que, pelo modo como pediram a palavra, têm em mente combatê-las e obstar a que sejam aprovadas, aguardarei que falem primeiro».

Subiram então à tribuna, uns após outros, vários oradores, com o intuito de atacar ou criticar as quatro teses fundamentais de Constantínio, por verem nelas um grande perigo para a manutenção do equilíbrio e bem-estar social. Alguns não os atacaram diretamente, e apenas mostraram a impossibilidade da sua execução na prática; mas a maioria dos oradores atacaram-nas com paixão e violência, dardejando argumentos cerrados e mostrando os inconvenientes, e perigos mesmo, da aprovação das teses. Entre estes, salientou-se um orador e sábio notável, de nome Torpínio, natural de Transenta, importante cidade e capital duma nação de raça amarela, governada sob a forma monárquica. Apenas mandarei o resumo do discurso e argumentação deste eloquente orador, pois, até ao fim, foi o que mais notável se tornou a combater as ideias de Constantínio. Subindo à tribuna com ar decidido, majestoso e importante, soltando a sua voz de trovão que enchia todo o templo, clamou, fazendo sempre gestos oratórios da escola clássica.

3. Resumo do Discurso de Torpínio

«— Grandioso senhor imperador-presidente, ilustres senhores congressistas e meus senhores e senhoras!... Em nome das tradições históricas de todas as nações deste glorioso planeta; em nome dos eternos arquivos, escritos nas diferentes línguas, em grande parte harmoniosas e de fácil pronúncia; em nome dos vastos monumentos da sua literatura clássica, protesto contra a ideia nefasta de se estabelecer em todo o planeta uma única língua. Além da monotonia que devia resultar, que vantagem adviria de uma única e exclusiva língua, se por todo o planeta há pessoas ilustradas que conhecem e falam muitas línguas ou, pelo me-

nos, as mais importantes pela grandeza e poderio próprios dos Estados em que se falam e pela variedade e vastidão dos bem escritos livros que tratam das ciências, artes e literatura?

A segunda tese, salvo o devido respeito pelo ilustre e considerado orador que a apresenta, é simplesmente inadmissível e fantástica. Sendo esta tese da autoria dum homem público que tem desempenhado papéis importantes numa nação poderosa, governada pela forma republicana, sendo por certo intuito seu o de que essa “única instituição política”, a que se refere a sua tese, seja a republicana, como foi possível que no seu cérebro germinasse a ideia inconcebível de que velhas, poderosas e históricas monarquias, como aquela a que me honro de pertencer, embora o mais humilde dos seus membros, pudessem sujeitar-se a ver mudada a instituição que as engrandeceu, por uma outra que fundamente detestam?

Com relação à terceira tese, só tenho a dizer que a considero simplesmente iníqua. Tendo em consideração que o seu autor é um vulto proeminente da raça branca, embora considerado pela sua bondade e espírito filosófico, dotes perante os quais me curvo, é de toda a evidência que o seu intuito e fito consistem em eliminar por completo de toda a superfície de Marte a antiquíssima, respeitável e famigerada raça a que me honro de pertencer. Em nome de todos os prestantes e heroicos povos desta benemérita raça, que unidos me acompanharão, eu protesto energicamente e com toda a veemência da minha alma contra tão impudente iniquidade!

Desde o mais forte ao mais fraco, desde o mais alto ao mais baixo, desde o mais novo ao mais velho, todos nós, sem exceção dum só, lutaríamos até ao último fôlego e alento em defesa da nossa amada e relevante raça. Esta reunião imponente e magna, onde estão representados todos os povos de Marte, deve ser de paz e sincera fraternidade; e essa nefanda tese, se fosse aprovada, daria lugar à continuação da guerra cruel e atroz que findou, e que continuaria ainda mais tremenda, sanguinária e horrível. Mas notai bem que, desta vez, a guerra só terminaria quando no solo ensanguentado do planeta não houvesse um único vivente da raça amarela ou, notai bem também, um único vivente da raça branca!

A quarta tese, ou constitui um lapso do considerado professor que a apresentou, ou representa uma verdadeira monstruosidade sob o ponto de vista dos mais sagrados princípios basilares da sublime e intangível moralidade social, e um ataque condenável às bases profundas e primordiais de todo o progresso e bem-estar social. Limitem porém o seu número os habitantes desmoralizados das nações corruptas que tais atos tolerem. Mas legislar esse limite, determiná-lo, impô-lo às nações virtuosas a quem repugna uma tal monstruosidade, e que, para mais, sentem falta de braços para amansar as suas terras, para a profícua labutação das suas indústrias e para a manutenção, em estado de pé de guerra das suas esquadras e dos seus exércitos, nunca poderá, por nenhuma destas últimas, ser aceite. Nem mesmo pela vossa, ilustre membro do Congresso, nem mesmo pela vossa orgulhosa e altiva República, nem mesmo pela vossa, repito, um tão nefasto princípio pode ser aceite, visto os vossos campos estarem sendo mal-amanhados e as vossas indústrias se encontrarem em desoladora decadência, pela falta de braços que saibam e queiram trabalhar!

E depois, por que modo, com que meios pretendeis conseguir que o número de habitantes diminua? Quereis que as crianças, ao nascerem, como se faz em uma república da vossa vizinhança, sejam atiradas às águas do próximo canal ao apresentarem o mais leve defeito, ou mesmo sem este, até conseguir-se a redução que julgais conveniente? Tendes porventura em mente a destruição dos sagrados gérmes, ainda em meia elaboração, no seio amoroso das mães? Ou formais então, em vossa fértil imaginação, o plano mirabolante de pretender pôr peias ou obstar a que o amor, o invencível e irresistível amor, tão irresistível como a fome, produza a sua nobre e benéfica ação de útil higiene e de sagrada e divina procriação social indispensável?

Qualquer que seja o prisma segundo o qual se discuta e analise a vossa quarta tese, logo à vista menos perspicaz se manifesta, em pura evidência, clara, nítida e indiscutível, a sua monstruosidade; e isto, sim, quaisquer que sejam os pontos de vista de moral, de bem-estar e progresso sociais e de direito natural em que seja analisado!

Por último, senhor presidente, não posso nem devo deixar de salientar o contraste violento e revoltante que claramente se manifesta, e que se dá entre todas as quatro teses apresentadas pelo ilustre congressista e a liberdade que com ênfase preconiza ao lado da fraternidade e igualdade.

Que liberdade é essa que não permite que cada cidadão fale a língua que melhor quiser? Porventura pode chamar-se liberdade à imposição abrupta e tirânica feita, a todos os povos duma forma qualquer de governo, que pode ser e há de fatalmente ser contrária aos hábitos e altos interesses sociais de muitos deles? Em que dicionário, senhor presidente, é que o ilustre congressista encontrou a redefinição de liberdade para a hecatombe premeditada de duzentos milhões de habitantes da raça amarela? E refiro-me apenas ao aniquilamento desta raça e não ao da raça branca, porque é esse, por certo, o infernal e nefando intuito do autor da tese. Finalmente, que espécie maligna de liberdade é essa que, no ato mais momentoso da vida humana e que deve ser puro e espontâneo, qual inspiração divina, que espécie desconhecida de liberdade é essa que obriga os mancebos e as donzelas a abafar no peito os entusiasmos ideais da sua alma apaixonada e a estrangular os impulsos naturais, veementes e espontâneos do seu terno, sensível e apaixonado coração?

Em vista das ponderosas razões expostas sumariamente por mim, mas eloquentemente e com subido relevo apresentadas pelos notáveis oradores que me precederam, eu proponho, para honra deste magno e memorável Congresso e do próprio autor das quatro teses absurdas, imorais, despóticas e inaceitáveis, que este seja convidado a retirá-las; e proponho mais que, no caso incompreensível de as não querer retirar, o Congresso resolva que elas sejam retiradas».

Um turbilhão imenso de aplausos coroou o final do discurso do célebre Torpínio, poucos sendo os congressistas que o não aplaudiram. Entretanto, a sua proposta foi rejeitada, embora por pequena maioria, por desejarem, os que a rejeitaram, ouvir da boca de Constantínio quais as razões que o levaram a apresentar quatro teses que tão grande celeuma levantavam.

Mesmo depois do discurso violento de Torpínio, ainda outros oradores falaram a atacar as quatro teses, sendo poucos os que as defenderam,

fazendo-o estes mais por consideração pelo seu autor do que pelas teses em si, ressaltando a esperança de que as modificasse, ou então explicasse com clareza os seus pontos de vista.

Assim que chegou a Constantínio a vez de replicar aos oradores anteriores, sempre sereno, impassível e modesto, mas com a majestade e firmeza que dão as convicções arreigadas, subiu de novo à tribuna. Era geral a ansiedade, em todo o vasto auditório, de conhecer o modo como ele rebateria a catadupa de argumentos que se afiguravam irrespondíveis, e que deitavam por terra o insubstituível castelo de cartas que, mesmo sem os ataques dos eloquentes oradores, parecia que por si mesmo se devia desfazer e baquear em destroços pelo solo.

Sereno e pausadamente, falou do seguinte modo:

4. Discurso de Constantínio defendendo as Três Primeiras Teses

– «– Senhor presidente, senhores congressistas e meus senhores e senhoras!... Começo por agradecer as expressões amáveis que todos os oradores ilustres, que discutiram as minhas quatro teses, me dirigiram. Embora imerecidas, eu deixaria de ser correto se as não agradecesse e as não retribuísse, ou antes as não deslocasse dos ombros de quem as não merece e as não colocasse nos seus próprios ombros. Ainda mesmo que os meus méritos e créditos, segundo afirmaram esses amáveis oradores, fossem grandes, o que realmente não são, as quatro teses que apresentei devem ser rejeitadas, se com efeito a sua execução for impossível e não conduzir ao *desideratum* de todos nós, uma paz permanente e firme entre todos os povos que habitam em Marte, um bem-estar completo, uma perfeita saúde aprazível e garantida, e, finalmente, a liberdade, fraternidade e igualdade. E, por mais ínfimos que sejam, e realmente são, os méritos do autor das quatro teses, estas devem ser aprovadas se a sua execução é possível e conduz a um tal *desideratum*, imorredouro, eterno e sublime. Para evitar confusões e acompanhar a argumentação dos meus ilustres contendores, tratarei separadamente de cada uma das teses, na esperança de convencer aqueles eloquentes e apaixonados oradores, e bem assim todos os restantes ilustres congressistas, de que a

última hipótese que acabo de formular é a que se dá. Estou íntima e sinceramente convencido de que, no presente momento histórico, em que os povos de Marte tão horrivelmente foram sacrificados devido à falta de unificação dos seus interesses e bem-estar geral, cada uma das teses *de per si* e todas elas no seu conjunto podem e devem ser aprovadas, pois só elas, como vou demonstrar, serão capazes de libertar os povos de Marte das guerras, sofrimentos e misérias morais e materiais em que sempre têm vivido.

Antes, porém, de fazer essa desenvolvida demonstração e justificação, permiti que, desde já, replique à última parte do notável discurso do ilustre professor e célebre homem público de Transenta que mais energeticamente atacou as quatro teses por mim apresentadas.

Sim, senhor presidente e senhores congressistas, a liberdade é o mais nobre e sublime apanágio do progresso social e do bem-estar geral, e sem ela não é possível haver a sacrossanta fraternidade e a ambicionada igualdade. Mas é indispensável distinguir entre as peias e obstáculos que nós mesmos impomos voluntariamente à nossa própria liberdade, movidos dum alto e generoso impulso altruísta, e os que nos são brutalmente impostos pela paixão despótica e faciosismo atrabiliário e odiento de quaisquer tirânicos opressores.

Ora, todas as resoluções e medidas gerais que neste supremo Congresso forem tomadas, depois de largamente discutidas e aprovadas e terem sido coroadas pela sanção da opinião geral dos povos de Marte, não representam opressão contra a liberdade por parte de quaisquer tiranetes atrabiliários, mas regularização racional e voluntária da mesma, visto nós todos aqui representarmos os povos do nosso amado planeta, e tudo o que resolvermos é como se fosse resolvido por todos esses povos em pessoa.

Opressão tremenda e despotismo horrível são os que ferozmente se desencadeiam nas guerras que diligenciamos evitar, em que os povos estultamente se deixam arrastar a uma hecatombe infanda!

Opressão tremenda, despotismo tirânico é o dos Estados conservadores, onde as manifestações do pensamento livre são reprimidas com severo rigor e crueldade, quando desagradam àqueles! Não menos cruéis

e tremendos são a opressão e o despotismo, exercidos pelos ambiciosos e incompetentes das diversas classes sociais dos países mal administrados – que a si mesmos se classificam de liberais e democráticos, por confundirem as palavras liberdade e democracia com o nepotismo, o roubo, a licença, a indisciplina e o caos – com audácia e petulância impondo-se à sua classe e arrastando-a a atos abusivos e perniciosos contra as outras classes e a sociedade em geral. É com o massacre dos mais prestantes e beneméritos cidadãos, é com a destruição e incêndio dos monumentos, casas de habitação, comboios, etc., é com as traiçoeiras bombas e granadas, é com a implacável e repelente propaganda do ódio e rancor social, da destruição, do homicídio, do caos e ruína geral, a par da abjeta e torpe preguiça, é com tão revoltantes e contraproducentes meios que os ilustres oradores, que atacam as teses que proponho, esperam, senhor presidente, conseguir a liberdade, fraternidade e igualdade a par da inesgotável abundância e mirabolante felicidade?...

Não, não, Povos de Marte, não é com ódios e rancores, com ruínas, homicídios e a negra fome de mãos dadas com a imoral, nefasta e torpe preguiça, que a sociedade se levantará do abismo desesperante em que se debate!... Nunca, nunca, Povos de Marte, a liberdade, fraternidade e igualdade poderão constituir um sublime facto real, enquanto se recorrer a processos tão brutais, selváticos e hediondos, e que são, têm sido e continuarão a ser contraproducentes, enquanto Marte for Marte!...

Posto isto, volto a desenvolver a minha argumentação interrompida.

Atualmente, senhor presidente, há em Marte mais de trinta línguas, completamente entre si distintas, além de inúmeros dialetos. Dá-se, porém, com efeito, o facto de alguns indivíduos das classes mais ilustradas falarem duas a três línguas das mais principais, mas a maioria dos habitantes dos diversos Estados existentes nem mesmo a própria língua conhecem bem. Como quereis que haja a divina fraternidade entre os povos, se entre si não podem trocar expressões de mútuo afeto?, se, mesmo quando estão juntos, é como se fossem separados por vastos e insondáveis desertos? Nunca me passou pela ideia, nem creio que jamais alguém tivesse o lamentável pensamento de sepultar as tradições

históricas e os arquivos das diversas nações no pélago do esquecimento. Não só convém que sejam conservados através dos séculos por todas as razões, mas até seria indispensável que, juntamente com as obras literárias mais notáveis, fossem traduzidas na língua única que fosse adotada.

É certo que há línguas harmoniosas e de aprazível pronúnciação, mas não é menos certo que não há uma única que não seja eivada de gravíssimos inconvenientes, sobrelevando, entre todos, o de coisas animadas e inanimadas de grande analogia entre si serem representadas por palavras de forma e som dissemelhantes. Visto pois todas as línguas terem alguns defeitos, o que conviria, para evitar melindres, é que a língua que fosse adotada, embora tendo uma estrutura racional, harmónica e toda sua, possuísse no entanto as *[sic]* radicais das línguas existentes basilares mais geralmente empregadas. Se desejais a valer, senhores, que paz estável floresça sobre o nosso amado planeta e sobre ele derrame as flores e frutos da sua benéfica e inexaurível cornucópia, uma das condições indispensáveis é a da uniformidade das línguas, ou antes uma única língua do oriente ao ocidente e do equador aos polos!...

Mas isto, por si só, não basta. É indispensável também que todos os briosos povos de Marte sejam governados por uma única instituição política, que haja um único parlamento soberano e um único governo regulador e diretor. Não faço nem creio que ninguém faria questão da forma de governo, desde que representasse a aspiração geral dos povos e bem assim a dos seus delegados aqui reunidos, e que vêm munidos de plenos poderes para resolverem tudo o que julgarem útil ao bem-estar e paz dos mesmos povos. Mas, pela parte que me diz respeito, clamo de novo bem alto que, qualquer que seja a minha opinião individual, me curvarei reverente e cumpridor atencioso e solícito a toda e qualquer forma de governo que venha ou viesse a ser proclamada nesta magna assembleia.

As duas teses anteriores, porém, se forem aprovadas, também só por si não bastam. É imprescindível que deixe de haver duas raças distintas, e que sempre têm sido rivais. Por isso, é condição fundamental para o bom êxito dos nossos intuitos, conforme disse, que haja uma única raça. Mas em caso algum eu teria em mente, eu teria em mente, insisto com

toda a minha leal sinceridade, ao aventar esta ideia e ao apresentá-la em tese, que a raça preferida fosse a raça branca a que pertencço. Não tive, nem podia ter um tal intuito, que representaria uma revolta condenável contra todo o meu passado. Se a raça branca é mais majestosa e esta-tuária de formas, e tem principalmente contribuído para todas as descobertas científicas e progressos notáveis que exalçam este século e os que o precedem, não pode nem deve, contudo, deixar de clamar-se bem alto que a outra raça tem também dado provas de grande talento, pelo modo como sabe compreender e assimilar as descobertas feitas pela raça branca, ultrapassando esta, por vezes, no seu racional e hábil aproveitamento. Ao mesmo tempo, devo proclamar bem alto que, se a raça amarela é menos imponente e vistosa do que a branca, entretanto, não é menos ativa e enérgica, ou, antes, o é mais, não só nos trabalhos em tempo de paz, como nos de guerra, conforme tivemos a dolorosa experiência na tremenda colisão que tornou o nosso risonho e ubérrimo planeta em um vasto, lancinante e tétrico cemitério. É pelo cruzamento, e unicamente por ele, que em minha mente se formou a ideia da substituição das duas raças por uma única. Se esta importante tese fosse aprovada, tenho a convicção de que a raça única resultante não seria inferior a nenhuma das atuais, e antes lhes seria superior, por participar dos predicados em que uma e outra entre si sobrelevam.

É, porém, fácil ou possível, conseguir esse cruzamento? Como levá-lo a efeito por modo eficaz?

É fácil, sem dúvida alguma, e pode levar-se a efeito com medidas per-cetíveis e de uma absoluta simplicidade. Nos grandes males, meus senhores, tornam-se indispensáveis os grandes e enérgicos remédios, visto os pequenos e os meros paliativos só servirem para estimular o vigor e acuidade daqueles. Ora, evidentemente, o único remédio eficaz, eficazíssimo, para debelar este turgesciente mal das duas raças, fermento eterno de ódios, rancores e de tremendas e assoladoras guerras, consiste em ser resolvido neste proeminente e soberano Congresso, pois para tudo tem os devidos poderes, que tanto nos países de raça amarela como nos de raça branca sejam proibidos casamentos de nubentes da mesma raça,

e apenas sejam permitidos e facultados os casamentos entre nubentes de raças diferentes. Para evitar, ao mesmo tempo, o desequilíbrio entre as forças viris das diversas nações, poderia paralelamente ser determinado e rigorosamente cumprido que as noivas é que seriam deslocadas do seu pátrio país para o país onde moram os noivos.

Eu compreendo, eu percebo bem e vejo mesmo, pelos gestos de indignação que desta tribuna distingo no rosto de muitos senhores congressistas e pelos seus sacudidos movimentos, especialmente por parte dos de raça branca, eu compreendo e percebo bem que estas ideias, impre-vistas e fora dos usos e hábitos sociais seculares, são julgadas absurdas e inaceitáveis. Mas lembrai-vos, ilustres senhores, que, se não transformarmos as duas raças em uma única, se sobre o solo do nosso amado planeta continuarem a haver as duas raças distintas, as guerras atrozes, infandas e tremendas, como a que encharcou de sangue e desonrou o nosso planeta, continuarão a repetir-se *in aeternum*, a não ser que uma das raças consiga vencer e dominar a outra, que passará a ser vil e desprezível escrava da vencedora se não for desde logo estrangulada e aniquilada, o que, para a vencida, seria a mais benéfica das soluções. De modo algum julgueis que carrego as negras cores do execrável quadro. É isso o que teria sucedido nesta horripilante e demente guerra, se uma das raças chegasse a ser a vencedora. Não nos iludamos a este respeito. A peste maléfica, com a sua virulência aterradora e onnipotente, interpondo-se entre os combatentes e impondo-lhes um rápido termo aos seus delírios sanguinários e destruidores, é que obstou ao predomínio duma das raças e escravização ou aniquilamento da outra. *Há males que vêm por bem*. Este anexim popular, que muitas vezes dá certo, no caso da guerra infanda que determinou esta grandiosa reunião, deu certíssimo. A peste assoladora, tremendamente mortífera, foi, sem dúvida alguma, com todos os seus horrores, um bem inigualável!

Se conseguíssemos, pois, que as duas raças rivais se transformassem em uma única raça, ter-se-ia dado mais um passo seguro e imprescindível para se poder engrinaldar Marte dos florões duma paz estável entre os povos. Mas não é o bastante».

5. Continuação do Discurso de Constantínio organizando as bases da defesa da sua Quarta Tese –

«Na origem dos povos, e até onde chega a luz pálida e bruxuleante da tradição histórica, aqueles viviam modestamente, em grupos maiores ou menores, dormindo pelas cavernas ou em toscas choupanas e sustentando-se das frutas que colhiam das árvores, e do leite das vacas e cabras. Esses grupos, quando diminuía ou falhavam por completo os pastos das vacas e as frutas na região que ocupavam, e se sentiam em força suficiente, invadiam as regiões próximas e, se estas eram povoadas, massacravam os habitantes ou os reduziam à dura condição de escravos, assenhoreando-se das suas terras e bens. Assim se foi vivendo em Marte durante milhares e milhares de anos, até que, no século dois mil da era de Platínito, se constituíram seitas filosóficas e religiosas que, moderando os instintos brutais e maléficos, sustaram um pouco e modificaram as manifestações violentas da selva-jaria dos povos. Com a benéfica propaganda dessas humanitárias seitas altruístas, coincidiu o início das grandes descobertas na ciência e artes que, século a século, se foram aperfeiçoando e ampliando. A par das descobertas pacíficas e úteis, outras se fizeram com intuítos dominadores e destruidores. Todas as nações se armaram o melhor que podiam, aperfeiçoando conjuntamente, cada vez mais, os instrumentos destinados à guerra, tendo em mira o nefando intuito da destruição das nações vizinhas e da implacável hecatombe dos nossos semelhantes. Mas, como todas se armavam na proporção das suas posses e forças, daqui resultava que, por mais que se armassem e presentemente se armem, a relação do seu poder guerreiro e destruidor ficava sempre sendo e é a mesma, ou quase a mesma. O que não era nem é o mesmo, nem podia ser, é o tempo e capital despendidos com as indústrias pacíficas e benéficas, pois todos eram e são poucos para desperdiçar na construção das mortíferas máquinas de guerra e nos vistosos e hostis exercícios militares. O que não era o mesmo, nem podia ser, é o encargo, cada vez mais esmagador, dos Estados para se manterem em conveniente pé de guerra relativo!

Vê-se pois, e a última guerra infanda o provou que, embora ciências e artes tenham progredido nos séculos anteriores e no nosso século, e os po-

vos vaidosamente clamem que o seu século é o das luzes e é a luz brilhante que alumia os outros séculos, vê-se pois, repito, e a atrocíssima guerra o provou que, por mais que progridam as ciências, artes e letras, por mais que se fale em Civilização e os povos blasonem de civilizados, contudo, nas suas relações sociais, continuam e continuarão a ser *in internum*, uns para com os outros, o mesmo que os lobos são e o mesmo que os homens entre si eram nas épocas primitivas e muito remotas da raça humana. *Homo homini lupus*³⁵ é um aforismo que tem atravessado os séculos e que, quanto mais alta parece estar a Civilização, mais bem aplicado parece também ser.

Mas quando e porque se devoram os lobos uns aos outros?

Os lobos são companheiros leais, enquanto há abundância de caça e esta é difícil de apanhar e de se deixar devorar por eles, fazendo prodígios de mútuo auxílio com a mira na presa ou presas que, sedentos de carne, atacam. A sua lealdade, o seu mútuo auxílio, a sua dedicação fraterna desaparecem por completo, quando não se vê no horizonte, nem ao seu fino olfato chega o cheiro de caça em toda a vasta redondeza. Então, espicaçados pela negra fome, atiram-se uns aos outros. *Vae victis*, ai dos vencidos, que logo são devorados sem comiseração e com implacável sofreguidão!

Nos tempos primitivos da raça humana, estas cenas de fero canibalismo e antropofagia também se davam entre os seus membros, quando de todo em todo não havia outro alimento para matar a fome além da carne dos seus semelhantes. Nos tempos modernos, devido aos progressos científicos e filosóficos, não se repetem esses atos de antropofagia, por duas razões principais. A primeira porque, havendo meios fáceis de transporte dum para outro ponto do planeta, se escasseiam os alimentos numa região, procuram-se noutra; a segunda consiste em que, sendo terríveis e eficazes os meios de destruição que entre si os homens empregam, rapidamente se eliminam uns aos outros, até conseguirem que os alimentos que existem cheguem para os que ficam. Mas se, apesar de tudo, os alimentos falhassem, não tenham a menor dúvida de que entre si se devorariam, alumiados pela luz doce e refulgente da sublime filoso-

35 Constantínio empregou outros termos, mas a ideia é a mesma da frase de Plauto, notável escritor e crítico latino, na sua comédia *Asinária*. [N.A.]

fia e dos sacratíssimos princípios da fraternidade universal! Nos tempos primitivos, a voracidade apresentava-se em toda a sua nudez hedionda, cruel e brutal; nos tempos modernos, apresenta-se envolta nos farrapos da filosofia e da civilização, mas, no fundo, a hediondez é a mesma!

Mas a que pretendo eu chegar, trazendo ao palco da discussão estes quadros duma realidade repugnante e horrível?

Quero e pretendo chegar à conclusão de que a paz sobre o solo do nosso amado planeta nunca será um facto consumado, e de que as palavras liberdade, fraternidade e igualdade serão uma fantasmagoria e uma falsidade hipócrita enquanto se não conseguir, por um modo sensato e racional, que o número dos habitantes da raça humana seja mantido em um limite tal que, para todos sem exceção, superabundem os alimentos e os variados confortos de que necessitem para viverem comodamente. *That is the question.*³⁶

Nos tempos primitivos em que a palavra ciência era quase desconhecida e a medicina e as medidas higiénicas e profiláticas eram rudimentares e sem grande eficácia, as guerras invasoras por um lado, e as mortíferas pestes pelo outro, reduziam o máximo da população humana ao limite que correspondia às condições da produção do solo, constantemente devastado por repetidas invasões e, portanto, sempre pessimamente agricultado. Das antigas tradições históricas depreende-se que esse máximo nunca se elevava a duzentos milhões de marcianos dos dois sexos.

Com o desenvolvimento das artes, ciências e indústrias, e especialmente com os progressos da agricultura, medicina, higiene e confortos de toda a ordem, e bem assim com o emprego de medidas profiláticas, o número dos habitantes humanos dos dois sexos antes desta última tremendíssima guerra elevava-se a quatrocentos milhões. Este número era evidentemente exagerado, visto a fome e a miséria dizimarem, em cada ano, multidão incalculável de desgraçados. Note-se bem que este número seria muito maior ainda, se em algumas nações se não empregassem processos imorais e irracionais de obstar ao livre desenvolvimento dos nascimentos. A este respeito, a desmoralização tem atingido proporções

³⁶ Vai a frase de Shakespeare, a qual dá a mesma ideia que a que foi empregada por Constantínio. [N.A.]

aterradoras, não só nas grandes cidades, mas mesmo nas modestas aldeias, outrora muito morigeradas, não só entre casais ilegalmente aconchegados, como entre constituídos em harmonia com a lei.

Se for aprovada e posta em prática a minha quarta tese, o *quorum* dos habitantes será limitado a um número que for julgado conveniente (mas, conforme mostrarei, sendo empregado um processo prático racional e sem qualquer cunho de imoralidade e de interferência individual voluntária, o que é sempre condenável perante a Natureza). Ao mesmo tempo, a restrição, qualquer que ela seja, deve abranger todas as nações e povos, sem uma única exceção. É por isso que é indispensável que sejam aprovadas as três primeiras teses que apresentei, e que a quarta só seja votada e posta em prática – no caso de ser aprovada – depois das três primeiras terem sido postas em prática a valer, ou haver a certeza de que com rigor e exatidão o vão ser.

Segundo a rápida vista de olhos que deitámos por todo o passado além e pelo atual inconstante e tristíssimo presente, se depreende que o estado social de Marte necessita indiscutivelmente de uma radical transformação e remodelação. E, para isso, não vejo outro caminho a seguir, com resultados garantidos, que não seja o da aprovação das três primeiras teses, e bem assim a da quarta, se, depois de eu a justificar, for julgada merecedora da aprovação dos ilustres membros do Congresso».

6. Modo Racional de pôr em Prática a Quarta Tese – «Antes de indicar o modo racional de pôr em prática a quarta tese, desejava saber se há ou não vantagem em pertencer ao número dos viventes. A resposta é tão fácil, e está por tal modo indicada, que não devo permitir a qualquer amável colega o incómodo de me responder.

Há realmente vantagem e indiscutível satisfação em passar pelo grande palco da vida neste planeta, e por certo em todos os outros, quando se goza perfeita saúde, se satisfazem com prazer os impulsos naturais e, finalmente, se é completamente feliz, notando ao mesmo tempo que todos os restantes entes da nossa raça são igualmente felizes, e que sentimos prazer com isso. Não há vantagem em nascer e viver quando, ao abrímos os olhos à luz da vida, desde o berço encontramos para eternas companheiras

a fome, as misérias, as tristezas, as doenças, as pestes, as guerras, as revoltas, as greves, os rancores, ódios, invejas, etc., etc., e, ainda por cima de tantos males, as cruas peias à satisfação do invencível impulso do amor.

Mas as célebres descobertas científicas, os notáveis progressos sociais, a prodigiosa facilidade de comunicações por terra, pelo mar e pelo ar, as grandes indústrias em larga escala, sob o impulso do vapor de água, da gasolina e da eletricidade, não vieram porventura melhorar dum modo encantador e apetitoso o bem-estar social?

Por certo que vieram, não há a menor dúvida. Mas por isso mesmo provocaram e provocam a procriação em mais larga escala e, como consequência fatal, futuras fomes, guerras, pestes, etc. Enquanto não houver o limite racional para o número dos viventes, há de eternamente girar a sociedade em torno dum círculo vicioso, mais ou menos horrível e torturante.

Esses melhoramentos, porém, embora importantes sob o ponto de vista absoluto, não seguiram escala harmónica sob o ponto de vista relativo; ou antes, vieram agravar ainda mais as diferenças do bem-estar e gozo entre as diversas classes sociais, Nos tempos rudes e primitivos, mesmo quando havia a escravatura e, mais tarde, o feudalismo, os chefes das tribos e os senhores feudais passavam um viver rude e áspero nos campos ou em expedições e batalhas, o qual pouco diferia do viver dos seus escravos e feudatários. Atualmente, a diferença e contraste entre o viver do proprietário de uma ou mais empresas industriais, ou de vastas extensões de terrenos, e o dos operários que trabalham nas fábricas, oficinas e nos campos é muitíssimo maior. Aqueles vivem como príncipes em grandes palácios, alimentam-se das mais saborosas iguarias, gozam todos os divertimentos apetecíveis, aparentam importância e são tratados com consideração, apresentam-se com ostentação e viajam com comodidade por toda a parte. Estes passam a vida metidos nas oficinas ou mourejando ao sol e à chuva, tendo, como distração, a vida desmoralizadora e nefasta das tabernas e dos animatógrafos ou a propaganda odienta das associações!

Ao mesmo tempo, dá-se a circunstância de que, nos tempos primitivos, os patrões, e bem assim os senhores feudais e seus servidores,

constituíam, por assim dizer, grupos solidários, não sendo fácil os últimos poderem entre si combinar quaisquer manejos contra os primeiros. Atualmente, os operários, pelo seu grande número e por disporem da grande força das suas associações, impõem-se com energia aos patrões e até aos próprios governos; e se não são atendidas as suas reclamações e os serviços a seu cargo são de interesse geral para a sociedade, fazem greves que tudo perturbam, vindo aumentar o mal-estar geral, e com este agravar o seu próprio mal-estar, miséria e infelicidade!

Vê-se pois que, se antes de se fazerem as importantíssimas conquistas da civilização atual, a vida no nosso planeta não representava felicidade alguma, e antes era de um amargor e mal-estar profundamente doloroso, em seguida a essas conquistas ainda se tornou mais gravosa e odienta, pelo menos sob o ponto de vista relativo e da sã moral social. Destes factos e amargores, passados e presentes, se tira a conclusão de que o deixar de ser comparsa neste pandemónio da vida é a maior felicidade que podia ter sucedido aos que nele compareceram. Com isto, senhor presidente e meus senhores, notai bem que, de modo algum, desejo justificar os atos selvagens do morticínio dos recém-nascidos que surgem à vida raquíticos e com defeitos graves, aos quais alguns oradores se referiram; nem tão-pouco pretendo relevar o processo monstruoso e imoral de destruir os gérmenes de entes humanos no seio palpitante das mães. Destruir os gérmenes da vida corresponde a destruir a própria vida; e esta ninguém tem o direito de a destruir.

Não queirais também deduzir das minhas palavras convictas e sinceras que preconizo e advogo o que infelizmente se pratica em várias nações, e com especialidade na república de que sou o mais humilde dos cidadãos. Como regra geral, os casais ricos, e por vezes saudáveis e robustos, evitam, quase sempre, ter todos os filhos que a natureza pródiga lhes podia dar, enquanto que os casais pobres, mesmo quando são raquíticos e com doenças contagiosas, como regra geral também, produzem filhos sem cessar, atirando para o vasto tablado da vida uns entes fracos, doentios e miseráveis que, desde o seu surgimento à luz do dia, só têm diante de si a figura torturante e desapiedada do sofrimento! Ora, se os

segundos podiam ter desculpa em pretender evitar o ter filhos, se previamente estivessem convencidos de que seriam uns entes desgraçados e infelizes, os primeiros não podem ser desculpados.

Dá-se mais o facto, a que já me referi, de que, enquanto em algumas nações é empregado por modo quase geral o processo imoral de evitar ter filhos, em outras nações se dá o facto oposto, diligenciando todos os casais ter o maior número possível, movidos do dominador intuito do predomínio da sua nação. Esta falta de harmonia no ato mais importante da vida humana concorre poderosamente para o desequilíbrio das forças dos Estados rivais, vendo-se os mais fracos compelidos a fazer coligações com mira a juntos se defenderem, no caso de serem atacados. Por isso, para que pudesse haver paz estável e garantida em Marte, era necessário que, por modo rigoroso, fosse estatuído, mediante convenção internacional, o número máximo de nascimentos que em cada país devia haver, recorrendo-se a um processo racional, sensato e sem ser desumano e imoral. Mas esse processo, a que mais tarde me referirei, só poderia ser empregado com equidade e a valer quando em toda a redondeza do planeta houvesse uma única língua, uma única raça e uma única administração e direção-geral, pois só então poderia ser rigorosamente acatado e cumprido.

Os ilustres oradores que mais energicamente atacaram a minha quarta tese fizeram-no por modo que me podia ser atribuído o intuito de qualquer processo contraproducente, imoral e absurdo que não coubesse em minha mente. Mas há mais. Um desses oradores chegou a dizer, segundo as notas que tomei: – *Para se conseguir que o número de habitantes da raça humana seja, no planeta Marte, limitado a um máximo compatível com os recursos alimentares do mesmo planeia, e por modo que todos esses habitantes, todos eles sem exceção, tenham sempre à sua disposição os alimentos e vestuários necessários sem terem que depender grande e doloroso peso de trabalho, e até mesmo considerando este como um divertimento, segundo a frase do autor da tese, só vejo três processos, todos três condenáveis. O primeiro consistiria em proibir aos casais o terem mais do que um número muito limitado de filhos; o segundo, o permitir o casamento unicamente a um limitado número de mancebos e donzelas tirados à sorte; o terceiro, finalmente, o permitir, também*

unicamente, o casamento a um limitado número de mancebos e donzelas, mas selecionados entre os de melhor constituição física e psíquica, sendo rigorosamente proibido a todos os outros. Qual dos três processos escolheis?, clamava ele para mim com ênfase!

Nenhum desses processos me passou pela mente, clamo eu agora bem alto, porque os julgo imorais, absurdos e impraticáveis, como vou demonstrar.

O primeiro processo é altamente imoral e monstruoso pois que, se fosse posto em prática com rigor, levaria os casais que se descuidassem a destruir os gérmenes no seio materno ou a matar os filhos à nascença, o que só o pensar-se causa tremendo horror. Tinha mais o inconveniente, também grave, de não promover a seleção da progénie, o que é indispensável em vista da decadência das raças. O segundo processo, além de ser também altamente imoral e contrário ao direito e impulso, natural, tem mais o grave defeito de ser inexecutável na prática, provocando as ligações sexuais sob a forma do concubinato. Tem ainda, em mais larga escala, todos os inconvenientes do primeiro, e a Humanidade continuaria a sofrer as doenças inerentes à sua decadência: a anemia, a neurastenia, o linfatismo, a sífilis, a tuberculose e mil outras doenças hereditárias. O terceiro processo, embora tivesse a vantagem da seleção e aperfeiçoamento das raças, tinha no entanto todos os inconvenientes do segundo, e portanto deve também ser condenado e de todo banido, como os anteriores, por imoral, tirânico e inexecutável.

É certo que este terceiro processo poderia dar ótimos resultados, se todas as pessoas a quem pela sua organização inferior não fosse permitido o casamento se resignassem e permanecessem em eterno celibato. Isto é muito fácil de dizer, mas é muito difícil de executar, sendo mesmo impossível para certas organizações.

A Natureza, na sua portentosa ação dominadora, submete o homem e a mulher, e bem assim todos os outros animais, a dois estímulos invencíveis e imperiosos, e que são, ao mesmo tempo, o apanágio e o sustentáculo da continuação da vida. Um desses estímulos, o do apetite da alimentação, aparece ao abrirem os animais os olhos à luz do dia, o outro, o do apetite amoroso, ao atingirem a idade da puberdade. O primeiro estímulo, ou impulso, só desaparece com a vida, o segundo em

idades muito avançadas. Todo o indivíduo, de qualquer dos dois sexos, que deixe de ser atuado pelos dois estímulos ou impulsos, é um aborto da natureza, visto o primeiro determinar a conservação do próprio animal e o segundo a conservação da espécie. Ambos são humanos e, ao mesmo tempo, divinos, tomando este termo na aceção do bem e do útil.

Não roubarei tempo a descrever as consequências nefastas da fome, pois toda a gente sabe bem que são a morte. Mas necessito desenvolver os gravíssimos inconvenientes do celibato, mesmo quando seja voluntário, visto a minha quarta tese, para ser aceitável, necessitar apoiar-se no desaparecimento por completo dum tal martírio e origem torturante de doenças e desgostos, quer seja voluntário quer seja involuntário. Embora os livros de medicina legal exponham desenvolvidamente os inconvenientes e perigos do celibato, entretanto não devo deixar de dar umas indicações genéricas a respeito de tão maléfico inimigo.

O celibato, mesmo completamente voluntário, visto corresponder a uma dolorosa luta contra o estímulo e instigações da própria Natureza, quando seja cumprido com todo o rigor, dá lugar a males, por vezes muito graves, predominando as diversas variedades de doenças nervosas, inclusive a perda da razão e até a perda da vida. Desde a mais alta antiguidade que os médicos clamam que *semen retentum causa morbis est*.³⁷

Os celibatários que, por falta de meios para terem família ou por egoísmo, persistem nessa situação contra a Natureza, apesar de por esta serem estimulados e espicaçados, não podendo resistir a tão imperiosos estímulos, em lugar de casarem – único meio de relativamente viverem tranquilos e descansados a tal respeito – fogem do mal do celibato e evitam ao mesmo tempo as responsabilidades e encargos do matrimónio, precipitando-se em algum dos dois antros de males bem mais terríveis: a masturbação ou as casas de mulheres públicas. No primeiro, encontram quase sempre a tuberculose, a paralisia e a morte; no segundo, a sífilis e

³⁷ Os termos empregados em Marte não são rigorosamente estes, mas a ideia é a mesma. Por isso, para mais fácil percepção, dou a sentença latina [trad. “sémen retido é causa de doença”] com a variante “semen retentum venenum est” [trad. “sémen retido é veneno”]. [N.A., a que se juntou a tradução do latim pelos editores]

ruína do sangue e órgãos importantes, transmitindo o mal às gerações futuras, se, depois de arruinados, cometem o crime social de contrair matrimónio. Este último mal, o da sífilis, que era já de uma ação dominadora por toda a parte em Marte antes da grande guerra, durante esta adquiriu uma virulência aterradora, atacando principalmente os valentes combatentes que se batiam nos campos de batalha.

Perdoai-me, senhor presidente, perdoai-me, senhores congressistas, se, neste templo augusto da sabedoria, onde se encontram reunidos os altos representantes dos gloriosos mas infelizes povos de Marte, perdoai-me, se, debaixo das suas majestosas abóbadas, eu me vejo obrigado a proferir expressões lancinantes, lamentosas e até repelentes que possam ferir os tímpanos dos vossos ouvidos! Pior, bem pior do que tudo o que já disse e me vejo ainda obrigado a dizer a respeito deste momentoso assunto, foi essa guerra assoladora, tremenda e horrível, cuja repetição pretendemos para sempre evitar! Pior do que tudo o que disse, e possa dizer, é o estado gravíssimo deste mísero doente que se chama Marte, para cuja cura aqui nos encontramos reunidos! Ora não é com bonitos discursos pomposos que se faz o curativo dum tal doente, mas com operações vigorosas e fundamentais que de vez extirpem os cancros que o devoram; e, para fazer a extirpação a valer, é necessário pôr as causas do mal bem a descoberto!

Se o celibato é de consequências nefastas para o homem, não o é menos para a mulher, em razão da sua sensível organização nervosa, apaixonada e amorosa. Como regra geral, o celibato faz perder-lhe a cor rosada, torna-a melancólica, aborrecida, irascível e neurasténica, a mísera e mesquinha endoidecendo, por vezes, e morrendo antes de tempo. Muitas, não tendo contraído o matrimónio por oposição da família ou outras razões, e não podendo lutar contra os estímulos e impulsos sensuais conforme sucede a muitos mancebos, deixam-se arrastar ao nefasto vício da masturbação, ou sozinhas ou de sociedade com as amigas. E as gentis, meigas e nervosas vítimas do flagelante celibato, pretendendo fugir ao seu tirânico despotismo, estonteadas e vertiginosas, precipitam-se sob o domínio de outro déspota mais implacável e causa certa de males ainda mais horríveis!... Só o casamento, só ele, como regra geral, as pode con-

ter à beira do fundo abismo! A sua ardente sensibilidade amorosa e nervosismo sensual, não permitindo modelação nos excessos solitários nem a escolha de horas menos prejudiciais, arrastam as pobres vítimas da péssima organização social, em corrida vertiginosa, e por vezes galopante, para a clorose, a anemia, a paralisia local ou total, para a tuberculose, e por último para a morte com ímpia coorte de torturantes sofrimentos!

Do que fica exposto se conclui que, para conseguir-se que os entes dos dois sexos, assim que atingem a puberdade, possam viver contentes, felizes e gozar uma regular saúde, devem todos contrair o matrimónio. Mas, se assim suceder, como seria possível pôr em prática a minha quarta tese, sem a menor restrição nos casamentos?

Muito simplesmente... Bastava para isso que, na idade mais conveniente, todos os entes do sexo feminino fossem conscienciosamente inspecionados, sendo-lhes esterilizados os ovários quando a sua constituição fosse de inferior qualidade, deixando de ser operados os entes do mesmo sexo com boa constituição, até ser preenchido o número que se julgasse indispensável para a continuação da raça humana com um *quorum* que tivesse sido adotado como o máximo. Ora, a população de Marte, antes da guerra, orçava por quatrocentos milhões, número altamente excessivo. Depois da guerra, devido a esta e devido também à fome, peste e outras doenças, ficou reduzida a população apenas a duzentos milhões. Suponhamos que estes duzentos milhões seja o número que desafogadamente corresponda às posses produtivas do planeta. Suponhamos mais: que o tempo médio da vida humana em Marte regule por cem anos e que a média dos filhos de cada casal seja de quatro. Bastava pois que, em cada ano, houvesse meio milhão de casamentos escolhidos e procriadores para que, no fim de cem anos, o número dos habitantes continuasse a ser de duzentos milhões, pouco mais ou menos, tendo em atenção a que alguns casais pudessem ter mais de quatro filhos e a que destes morresse o número correspondente ao aumento, antes de atingirem os cem anos. Pretendendo-se ao mesmo tempo o cruzamento das duas raças, como é indispensável a fim de haver uma única, é de toda a evidência, em pura equidade, que o milhão de nubentes deve ser constituído por duzentas e cinquenta mil

donzelas de raça branca a casar com duzentos e cinquenta mil mancebos de raça amarela, e outras tantas donzelas desta última raça a casar com outros tantos mancebos de raça branca. E todas as restantes donzelas das duas raças, com os ovários esterilizados, poderiam casar com quem muito bem quisessem. A operação da esterilização, é claro e evidente, deve ser feita com rigor, ciência e consciência, e por modo a ficarem sempre aptas a casar e a ter filhos, em cada ano, duzentas e cinquenta mil donzelas da raça branca e outras tantas da raça amarela, sendo com o maior escrúpulo escolhidas as mais saudáveis, formosas, robustas e bem constituídas entre todas, devendo os maridos ser com o mesmo rigor selecionados».

7. Conclusão do Discurso de Constantínio – «Aprovadas e postas em prática que fossem as quatro teses que tive a honra de apresentar, as condições da vida humana devem melhorar notavelmente. Com a seleção constante dos pais procriadores, a raça única resultante, de ano para ano, se tornará mais saudável e robusta, chegando por último a desconhecer-se a palavra *doença*. Havendo superabundância de alimentos, vestuários e calçados, é de supor que não mais haja o menor pretexto para guerras, revoluções, revoltas, greves e constantes roubalheiras e desordens. Sendo todos os homens entre si iguais (física, moral e intelectualmente), e bem assim todas as mulheres, todos e todas rigorosamente perfeitos e saudáveis, sem aberrações sensuais e nervosismos exaltados, e todos e todas contraindo o matrimónio assim que atingirem a idade da puberdade, é de esperar que de vez termine o estado caótico da presente sociedade irrequieta e decadente. Nunca mais o amor e a sensualidade seriam os causadores incansáveis de doenças, crimes, adultérios, divórcios, etc., etc.; antes pelo contrário constituiriam uma espécie de sublime ambrósia dos deuses imortais e causa deleitosa e permanente de doce ventura e suave afeto de todos os viventes humanos dos dois sexos, sem nunca os cansar e aborrecer, eternamente contentes e firmes aos seus primeiros impulsos amorosos. Em suma, a vida familiar e a vida social em Marte devem melhorar notavelmente a todos os respeitos, deixando a palavra *felicidade* de ser uma mentira e pura ficção.

Mas para que a ambicionada *felicidade*, sempre até hoje arredia, esquii-

va e fugitiva, seja duradoura, estável e completa, sem receio de futuras perturbações e totais eclipses, e para que, paralelamente, se tornem em realidade a valer, tangível e evidente, os preconizados, mas inconsistentes, princípios da *liberdade*, *fraternidade* e *igualdade*, muito, muito mais, há ainda para fazer. Entre várias outras medidas, que seria pleonasmo estar agora a mencionar, lembro as seguintes que, naturalmente e sem esforço, se apresentam à minha ideia, cansada e exausta pelo tão extenso e mal-alinhado discurso com que tenho abusado da vossa atenção e amabilidade.

A primeira deveria consistir em os filhos pertencerem ao pai e à mãe unicamente o tempo que for julgado indispensável para sua amamentação, devendo, no fim desse tempo, seguir para grandes internatos, onde passam a viver em comum por conta da Sociedade até à idade da puberdade. A segunda consistiria em tudo ser do Estado e de todos e nada ser de ninguém, devendo as casas de habitação dos casais estéreis ser iguais entre si e igualmente mobiladas, sendo um pouco maiores e mais bem mobiladas as casas destinadas aos casais procriadores. A terceira poderia constar em as cozinhas e bem assim as refeições serem em comum. A quarta enobrecer-se-ia estatuidando a obrigação de todos trabalharem, desde os vinte anos aos oitenta, pelo menos, um determinado número de horas em função das necessidades gerais, devendo os trabalhos mais rudes e pesados ser executados por todos, com exceção única dos que tenham a seu cargo serviços permanentes inadiáveis, etc., etc.

Eis aqui estão, senhor presidente e senhores congressistas, os tópicos principais e fundamentais, justificativos e explicativos das minhas quatro teses!... Estarei iludido?... Estarei em erro?... Será esta minha aspiração um mero sonho enganador da minha pobre imaginação, da minha tristonha e gemedora alma, soluçando aflita sobre as horripilantes misérias da mesquinha Humanidade?... Só uma rigorosa e conscienciosa experiência poderá dar cabal e completa resposta no futuro. Mas, ilustres senhores, convençam-se de que, se não se conseguir uma paz duradoura em Marte, uma geral e benéfica harmonia, um bem-estar permanente e uma apetecível e completa felicidade com a aprovação das quatro bases fundamentais ou teses que proponho, juntamente com os meios

práticos de execução como os que muito rapidamente alvitro, não será nunca com a opressão e o despotismo, dum lado, e com ódios, rancores, más vontades, greves, revoltas e a torpe mandriice, do outro lado, que esse *desideratum* será obtido. Se aquelas sublimes aspirações se não conseguirem por meio da execução de atos sensatos, conducentes à execução cabal e completa das quatro teses fundamentais que apresento, então, Povos de Marte, perdi de todo a esperança de um dia as conseguirdes; e riscai dos códigos das nações mais liberais as três hipócritas palavras *liberdade*, *fraternidade* e *igualdade*, visto nunca ser possível cumpri-las!

Sim, Povos de Marte, para que os três sublimes princípios fundamentais, que estas três palavras representam, possam ter execução a valer, é indispensável que todos os membros da sociedade sejam entre si iguais, tanto quanto possível, não só fisicamente mas também psíquica, moral e intelectualmente, sendo, por conseguinte, indispensável também que sejam aprovadas e devidamente executadas as quatro teses que proponho!

Como era possível que houvesse plena *liberdade*, existindo espalhada por todo o planeta uma chusma de epiléticos, de doidos maus, de vilões e bandidos, roubando e matando nas encruzilhadas das ruas e estradas e bem assim nas encruzilhadas, mil vezes mais fatídicas, da política vil e torpe que se apoia nas desordens, indisciplina social e permanentes distúrbios, greves, revoltas e morticínios? Para que possa haver uma completa e salutar *liberdade*, condição indispensável de todo o progresso, satisfação e bem-estar individual e social, é necessário que deixem de haver todas as tremendas doenças físicas e morais que transformam o homem, o ser mais sublime da natureza, em um monstro abaixo de todos os outros animais!

Quem há com algum bom senso em todo o planeta Marte que julgue admissível e justo que o homem honrado e prestante, o cidadão patriota e benemérito considere como seu *irmão* e tenha sincero *amor fraterno* ao ambicioso insofrido, ao perturbador social, ao bandido, ao assassino e ao mandrião devasso, brutal e cheio de vícios? Todo o bom patriota, e homem honrado a valer, jamais poderá nem dever ter *amizade fraterna* por quem pense e proceda por modo tão diametralmente oposto ao seu ínfimo, puro e generoso sentir!

Com que justiça poderia exigir-se que o homem ilustrado, inteligente, bondoso e sociável admita, por seu íntimo e voluntário consenso, como seu *igual*, todo e qualquer ente abrutado, indecente, grosseiro, cínico e mau que, pelos seus atos infames, e crimes perversos, esteja abaixo de muitos animais impropriamente classificados de irracionais, embora tenha força e robustez, e seja capaz de desempenhar serviços pesados?... Se é na robustez, força bruta e no desempenho de trabalhos pesados que faz consistir os seus direitos à *igualdade*, então, se a lógica não é uma palavra vã, com o mesmo direito, justiça e equidade, todos os animais fortes e trabalhadores, tais como o elefante, o boi, o cavalo e até o ornejante burro devem ser recebidos no convívio dos homens como seus *iguais* em tudo e por tudo!

Por isso, de novo clamo bem alto e repito que, para que a **Liberdade, Fraternidade e Igualdade** sejam a valer admissíveis e possíveis entre os homens do planeta Marte e, por certo, de todos os outros planetas, é absolutamente indispensável que todos sejam, também a valer e tanto quanto possível, entre si iguais a todos os respeitos, sendo essa igualdade não só relativa à figura, boa saúde e robustez, mas também em relação às altas virtudes cívicas e aos dotes morais e psíquicos relevantes e distintos. E também de novo clamo bem alto e repito, intimamente convencido, que essa indispensável igualdade só pode ser atingida depois de aprovadas e cumpridas com rigor e consciência as quatro teses que submeto à ilustrada sanção deste magno Congresso, em cujas mãos está o destino e o futuro do nosso amado Planeta. Quando isto se dê e, como consequência racional e lógica se dê também a real e ambicionada igualdade, então, e só então, aquelas frementes aspirações sociais poderão constituir-se em factos positivos, consumados e estáveis. Então, e só então, Senhor Presidente, Senhores Congressistas e todos vós, cidadãos de Marte aqui presentes neste majestático Congresso, então, e só então, poderá haver uma eterna harmonia entre os Homens e a tão desejada paz entre os Povos, passando a **Felicidade** em Marte a ser não uma fementida impostura, uma pérfida mentira e a sombra dum fantasma e duma aspiração intangíveis, mas uma realidade efetiva, palpável e sentida, no meio de permanente e deleitoso idílio humano, ou antes divino, de sentimentos elevados e afetuosos!»

XI

Votação das Quatro Teses de Constantínio e Estado Social de Marte na Atualidade

1. Aprovação das Quatro Teses – Cansado, extenuado do seu longo discurso, Constantínio, por entre os aplausos da maioria dos congressistas, foi sentar-se serenamente no seu lugar. A discussão continuou com largueza e, por vezes, com violência; mas Constantínio tinha levado o convencimento à maioria dos congressistas; já não se encontrava só. Com efeito, muitos pediram logo a palavra para defender as ideias que ele tinha apresentado. Ao mesmo tempo, a imensa multidão de povo que se encontrava no templo começava a percebê-las. O éden de paz e de ventura incomensurável a que podiam conduzir os povos de Marte comovia e entusiasmava essa multidão; a notícia espalhou-se fora do templo com retumbantes encómios, sendo apresentadas como certas, certíssimas, as consequências maravilhosas de tão auspicioso sistema. Em suma, a discussão ainda durou três dias; mas, por todo o planeta, o plano do grande reformador havia já sido comunicado com a velocidade do raio por meio da telegrafia sem fios, sendo a sua aprovação considerada como um facto consumado. Assim sucedeu realmente; na final votação, após as discussões, as quatro teses e o plano geral de Constantínio foram aprovados por extraordinária maioria.

2. Transformação Social resultante da aprovação das Quatro Teses – Decorrido um século, as previsões do arrojado reformador foram cumpridas por um modo tão eficaz e completo que o dia da votação das teses passou a ser adotado como início duma nova era com o nome do seu autor. Os Marcianos tiveram sobejas razões para isso, visto as suas benéficas e salutareis previsões darem o resultado que ele esperava. As duas raças, branca e amarela, foram a pouco e pouco substituídas pela raça cruzada, única que passou a existir em Marte ao decorrerem os cem anos previstos. Como era de supor, possuía as qualidades das duas de que derivava, sendo, por conseguinte, superior a qualquer delas. Durante os primeiros séculos, ainda se deu a circunstância de nascerem

crianças tendo apenas uma das cores distinta; mas como já era uma única a raça, combinou-se o preferir a cor branca com cabelos louros. Eis a razão por que é esta a cor universal. Paralelamente, havendo o maior rigor na seleção dos nubentes procriadores e na esterilização dos ovários das donzelas de inferior constituição, a nova raça, de século para século, mais saudável, robusta, formosa e inteligente se foi tornando, até atingir o grau de perfeição física, moral e intelectual, que presentemente possui, a par da relevante sublimidade, da sua espontânea bondade e diligente dedicação afetuosa, não só para com todos os seus semelhantes, mas até mesmo para com os próprios animais domésticos que os servem.

Os armamentos de terra e bem assim os do ar e do mar foram completamente inutilizados para o seu horrível serviço, ou transformados em instrumentos com alguma utilidade social, ficando unicamente nos museus alguns exemplares mais notáveis dos diversos armamentos. Deixou de haver fortalezas, campos entrincheirados, couraçados, submarinos, exércitos, almirantes, generais, oficiais sem conto bamboleando-se nas suas vistosas fardas, marinheiros de guerra, soldados, guardas imperiais, guardas republicanos³⁸, polícias de todos os matizes, ministros, politiquieiros desmoralizadores e desmoralizados, e toda a malta inútil e prejudicial de sanguessugas que outrora exauria e infetava a seiva e sangue vivificante das nações e dos povos, todos andan-

38 Pelo que diz Montgolfier, o célebre Congresso de Baidroma, há uns cem mil anos de Marte, deu resultados bem mais profícuos do que o atual Congresso de Washington, cuja ação benéfica tem sido por enquanto bem pequena. É certo que algumas nações suspenderam a construção de várias unidades navais de combate, licenciando alguns almirantes, generais e oficiais de outros postos; mas não é menos certo que, em muitos outras nações, não foi reduzido de um único centavo a despesa com os organismos militares, continuando, neste planeta Terra, o seu futuro a ostentar-se tenebroso e ameaçador. Por exemplo, na nossa pequena e arruinada república, nem um único dos inúmeros almirantes e generais foram licenciados e nem, ao menos, o foram alguns dos soldados que estiolam pelas casernas, quando tão felizes e úteis podiam ser nos trabalhos dos campos em volta das suas aldeias! Os nossos políticos, ou não estudaram história, ou não a compreenderam. Desde os tempos mais remotos que está provado que a interferência da militância na política é sempre fatal a todas as instituições liberais. A própria República Romana, dominadora absoluta da redondeza da Terra, devido a isso, baqueou também por terra nessas tremendas revoltas e guerras de Mário e Sila, de César e Pompeu e de Octávio e Bruto. Tudo se repete na vida; e a lição serve infelizmente de pouco! [N.T.]

do agora entretidos, voluntária e alegremente, a trabalhar em coisas de vantagem social evidente. Acabaram por completo os passaportes, contribuições, reais de água, impostos gerais e especiais, impostos *ad valorem*³⁹, e quaisquer outras peias às livres transações entre as nações e entre os municípios, desaparecendo a multidão aterradora e desmoralizadora de fiscais de variadíssimas categorias, únicas entidades que interesse hauriam a valer das contraproducentes e onerosas peias com que outrora eram atrofiados o comércio, a indústria, o livre trânsito e, em geral, os progressos e pujantes expansões da liberdade individual.

39 Pelo que se vê, também em Marte existiu a pecha nefasta dos tais impostos *ad valorem* entre os municípios. Como toda a gente sabe, antes da grande revolução francesa, este imposto tinha tomado um desenvolvimento tão asfíxiante do progresso, bem-estar geral e riqueza pública que a sua eliminação constituiu um dos principais artigos dos programas dos comités revolucionários.

Proclamada a República, a abolição de tão prejudicial imposto foi uma das suas mais úteis medidas. Pois bem, ou, antes, pois mal, na nossa República Portuguesa houve ou há legisladores que, apesar de nos diplomas oficiais, a torto e a direito, fazerem escreverem as palavras “liberdade”, “fraternidade” e “igualdade” tiveram a supina ideia de estatuir um tal imposto de concelho para concelho, o que é a negação dos princípios preconizados, sendo, para mais, muitos dos concelhos constituídos por poucas e insignificantes aldeias! Este contraproducente, antiliberal e antidemocrático imposto, entre muitos e variados inconvenientes, tem os seguintes que, muito rapidamente, vamos expor.

Em primeiro lugar, é assunto sabido que, na maioria dos concelhos, as importâncias obtidas pelo imposto ficam, na sua totalidade, nas mãos dos fiscais de diversas categorias, sendo estes que, em grande ruído as defendem, a toda a gente restando a persuasão de que tais impostos foram criados unicamente para proveito deles.

Em segundo lugar, quando em qualquer concelho é dificultada por meio do imposto a saída dos produtos de uma indústria, esta, desde logo, fraqueja, define, e por vezes morre, com grave prejuízo da indústria e principalmente do próprio concelho e concelhos limítrofes. O prejuízo para estes últimos concelhos é evidente, mas o daquele não é menor, pois desde o momento em que é dificultada a exportação, por esse facto fica também prejudicada a importação dos géneros que todos os concelhos necessitam adquirir em maior ou menor quantidade, sendo grave o prejuízo geral.

Em terceiro lugar, se forem também lançados impostos sobre os géneros importados, como se fez em alguns concelhos, mesmo sobre géneros alimentícios de primeira necessidade, estando neste número o concelho de Cascais, então o atrabiliário imposto ainda se torna mais gravoso e absurdo, por ir aumentar a miséria e a fome que, em maior ou menor intensidade, por toda a parte lavram. Mas, como os munícipes é que elegeram os legisladores e os senados municipais, para serem coerentes, devem bater as palmas de contentamento por tão subidas provas de patriotismo, moralidade e alta capacidade administrativa dos seus eleitos. [N.T.]

Fez-se guerra tenaz e persistente a toda a espécie de doenças endêmicas e epidêmicas, incluindo a do atormentador celibato, tornando-se de uso geral as medidas do mais rigoroso asseio, higiene e sobriedade em tudo. Evitou-se o traiçoeiro ataque dos insetos e bacilos infecciosos, conseguindo-se, por fim, que a palavra *doença* desaparecesse do vocabulário e com ela a numerosíssima plêiade de médicos, cirurgiões, enfermeiros, farmacêuticos, dentistas, cruz vermelha, cruz branca, hospitais, hospícios, internatos⁴⁰ para mulheres doidas e desequilibradas, etc.. Paralelamente, desapareceu por completo a contagiosa e repelente doença do crime, nunca mais se praticando um único roubo, um único homicídio, nem mesmo se dando qualquer desordem ou desaguado entre os membros da raça humana, sendo arrasadas as cadeias, tribunais, penitenciárias, presídios, hospitais, etc., ou transformados em internatos de crianças, museus, cozinhas públicas, etc. Não mais houve pleitos e questões judiciais, desaparecendo por completo a classe dos juizes, delegados, advogados, doutores, procuradores, oficiais de diligências, fiscais, etc., que antigamente abundavam como mosquitos, resultando do seu desaparecimento um grande alívio para a sociedade. Deixou de haver empregados pagos nos correios, telégrafos, telefones, caminhos-de-ferro, etc., pela razão de todos os serviços públicos serem gratuitos, o que para sempre evitou a peste das greves endêmicas e deu lugar a que os serviços passassem a ser feitos a primor, visto a prática ter mostrado que eram tanto mais mal feitos quanto mais bem pagos. Finalmente, deixou de haver a interminável classe dos funcionários públicos, pela simples razão de todos os serviços públicos

40 Como se vê, o estado mental de muitas mulheres, em Marte, deixava muito a desejar, antes da grande revolução social. É o que atualmente se dá na Terra, e especialmente em Portugal. Além de número incalculável de epiléticas que são tratadas em casa da família, os internatos, como o do Idanha e Conde de Ferreira, estão abarrotados, apesar do serviço estar longe de ser o que devia ser. Em lugar de castigarem asperamente as doentes e de lhes tornar aborrecido o tempo que passam nos internatos, deviam distraí-las e encaminhá-las carinhosamente. Em todos devia haver um grande salão com um ou mais pianos, onde as próprias doentes fizessem concertos de música e canto. A música, o canto e o bom tratamento têm melhor influência do que os castigos. [N.T.]

passarem a estar a cargo voluntário de todos os cidadãos e cidadãs⁴¹, etc..

Também deixou de haver imperadores, reis e presidentes de república, pelo facto do célebre Congresso de há cem mil anos de Marte ter tido melindre de se pronunciar a respeito da escolha, dando como razão o ser quase igual o número de partidários de uns e outros. Essa medida, devida a um mero acaso, foi uma das mais úteis. O planeta Marte passou a ser administrado pelo Congresso sob um ponto de vista geral, sendo mudada a sua sede de Baidroma para Romância, ficando a administração local a cargo dos municípios. Por isso, todas as forças e energias que, até à data do memorável Congresso, se esgotavam a entre si se guerrearrem e inutilizarem, desmoralizando e pervertendo tudo e todos, passaram a ser aplicadas em serviços públicos úteis, em que gratuitamente os antigos imperadores, reis e presidentes de república trabalharam ao lado dos antigos amanuenses e moços de fretes. Construíram-se novas cidades nos locais mais higiénicos e apropriados, para descongestionar as antigas, excessivamente grandes, ficando estabelecido que o número máximo de habitantes, em cada cidade, seria de seiscentos e quarenta mil dos dois sexos. Em todas as cidades, vilas e aldeias construíram-se cozinhas públicas que podiam fornecer comida até dezasseis mil pessoas. Também se construíram grandiosos internatos para crianças, todos com duas partes distintas, uma para crianças do sexo masculino e outra para crianças do sexo feminino, e por modo que o serviço podia ser feito pelos maridos e esposas. Junto aos internatos há escolas em que se aprende instrução primária, matemática, história, geografia, artes e ofícios, não esquecendo a pintura, música, canto, etc. Abriam-se estradas por toda a parte, próprias para peões, carros e automóveis; montaram-se linhas férreas para tração elétrica, aproveitando as que já havia para vapor, subordinando a sua diretriz ao serviço das povoações e campos de cultura. Estabeleceram-se carreiras regulares de transportes por

41 Só são dispensadas as marcianas selecionadas para terem filhos. As outras, as não procriadoras, auxiliam todos os serviços públicos, mas sempre ao lado dos maridos, mesmo nos serviços de navegação, nos de pesca, nos dos comboios e, em suma, em todos e quaisquer serviços públicos. Nunca mais o amor foi contrariado nos seus direitos e gozos, estando as esposas sempre ao lado dos maridos. [N.A.]

terra, pelo mar e pelo ar. Fizeram-se diques ou barragens em todos os rios e ribeiras com sensível declive, a fim de segurar as terras aluviais e fazer trabalhar um número quase infinito de turbinas para a geração da eletricidade. Com esta se consegue a iluminação das povoações e dos estabelecimentos públicos e casas, o aquecimento das cozinhas, internatos, escolas, casas e banhos públicos e particulares, movimento dos comboios, fábricas, oficinas e lavandarias públicas, e até a laboração dos serviços agrícolas que outrora eram unicamente feitos pelos elefantes e bois. Profundaram-se e retificaram-se os antigos canais, e abriram-se novos, sendo totalmente esgotados, ou feitos comunicar com os canais, os pântanos que ainda havia. Completaram-se as maravilhosas redes de canalizações em ferro e em pedra com destino ao abastecimento de água potável das cidades, vilas e aldeias e à irrigação das hortas, jardins, pomares, arrozais e campinas. Etc., etc., etc..

E todos os importantes serviços mencionados e outros mais que omito, sendo executados com o auxílio de todos os Marcianos e esposas, sem exceção dos congressistas e dos senadores municipais que, quando há urgência, também neles trabalham, pelo menos, a metade do tempo que lhes é destinado e que pode ir até dez horas por dia e mais, todos são feitos com prazer e, sem esforço, pois que os trabalhos pesados e aborrecidos são desempenhados pelos maquinismos elétricos e bem assim pelos inteligentes elefantes, pacíficos bois e garbosos cavalos. Com o auxílio espontâneo de todos e uma muito sensata e metódica distribuição e execução dos diversos serviços, a alimentação pública, de dia para dia, tornou-se mais abundante e de melhor qualidade; mas, apesar disso, ou talvez por isso mesmo, a gula, antigamente preponderante, é atualmente desconhecida, concorrendo um pouco, para uma tal mudança, o ser toda a alimentação muito simples, higiénica e racional. As hortaliças, legumes e cereais, em grande abundância e de ótima qualidade, juntamente com as frutas em quantidade prodigiosa e grande variedade, como são colhidas, ou depois de secas, ou conservadas em caldas açucaradas, e bem assim o precioso e abundante mel, ovos e leite, constituem a base principal e fundamental da alimentação. Os peixes dos mares e canais,

em incalculável abundância e de excelente qualidade, entram também regularmente nas refeições. A carne de animais domésticos é pouco empregada, apenas se comendo alguma dos suínos, caprinos, lanígeros, galináceos e da caça no tempo próprio. A princípio, causava-me estranheza o modo tranquilo e quase indiferente como Marcianos e Marcianas comem as mais saborosas iguarias, e que contrasta com o tempo que despendem a mastigar e a insalivar bem aquelas, parecendo, não animais comendo com apetite, mas químicos preparando reagentes para deitarem no cadinho do estômago. Mais tarde, ao ver que tinham um finíssimo paladar, é que concluí que procediam assim por higiene e para completa utilidade da alimentação.⁴²

3. A Suprema Perfeição Humana – Pelo facto de, para os casamentos procriadores, serem selecionadas as donzelas mais robustas, saudáveis, formosas, gentis e perfeitas a todos os respeitos, sendo-lhes dados esposos em idênticas circunstâncias, daqui tem resultado que, no presente momento, não há uma única donzela, nem um único mancebo, que não seja de uma figura estatuária e de uma saúde e beleza surpreendentes. Por isso, as regras adotadas para a seleção tornaram-se, na prática, de muito difícil aplicação, apesar desta sua notável clareza e precisão. Em virtude desta perfeição geral, já se tem pensado em deixar de fazer a seleção dos nubentes procriadores e a esterilização das virgens menos perfeitas, e em permitir o casamento a todas sem esta prévia operação, que seria feita, no entanto, em seguida ao terceiro ou quarto filho. Atualmente já se faz isso às esposas procriadoras, visto que, em razão da sua magnífica organização, todas são competentes para terem mais

42 Na Terra, em geral, e em Portugal, em especial, procede-se por forma bem diversa. A maior parte das pessoas come por guloseima e com patente sofreguidão, tendo apenas em mira satisfazer o apetite e não a higiene e conservação da vida. Por isso, é usual comerem a correr, talvez com medo de que a comida lhes fuja de diante, engolindo grandes bocados de carne e pão sem os triturar nem insalivar, mesmo que possuam boa dentadura. E é curioso que são as meninas e damas com pretensões a educadas, e que passam a vida a trabalhar o menos que podem, que mais se salientam na guloseima e sofreguidão e em engolir grandes bocados de alimentos sem os mastigar e insalivar! [N.T.]

de dez filhos. Com isto conseguiu-se obstar a que o número de viventes da raça humana passasse a mais de duzentos milhões, e a que umas esposas fossem sacrificadas a ter muitos filhos, enquanto outras, gozando os prazeres e a higiene do casamento, eram dispensadas das dores e dos incómodos de os ter. Falo apenas das dores e incómodos e não dos perigos do parto, que por isso uns tais perigos quase não existem em organizações selecionadas e perfeitas como são estas.

A perfeição física tem sido paralelamente acompanhada da perfeição moral e intelectual. Um constante bom humor, uma aprazível disposição afetuosa, um carinho e bondade permanentes são predicados dos povos de Marte, a par de subida inteligência e memória extraordinária. Homens e mulheres têm facilidade admirável no estudo das artes e ciências; mas na música e no canto é que sobrelevam a tudo o que pode ser fantasiado. Para a facilidade e perfeição no canto, concorre fundamentalmente a voz que, em todos os habitantes de Marte, é duma sonoridade, amplitude, maleabilidade, melodia e brilho inexecíveis, podendo atingir a voz dos Marcianos, sem o menor esforço, um nítido dó do peito dos tenores da Terra e descer às mais baixas, volumosas e profundas notas das vozes dos mais célebres cantores baixos, e a das Marcianas voar por cima das mais agudas notas dos sopranos dramáticos, célebres na Terra, e descer às mais opulentas notas baixas das contraltos. Os solos, os duetos, tercetos, quartetos e coros gerais, que a cada momento nos deleitam os ouvidos, são por tal modo esplendorosos que não tenho palavras com que os possa descrever. Quando, de tarde, antes ou depois do pôr-do-sol, numerosos grupos regressam a pé dos trabalhos dos campos, nos dias de serviço, ou dos passeios, nos dias de descanso, entoam sempre melodiosos cânticos, hinos clássicos notáveis e baladas célebres, cujas ondas sonoras se espriam ao longe pelo espaço, enlevando-nos a alma. Não se pode fazer ideia do doce e sublime encanto que sinto, ao ouvir, ainda muito ao longe, esses sons harmoniosos e divinos, e que, a pouco e pouco, se avolumam e crescem como uma vaga imensa de poesia, amor, paz e felicidade que tudo invade e inunda!

Sendo os habitantes de Marte, física, moral e intelectualmente perfeitos e iguais entre si, recebendo a educação nos internatos, onde desaparecem os parentescos familiares, que são substituídos pelos sociais, aprendendo todos, todos sem exceção, a ler, escrever, contar, tocar um ou mais instrumentos musicais e cantar, aprendendo ao mesmo tempo um curso científico qualquer, não possuindo em próprio coisa alguma, mas possuindo tudo o que necessitam, daqui resulta que em Marte são desconhecidos os chamados pecados mortais da Terra. Não há a soberba, nem a inveja, nem a ira, pois que, sendo física, moral e intelectualmente iguais, parecendo irmãos gémeos ou o mesmo indivíduo multiplicado, estas pecaminosas manifestações contra qualquer outro é o mesmo que se fossem dirigidas contra si próprios. Não há a avareza, visto nada em especial lhes poder pertencer. Não há a luxúria nem a gula, em razão da sua boa organização e da sensata educação que receberam nos intelectos. Não há a preguiça, pelo motivo de que, pela sua magnífica saúde, prodigiosa robustez e lúcida inteligência, não lhes custa trabalhar, no trabalho encontrando a melhor e mais salutar distração.

Pelas mesmas razões que não estão sujeitos à nefasta influência dos pecados mortais, são iluminados pelas virtudes diametralmente opostas. Por conseguinte, são sinceros, leais, amáveis, generosos, tolerantes, afetuosos e dedicados aos seus semelhantes, até ao próprio sacrifício.

O seu trato afetuoso para com os seus iguais, estende-se naturalmente a todos os animais que os servem, e estes, de longa data habituados a serem tratados com método e carinho pelos que deles cuidam, são de uma inteligência, doçura e mesmo dedicação admiráveis. Para se poder fazer uma ligeira ideia, vou contar o seguinte facto que presenciei.

Competia-nos, a mim e a um amigo, o ir dirigir a lavoura de um terreno próximo de Sarima, devendo-nos acompanhar o elefante que é tratado pelo meu amigo. Este, fazendo festas na cabeça do elefante, disse-lhe: «– Suintílio, vamos lavar!»

O animal, depois de pensar um momento, foi ao pátio, pôs dentro dum carro o arado de ferro e mais apetrechos indispensáveis, arrastou o carro para a rua com a tromba e meteu-se dentro dos varais, à espera

de que o meu amigo lhe amarrasse as correias. Em seguida, dirigiu-se atrás de nós até ao terreno que devíamos lavar. Chegados que fomos a este, o meu companheiro, seguido do elefante, foi meter quatro estacas nos vértices do terreno, que era quadrangular, trouxe o animal para um dos vértices, amarrou-o nos varais do arado e, fazendo-lhe festas com a mão, disse-lhe: «– Lavra, Suintílio!». Nós fomos sentar à sombra duma frondosa árvore, e o meu amigo Suintílio, com um zelo e perfeição admiráveis e sem necessitar que o dirigissem, no fim de pouco tempo tinha todo o terreno lavrado!

Casos como este, e mesmo mais notáveis, dão-se a cada passo com os elefantes, e igualmente com os cavalos, bois, cães e os próprios burros!

O único contra que, a princípio, eu notava nesta perfeição e semelhança universal de Marcianos e Marcianas, apesar das suas belas figuras estatuárias e dos sublimes dotes morais e intelectuais que os ornaram, é o da monotonia, homens e mulheres, conforme já disse, causando a quem os vê, a impressão de serem todos irmãos gémeos. Esta condição, porém, é, foi e será sempre indispensável, tendo um tal acerto já cabalmente sido demonstrado por Constantínio, há cem mil anos de Marte, para que a liberdade, fraternidade e igualdade possam dar-se a valer e por modo estável e perdurável.

Mas não é só isso. Depois de estar acostumado a ver estas figuras estatuárias, deslumbrantes de encantos mil e de celestial expressão, só ouvindo palavras afetuosas de bondoso e sincero amor fraterno, sem um único gesto menos digno ou uma palavra de enfado e má vontade, eu cairia fulminado de aborrecimento e horror, se me visse de novo na Terra. Além de tudo o mais, aqui, em Marte, a semelhança das pessoas na sua atraente figura e no seu trato amável e bondoso dá lugar a que, vá para onde for, tenho a impressão e doce sensação de que estou sempre no meio dos meus amigos, tão semelhantes são todos na sua atraente figura e no seu primoroso trato. A influência principal, porém, desta perfeição moral e física de todos os entes humanos, e da sua semelhança, está em que o adultério e o divórcio são de todo desconhecidos, embora este último seja permitido em toda e qualquer ocasião. Divorciar para quê, se

o meu esposo, ou a minha esposa, é igual a todos os outros esposos, ou a todas as outras esposas? Ainda avulta uma outra razão importante. A ninfomania, o histerismo, a neurastenia, o nervosismo amoroso, e bem assim todas as outras doenças, que tornavam os homens de uma sensualidade exaltada e as mulheres lascivas e irrequietas, são atualmente de todo desconhecidas em Marte, ocorrendo as relações conjugais com toda a castidade, higiénica moderação, natural pudor e subida poesia, sempre agradáveis e ternamente apetecíveis.

Como era de prever, o horrível e torturante ciúme, que, qual fúria desgredada, tudo põe em confusão na Terra, esse monstro abominável é completamente desconhecido em Marte. Dizendo eu, num grupo de Marcianos e Marcianas, que na Terra o ciúme tinha uma ferocidade e virulência insuportável, todos e todas foram de opinião de que um tal sentimento é a revelação do mais desapiedado egoísmo e falta completa de desinteressada amizade, pois que, se a amizade sobrelevasse ao egoísmo, em lugar de se atacar cruelmente qualquer impulso amoroso anormal, devia-se, pelo menos, fechar os olhos. Com este modo de pensar, com franqueza o digo, não posso concordar; mas, pelo menos, as Marcianas justificam com factos a sua coerência, conforme rapidamente vamos ver.

Analogamente ao que se dá na Terra, sucede, em todas as regiões de Marte, que o número de entes de sexo feminino é maior do que o do sexo masculino. Desta desigualdade resulta que um certo número⁴³ de donzelas tinham [*sic*] de ficar solteiras e sujeitas por conseguinte aos graves inconvenientes, aborrecimentos e perigos do desapiedado celibato. Porém, desde tempos imemoriais, as donzelas, seleccionadas para casarem e terem filhos, por compaixão, solidariedade e fraternidade para com as suas companheiras que tiveram a má sorte de não lhes caber um marido, impulsionadas unicamente do seu generoso *motu proprio*, resolveram propor ao Congresso para conseguir tomar para sua companhia as donzelas celibatárias, a fim de poderem compartilhar o tálamo nupcial. O Congresso teve, a princípio, dúvidas em aceder; mas – considerando

⁴³ Este número nunca chegou a vinte por cento, descendo, por vezes, a menos de dez por cento. [N.A.]

que eram as próprias noivas que faziam o pedido e que a satisfação deste tinha grande vantagem para o serviço dos partos e cuidados com as crianças ao nascerem, e depois, atendendo a que era este o único meio de livrar as infelizes celibatárias duma situação humilhante, tormentosa e prejudicial à sua saúde, e que contrastava com o bem-estar e a felicidade gerais, e, finalmente, tendo em consideração que muitas dessas celibatárias ou dariam cabo da saúde com a masturbação ou se entregariam à concubinação – resolveu dar o seu consentimento⁴⁴ e *veredictum*. Pois bem, desde esses tempos imemoriais em que esta voluntária, generosa e útil bigamia foi estabelecida, não há memória de que alguma das noivas legais se arrependesse, e desse o menor sinal ou indício de ser atacada pelo torturante ciúme! Se outras muitas provas distintas não houvesse da generosidade, grandeza de alma e superioridade de carácter das marcianas, esta bastava para as exaltar e enobrecer.

4. Propaganda Racional dos bons Princípios da Moral Social – No centro de todas as cidades com mais de trinta e dois mil habitantes, há um vasto monumento com a forma dos grandes templos da Terra, cujas paredes e tetos são interiormente cobertos de magníficas pinturas dos grandes mestres, quase todas referentes a notáveis factos históricos desde os tempos mais antigos, algumas representando grandiosos panoramas naturais, etc.. Na parte central deste monumento, está montado um colossal gramofone automático, movido pela electricidade, cujo reportório nas grandes cidades vai até três mil e duzentas peças de canto e música diferentes. Durante o dia, o monumento está sempre patente ao público, mas de noite permanece fechado, com exceção única da que precede o dia de descanso⁴⁵. Logo que a pálida noite estende por sobre Marte o seu

44 Embora a solução do Congresso revele espírito tolerante, conciliador e filosófico, sendo muitíssimo superior à adotada por algumas famílias e povos da Índia e outros países, não faltarão na Terra *moralistas* do sexo feminino, mas depois de casadas [*sic*], que asperamente as critiquem e condenem! [N.T.]

45 Nesta noite, todos os teatros, circo, e animatógrafos estão fechados, não se tocando nem cantando, mesmo nos casos particulares. Um majestoso silêncio, respeitador e profundo, paira por sobre todas as cidades, nesta noite de sã propaganda moral. [N.A.]

denso véu, e que as rutilantes estrelas começam a cintilar pelo espaço infinito, o gramofone, cuja enormíssima boca se ostenta numa descomunal janela circular que há na frente do monumento, entoando vários cânticos clássicos e músicas célebres, conservados através de milhares e milhares de anos, sendo o reportório mudado todos os oito dias. Ao terminarem os cânticos e músicas, reboam, por sobre as abóbadas do templo e através de toda a extensão da cidade, em frases sonoras, nítidas e perceptíveis, expelidas da gigantesca garganta do gramofone, quais ondas de sons divinos ou luz irradiante, os preceitos morais⁴⁶ que devem seguir os marciais, e que com efeito seguem e cumprem a valer. Os preceitos principais são os seguintes: *Trabalhai, Marcianos!... O trabalho é o melhor, o mais útil, benéfico e sagrado de todos os prazeres, e sobre eles todos tem a indiscutível vantagem de, ao terminar, nos encher de grande satisfação, o que não sucede com os outros prazeres... Não façais aos vossos semelhantes o que não desejais que eles vos façam; mas fazei-lhes o que gostaríeis que eles vos fizessem!... Amai o próximo como a vós mesmos!... Evitai a soberba, a avareza, a luxúria, o ódio, a ira, a gula, a inveja e a preguiça!... Cumpri todas as salutares regras da boa higiene!... A saúde é um bem inigualável que deve ser defendido para benefício próprio e da Sociedade!... Para a vida ser útil, longa e agradável, deve haver mens sana in corpore sano⁴⁷... Com o estômago cheio, o amor é prosaico e o ato sexual é a morte! A infeção da alma e do corpo pervertem e matam: a primeira vem pelos sentidos, a segunda vem principalmente pela boca! Etc., etc.*

Muitas outras máximas e preceitos úteis e relevantes fazem reboar os gramofones, em palavras sonoras e perceptíveis por sobre as cidades, qual manto protetor de luz e amor divinos, os quais com convicção e reverência são religiosamente acatados. No que anteriormente fica escrito em diferentes páginas deste livro, bem claramente se revela esse acatamento; mas ainda relatarei alguns factos comprovativos.

46 Todas estas máximas e preceitos encontram-se nos livros que são distribuídos aos nubentes no ato matrimonial. [N.A.]

47 Os termos são outros, mas a ideia é a mesma. Por isso é que, para melhor percepção na Terra, os substituo pela máximo latina de Juvenal nas suas *Sátiras*. [N.A.]

Se fora de casa sucede algum contratempo ou fracasso sério seja a quem for e mesmo que seja qualquer estrangeiro desconhecido, todos, todos sem exceção, os que assistem ou têm dele conhecimento, acorrem logo pressurosos em auxílio da vítima do fracasso com tanto zelo e carinho que só quem assiste a estes espontâneos atos de real fraternidade, pode fazer ideia da sua humana sublimidade. Em todas as povoações, mesmo das mais pequenas, há sempre algumas casas mobiladas e prontas para receber qualquer estrangeiro que queira pernoitar. E nas mesas públicas, além dos comensais habituais, recebe-se com solicitude e natural carinho, seja quem for que venha de novo.

Apesar das casas de habitação não terem chave, e ficarem portanto abertas quando os moradores saem para o trabalho durante o dia e vão passar a noite fora de casa, ou quando, no dia do descanso, passam este e parte da noite pelo campo, não há memória de ter delas sido roubado⁴⁸ o mais pequeno objeto e nem mesmo de nelas ter entrado qualquer pessoa estranha por mera curiosidade.

É certo que todos os moradores possuem casas iguais, ou quase, igualmente mobiladas e, por conseguinte, não tinham a menor vantagem em roubar o seu semelhante, para mais podendo, em qualquer ocasião, requisitar, nos armazéns públicos, o mobiliário ou vestuário de que necessitem. Mas, ainda que se não desse a mais completa igualdade em tudo o que possuem, são todos por tal modo leais uns para com os outros, e tão dedicados e respeitadores, que tenho a convicção de que nunca praticariam o crime

48 A quem fizer a leitura desta singela descrição de Montgolfier não é para admirar que lhe venha à ideia a tentação frenética de fugir da Terra e ir viver para Marte. Com efeito, que doce e benéfica consolação deve causar o viver num meio social em que de antemão sabemos que não há um único ladrão e patife!... E, por outro lado, que desgosto e repugnância deve haver em esgotar a vida no meio de larápios de todas as classes e feitios! No conhecido livro intitulado *Arte de Furtar*, pelo célebre e erudito Padre António Vieira, o qual foi publicado em 1829, são citados casos vários de roubos, feitos com unhas de algumas cinquenta espécies diferentes. Se o facundo padre e notável escritor vivesse agora, em lugar de referir casos de roubos com cinquenta espécies de unhas, é muito de supor que fossem até mais de cem. Só os roubos com unhas políticas davam vastíssimo e assombroso assunto que, nas mãos do famoso pregador e vigoroso moralista, se prestava à referência autêntica de variadíssimos e estupendos roubos com dúzias e dúzias de aguçadas unhas daquela espécie! [N.T.]

de roubar o seu semelhante, ou de entrar mesmo em sua casa sem sua licença e por mera curiosidade. Entretanto, não há a menor dúvida de que a igualdade, em tudo e por tudo, evita a maléfica influência da torturante inveja e obsta à deprimente tentação de prejudicar e roubar o seu semelhante.

Em qualquer comboio ou em qualquer outro lugar em que se encontrem sentados cidadãos marcianos, ao verem chegar alguma Marciana ou algum Marciano idoso, não havendo lugar livre para se sentarem, logo, muito atenciosos, se levantam, oferecendo o seu lugar e teimando para que o aceitem⁴⁹. Nos comboios e mais veículos de passageiros, nenhum destes abre ou fecha uma janela sem primeiro ter a atenção de consultar as pessoas próximas⁵⁰. São todos entre si duma solicitude, amabilidade e dedicação sincera tão espontâneas que, se parecem irmãos gémeos pela sua estatuária e cativante figura, ainda mais parecidos o são na gentileza do atencioso e fraternal trato. Mas, de tudo, de tudo, o que mais me encanta é o carinho e meiguice com que todos, homens e mulheres, acolhem e festejam as criancinhas dos internatos, quando as encontram nos passeios ao campo nos dias de descanso, ou em qualquer outro local e ocasião. As crianças, ao irem para o internato, perderam um pai e uma mãe, mas ficaram tendo milhões de pais e mães. E os interessantes anjinhos, desde os mais tenros anos, são por tal modo atenciosos, cativantes e respeitadores para com todas as pessoas de idade que encontram que, ao chegar da Terra, onde as crianças são, no geral, de uma petulância e má educação insuportáveis, tive a impressão de que as crianças de Marte eram, com efeito, filhos queridos e extremosos da sociedade. Se o trato geral me encantava e

49 No nosso planeta ainda há uma ou outra pessoa que assim proceda, mas há mais quem proceda de modo contrário. [N.T.]

50 Esta atenção é muito rara na Terra, especialmente em Portugal. Na linha de Cascais, por exemplo, poucas são as pessoas, mormente nas carruagens de primeira classe, que a tenham, salientando-se a este respeito as meninas e damas e bem assim as pessoas da colónia inglesa que frequentam esta linha. Há cavalheiros, com pretensões talvez a pertencer à sociedade fina, que vêm cedo para as carruagens, a fim de ocuparem os lugares da frente e a barlavento e abrirem logo a janela próxima, sabendo de antemão que o vento, com o comboio em marcha, os não incomodará, mas há de incomodar os vizinhos! Muito tinham a aprender estes fidalgos de pacotilha com os modestos, presentes e bondosos marcianos! [N.T.]

encanta, o mimo e carinho do trato entre as crianças e pessoas adultas causa-me comoção e entusiasmo, sensibilizando-me por modo inexprimível.

Para se fazer uma leve ideia do modo como são cumpridos os preceitos higiénicos, vou relatar alguns factos que se dão no trato social e que, a princípio, com franqueza o digo, me causaram bastante estranheza. Ninguém aperta a mão do seu semelhante, como cumprimento. Marcianos e Marcianas, se têm chapéu na cabeça, cumprimentam-se tirando este; se não têm, curvam-se, graciosamente, pondo a mão direita sobre o lado esquerdo do peito. As damas nunca se beijam, quando se encontram, abraçando-se apenas; nem é permitido às crianças o dar e receber beijos, seja de quem for. A boca humana, por onde as infeções dirigem os seus principais ataques, é rigorosa e religiosamente defendida, ninguém mettendo, na boca, os dedos ou qualquer objeto não desinfetado⁵¹. Etc., etc..

5. Instrução, Edifícios, Obras de Arte, Indústrias e Serviços Públicos – Nas escolas dos internatos, como disse, além de instrução primária, aprende-se matemática, história, geografia, artes e ofícios, não esquecendo a pintura, música, canto, etc., e luzes gerais de todas as outras ciências e artes. Para que o ensino seja praticamente útil, os professores com os seus discípulos vão visitar as diferentes fábricas, oficinas, observatórios, museus, cozinhas, etc., onde, a valer, praticam em tudo. Nas universidades, aprende-se astronomia, navegação, engenharia, etc., havendo cadeiras especiais para o desenvolvimento de tudo o que se aprende nos internatos. Todos os mancebos e donzelas aprendem e sabem o que se ensina nas escolas dos internatos. Os cursos desenvolvidos e especiais das universidades são unicamente seguidos pelos alunos e

⁵¹ Na Terra, e com especialidade em Portugal, há quem faça o contrário. Já temos visto, nos elétricos em Lisboa, damas galantes enluvadadas, depois de pagarem ao condutor em notas imundas, meterem os dedos na boca, ou com eles roçarem por esta! O maléfico, sujo e infecto costume de meter os dedos na boca é infelizmente usual por parte de muitas meninas e damas, quase sempre com pretensões a educadas e mesmo a ilustradas! Até as há que beijam o focinho dos cães e dos gatos!... Que nojo e que horror!... Que contraste com o que se passa em Marte!... Que desolador é, para os habitantes da Terra, este e tantos outros contrastes tão deprimentes! [N.T.]

alunas que melhor se distinguiram nas escolas dos mesmos internatos.

Os edifícios públicos são, no geral, monumentosos e artísticos, possuindo entretanto a máxima comodidade para a execução dos serviços para que são destinados a par da imponente majestade e aprazível elegância. Um grande número de grandiosas colunas de variadíssimos estilos e bem assim belas estátuas de pedra e bronze e magníficas pinturas dão-lhes notável relevo e animação. Mas a comodidade para o fim para que são destinados esses edifícios é que sobreleva a tudo o mais. Não enchei papel a descrever esses monumentos e obras de arte, e apenas direi duas palavras a respeito das imensas pontes sobre os larguíssimos canais, por ter sentido por elas, a princípio, uma extraordinária admiração.

Como mais tarde verifiquei, a minha admiração pelas pontes foi um pouco exagerada, visto serem todas de alumínio e este, que mesmo na Terra é muito leve, ter em Marte pouco mais da terça parte do peso que tem na Terra. Por isso, o serviço dirigido pelos Marcianos, todos fortes, inteligentes e robustos, não foi muito difícil. Para mais, os canais em toda a sua enorme largura são pouco fundos e, como a variação do seu nível é pequena com as estações e com as marés solares, os estrados ou tabuleiros das pontes são pouco elevados acima daquele. Entretanto, como é grande a navegação em todos os canais, especialmente em barcos de vela, quando [estes] são muito largos, as pontes são mais elevadas nas duas extremidades, e o bastante para que os barcos de vela possam comodamente passar por baixo; se os canais são estreitos, então as pontes têm apenas maior elevação na parte central. Em todas as pontes, ao lado dos rails para o trânsito dos comboios elétricos, há um largo estrado ou pavimento, feito duma massa duradoura, rija e ao mesmo tempo elástica, por sobre o qual transitam peões e quaisquer veículos.

Os serviços nas fábricas e oficinas consistem apenas em fiscalizar, sendo uma interessante distração que só causa prazer, e isto quer o material seja pedra, madeira, alumínio, ferro, ou outro qualquer, pela razão de tudo ser movido pela eletricidade, e os maquinismos serem duma perfeição e segurança inigualáveis. Por exemplo, os vestuários dos homens, mulheres e crianças e mais rouparia, feitos das fibras e algodão das

plantas e dos cabelos e pelos dos animais domésticos, e bem assim o calçado, feito duma massa pastosa leve, muito resistente e elástica, sai tudo pronto a servir das fábricas, constando o principal trabalho dos dirigentes em verificar que a execução é perfeita.

Enquanto aos serviços de limpeza das vilas e cidades e ao amanho das terras, entre todos os serviços, os mais sujos, incómodos e aborrecidos, esses mesmos são feitos de modo que o trabalho e aborrecimento são quase nulos. Posto que o assunto não seja dos mais aromáticos e aprazíveis, contudo, para mostrar a simplicidade e perfeição com que são executados, não resisto ao dever de fazer deles uma rápida descrição.

As magníficas canalizações de despejo das vilas e cidades são, de trinta e dois em trinta e dois dias, lavadas por uma torrente forte de água que durante uns minutos as percorre. Todas as canalizações vão convergir a um ou muitos depósitos de cimento, conforme a grandeza das povoações, demorando aqueles em locais de nível inferior ao das cidades e a uma distância conveniente sob o ponto de vista da salubridade. Ao cimo de cada um dos depósitos, há um crivo de alumínio onde ficam os detritos sólidos, o qual, assim que atinge um determinado peso, automaticamente descreve uma meia rotação vertical, despejando o que tem dentro em um largo vagão que se encontra junto ao depósito, regressando à primitiva posição.

Enquanto o crivo não retoma essa sua posição primitiva, o cano de despejo permanece fechado, também automaticamente, abrindo em seguida. Umas possantes bombas aspirantes-prementes levantam o líquido e, por largos canos de alumínio, fazem-no seguir para outros grandes depósitos, também feitos de alumínio e com a forma cilíndrica, que assentam em suportes de alvenaria com a conveniente altura, e que se encontram distribuídos pelas vastas campinas que são agricultadas.

Na parte central destes últimos depósitos, eleva-se um largo tubo vertical, aberto inferiormente, e que se curva por cima da borda em forma de sifão e por modo que o ramo exterior deste desça verticalmente junto à face exterior do respetivo depósito, prolongando-se até à base do suporte, onde liga com um compridíssimo cano, igualmente de alumínio, que se estende horizontalmente por cima das terras, apoiado sobre

um número conveniente de rodas girantes. Com a disposição que tem o sifão, o cano horizontal pode descrever um círculo em volta do depósito e passar, por conseguinte, por sobre todo o terreno que circunda este. Ora, na face longitudinal do tubo, oposta ao sentido do movimento, há um número conveniente de orifícios por onde sai o líquido contido no depósito logo que se abre a torneira que se encontra na parte interior do ramo exterior do sifão, variando a distância entre os orifícios na razão inversa do quadrado dos raios.

Como se vê, abrindo a torneira e dando movimento ao tubo horizontal, consegue-se a rega do terreno com o líquido altamente adubante do depósito. Se todo o círculo em volta dos depósitos fosse regado num ano, e em seguida fosse lavrado a sementeado, no ano seguinte tinha que permanecer em repouso, por ser impossível e prejudicial dar as regas por cima das searas. Por isso, está tudo calculado de modo a que, em cada ano, é apenas regada a metade do terreno circular⁵², enquanto na outra metade se desenvolvem as searas. Como a maior parte da superfície sólida de Marte é plana, foi montado nas vastíssimas campinas que demoram em volta das grandes cidades, mas à conveniente distância por causa da salubridade pública, um considerável número de depósitos com destino à adubação circular dos terrenos que os circundam. Os círculos do mesmo grupo de depó-

52 A fim de evitar o estar a fazer estas incómodas regas todos os dias, as dimensões dos depósitos foram calculadas por forma a estes ficarem cheios no fim de trinta e dois dias de Marte, pouco mais ou menos. Para se poder verificar a altura do líquido que contém, possuem por fora um tubo de cristal graduado, que comunica inferiormente com o líquido do depósito, possuindo este, além disso, um aparelho elétrico que automaticamente faz vibrar um sino de alarme quando está cheio, procedendo-se logo à distribuição do ubérrimo líquido adubante pelos terrenos. Ora, como o ano de Marte corresponde a uns 668,87 dias do mesmo Marte, segue-se que cada depósito se enche (em média, por ano) umas vinte e uma vezes, sendo, portanto, com o líquido total de cada depósito, regado de cada vez um setor circular de uns 8,6°, pouco mais ou menos. O deslocamento do tubo de rega é feito, quase sempre, por meio de cavalos habilmente adestrados neste serviço, limitando-se os dirigentes marcianos a fiscalizar de longe o malcheiroso, mas utilíssimo serviço.

Com este engenhoso processo de adubação das terras, conseguem os marcianos aproveitar por completo os detritos da sua alimentação que, regressando ao vastíssimo cadinho do solo, de malcheirosos e imundos que eram, se transformam em aromáticos, nutritivos e apetecíveis alimentos. [N.A.]

sitos são, no geral, do mesmo raio, tangenciando-se entre si. Daqui resulta que demoram, entre os círculos que são regados, uns pequenos espaços, com a forma de triângulos de lados circulares côncavos, os quais não são regados. O inconveniente é insignificante, ou nulo, por três razões. Em primeiro lugar, porque a superfície de cada triângulo curvilíneo é muito pequena, regulando apenas pela vigésima parte da superfície de um dos círculos. Em segundo lugar, o terreno não é desperdiçado para a agricultura, pois nele há pomares de árvores frutíferas a cuja sombra, durante os dias quentes do verão e outono, os Marcianos que dirigem os trabalhos e suas esposas se abrigam dos raios do Sol. E, em terceiro lugar, porque é nestes terrenos que são deitados os detritos sólidos que foram apurados nos crivos dos primeiros depósitos e bem assim todo o lixo das cidades.

Para retirar este lixo do interior das vilas e cidades, há linhas férreas subterrâneas em determinadas ruas, havendo por cima, em pontos intervalados, claraboias que se conservam abertas desde a meia-noite às nove horas seguintes, fechando automaticamente a esta última hora e tornando a abrir à meia-noite. Por debaixo de cada claraboia, enquanto está aberta, encontra-se um espaçoso vagão, também aberto, dentro do qual cai o lixo; mas se, por um acaso raríssimo, se enche antes das nove horas, logo automaticamente é fechada a respetiva claraboia. É por estas claraboias pois que é deitado, nos vagões de transporte, todo o lixo das casas e das ruas⁵³, o qual os moradores dos prédios vizinhos conduzem dentro de caixas dispostas em pequenos carrinhos de mão.

Às nove horas em ponto, estando já fechadas as claraboias, todos os vagões, movidos automaticamente pela eletricidade, se dirigem⁵⁴ sobre as suas respetivas linhas férreas para os pequenos terrenos triangulares a que anteriormente me referi, e onde o lixo fica junto com os detritos sólidos apurados pelos crivos dos primeiros depósitos. Os próprios elefantes, servindo-se de pás com uma disposição engenhosa nos cabos, e de modo

53 A limpeza das ruas é feita pelos respetivos moradores. Têm pouco que fazer, visto o piso ou estrado daquelas ser fabricado duma massa muito resistente e algo elástica que dura quase eternidades, ou coisa parecida. [N.A.]

54 Assim que os vagões com o lixo saem dos túneis, uns potentes ventiladores elétricos renovam por completo a atmosfera daqueles. [N.A.]

a comodamente delas se poderem servir com a tromba, são eles, e só eles⁵⁵ que enchem os carros de distribuição com esse lixo e que o espalham pelos terrenos que oito dias antes foram regados com o líquido dos depósitos. Depois de espalhado o lixo, procede-se imediatamente ao serviço de lavar a terra. Embora os elefantes façam todo o trabalho, ou quase todo, no entanto, os marcianos fiscalizam[-nos] com grande solicitude e, quando é necessário, corrigem-nos, mas com maneiras afáveis e por modo a não melindrar os inteligentes e sensíveis elefantes.

O serviço da lavagem da roupa, quase tão incómodo e aborrecido como o anterior, é também feito automaticamente, em grandes lavandarias movidas pela eletricidade. A louça, copos e a bateria das cozinhas públicas, em cuja fabricação entra o alumínio e outros metais não oxidáveis, é tudo lavado em ponto grande e com o mínimo trabalho para os encarregados.

Os serviços públicos dividem-se em gerais e especiais. Nos primeiros, trabalham todos os cidadãos, inclusive os que têm a seu cargo algum serviço especial, quando são urgentes. Nos serviços especiais, apenas trabalham os que têm o respetivo curso.

Cada serviço geral é executado seguidamente durante quatro anos de Marte, variando-se de serviço no fim deste prazo. Por este modo, todos os serviços públicos gerais passam pelas mãos de todos os cidadãos, sem exclusão dos que têm curso especial. Os serviços especiais é que unicamente são exercidos pelos cidadãos e cidadãs que possuem qualquer curso especial, mas só desempenham esses serviços depois de terem atingido a idade de sessenta e quatro anos, demorando-se neles por espaço de dezasseis anos e regressando a desempenhar serviços gerais durante outros dezasseis anos, podendo, no fim deste prazo, regressar ao serviço especial que desempenharam.

Enquanto aos serviços do Congresso e dos Senados Municipais, são exercidos pelos cidadãos e suas esposas, com ou sem curso especial, em virtude de eleição pública livre, mas somente depois de terem atingido também a idade de sessenta e quatro anos, pelo menos. Demoram-se nes-

55 Peço perdão aos meus hipotéticos leitores da Terra por me ter demorado um pouco mais na descrição destes serviços sujos e aborrecidos, mas faço-o para mostrar que, mesmo eles, são executados sem grande trabalho para os marcianos e esposas. [N.A.]

te serviço durante dezasseis anos, regressando a desempenhar serviços gerais, e só podendo tornar a ser eleitos ou a desempenhar outro serviço especial, depois de ter decorrido um prazo de dezasseis anos, pelo menos.

6. Vestuário dos marcianos e marcianas – São simples, cómodos e higiénicos, sem prejuízo da sua aprazível elegância, deixando transparecer as formas airosas e estatuárias dos que os envergam. As cores variadas, e a gosto de quem usa os vestuários, são mais vivas na mocidade e menos vivas nas idades avançadas. À sombra, andam quase sempre em cabelo; ao sol, usam de preferência largos e cómodos chapéus de palha, sendo os das mulheres iguais aos dos homens. O luto de esposo, ou de esposa, é o único que há, visto os outros parentescos desaparecerem nos internatos. Dura apenas meio ano de Marte, podendo a pessoa enlutada contrair novo matrimónio no fim do luto. Atualmente, porém, à parte qualquer acidente imprevisto, muito raro, unicamente se morre de velhice que, como regra geral, vai até aos 120 anos de Marte.⁵⁶

Antigamente, as mulheres usavam os cabelos com todo o seu comprimento, enrolando-os em trouxa sobre a cabeça. Isto tinha o detestável inconveniente de nunca os poderem lavar e enxugar bem, arrefecendo muito a cabeça, quando os lavavam. Usam agora o corte dos cabelos à maestro, amarrando-os em bandós, o que lhes faz realçar a deslumbrante beleza; e, quando lavam aqueles, enxugam-nos rapidamente, sem arrefecer a cabeça, por meio de ventiladores elétricos de ar quente. Devido à sua natureza divinamente saudável, ao seu excessivo asseio, à alimentação simples, higiénica e quase sempre aromática, as belas Marcianas exalam do seu flexível e airoso corpo um aroma que agrada, sem terem a necessidade de recorrer a quaisquer cosméticos odoríferos, como é usual entre as damas galantes da Terra.

Antes da grande revolução social, viam-se muitos asnos do sexo masculino e muitas vaidosas do sexo feminino com adereços de ouro e pedras preciosas nos braços, dedos, orelhas, pescoço e cabelo. Presen-

⁵⁶ Para evitar os casamentos de irmãos com irmãs, os noivos devem pertencer a internatos diferentes. [N.A.]

temente as próprias Marcianas usam apenas: o ouro dos seus nobres, lídimos e poéticos sentimentos e dos seus louros, brilhantes e opulentos cabelos, flutuando ao doce afago dos zéfiros, em vagas refulgentes, qual doce auréola de luz engrinaldando a augusta fronte e as rosadas faces duma frescura e transparência divinais; os rubis dos seus nacarados e purpurinos lábios, que se abrem quais as pétalas da rosa, onde os castos amores brincam venturosos as pérolas dos seus dentes de neve, que se conservam firmes até à morte; e os diamantes dos seus grandes e formosos olhos da cor do céu que, encimados por longas sobranceiras de fios de ouro, e, abertos em forma de amêndoa, refulgem duma luz pura e brilhante, mas serena, doce, profunda e casta, que parece provir das etéreas e olímpicas regiões dum éden imaculado. O ouro metálico e todos os outros metais de grande apreço e valor, e bem assim as pedras preciosas, encontram-se apenas nos museus e nos instrumentos científicos de precisão, que devem ser e são para uso de todos.

7. Diversões Prediletas dos Marcianos e Marcianas – Nos dias de trabalho, com exceção do último, há durante a noite, mas unicamente até à meia-noite em ponto, variadíssimas diversões a que concorrem Marcianos e Marcianas, e bem assim as crianças dos internatos, com sincero e natural interesse, mas moderado e comedido, muitos ficando, entretanto, em casa a cuidar dos filhos ainda de mama, ou a ler, escrever e trabalhar. Alguns vão para os observatórios astronómicos ver os astros pelo grande equatorial e outros telescópios, sendo esta a minha diversão favorita e a da minha adorável Inídia.

O maior número vai para os concertos musicais e de canto nos diferentes teatros, substituindo-se os músicos e cantores dos dois sexos, pois homens e mulheres, todos sem exceção, sabem música, tocando um ou mais instrumentos e cantando com subido brilho e gosto. Outros vão passar a noite para casa das pessoas amigas, onde, como regra geral, também se faz música e canto. Finalmente, há ainda alguns que vão para os animatógrafos, onde são reproduzidos os factos mais notáveis da história de Marte desde os tempos mais remotos, bem como as pers-

petivas dos monumentos mais célebres e dos panoramas mais pitorescos e grandiosos, não havendo um único assunto que não seja conducente à elevação moral⁵⁷ ou não promova alto interesse benéfico, etc..

Nos dias de descanso⁵⁸ – que têm lugar no fim de sete dias seguidos de trabalho, os marcianos com as suas afetuosas esposas, e bem assim as crianças dos internatos com o indispensável pessoal, vão em animadíssimos grupos, a pé ou nos inúmeros caminhos-de-ferro elétricos, passear pelos campos, jardins públicos e matas seculares, levando os competentes farnéis, algum pequeno trabalho de mãos para as crianças dos internatos⁵⁹, máquinas fotográficas, apetrechos de pintura, livros, alguns instrumentos musicais portáteis, etc..

Chegados ao ponto de destino, sentam-se em numerosos grupos com as crianças dos internatos à sombra do arvoredado, começando logo algum fatinho ou brinquedo para aquelas, passeiam, fotografam, desenhavam, pintam, jogam o ténis e outros jogos higiénicos, tocam, cantam e dançam com as crianças. Outros grupos vão passear pelos canais em barcos à vela ou a vapor, aproveitando quase sempre o ensejo de verificar, em animadas regatas, quais as várias condições em que são preferíveis as linhas de água elípticas, circulares e parabólicas⁶⁰. Muitos vão em aeronaves passear pelos arredores ou por longínquas regiões, sendo o passeio

57 Nos animatógrafos que há na Terra, em vez de se inculcirem elevados princípios de moral, promove-se, como regra geral, a desmoralização. [N.T.]

58 Conforme disse anteriormente, todos os serviços, e portanto também os permanentes, tais como os dos caminhos-de-ferro, internatos, cozinhas públicas, limpeza das povoações e outros, passam, com intervalos de tempo regulares, pelas mãos de todos os cidadãos e cidadãs, por modo a haver justa e equitativa distribuição nesses serviços e, paralelamente, no descanso e no gozo das diversões. [N.A.]

59 Para todas as diversões, quer de dia quer de noite, homens e mulheres levam sempre consigo com que fazer fatinhos ou brinquedos para as crianças dos internatos, trabalhando neles igualmente quando vão nos comboios. [N.A.]

60 Como se vê, em Marte, são já de um emprego geral as curvas elípticas, circulares e parabólicas para linhas de água dos navios de vela e dos navios a vapor. Conforme dizemos em rápido estudo deste assunto nos *Anais do Clube Militar e Naval* de abril, maio e junho de 1921, o cálculo racional e ao mesmo tempo prático destas linhas de água era desconhecido na Terra antes do mês de outubro de 1920, data em que concluímos o difícil e enfadonho trabalho de resolver este tão importante e fundamental assunto para a navegação, especialmente para a de vela. [N.T.]

favorito pelo ar o das selvosas ilhas que servem de grandes parques para os animais não domesticáveis. Alguns há ainda que aproveitam o dia de descanso para verem os museus e monumentos notáveis, etc., etc., ou para lerem, estudarem e trabalharem em casa ou nas bibliotecas.

Pelo pouco que deixo escrito, se conclui que a vida neste delicioso planeta Marte passa em animados passeios, estudos e trabalhos úteis e agradáveis, sendo perene a felicidade de todos.

Epílogo e Despedida final

Não é demais insistir, como aliás se depreende do modestíssimo relato que acabo de fazer a respeito do ubérrimo planeta onde com tanto carinho fui recebido e agasalhado, em que o estado atual de permanente paz e aprazível ventura se deve à aprovação das quatro memoráveis teses de Constantínio. Por isso, o dia em que foram votadas essas quatro teses é, nos seus centenários, festejado em todo o planeta Marte com grande entusiasmo, subida pompa e mesmo ostentação. Na última comemoração, chegaram os marcianos a erguer, no mais elevado outeiro que demora entre os trópicos, um poste de alumínio com quinhentos metros de altura, destinado à radiotelegrafia, soltando para o espaço infinito, em ondas etéreas, o nome “Constantínio”, na esperança de que estas chegassem à Terra e a Júpiter. Nessa mesma comemoração, dispuseram num vasto terreno próximo do equador, com mais de vinte quilômetros de comprimento e cinco de largo, grande número de focos elétricos, com rigor e grande exatidão formando o nome do imortal reformador social. Estes focos foram conservados acesos durante muitas noites. É possível que alguns astrónomos da Terra os tenham visto e chegassem a fazer a leitura do nome.

Muitas e muitas páginas, eu desejava escrever a respeito deste feliz planeta e dos seus beneméritos e bondosos habitantes; mas a gravura das

palavras nas chapas metálicas é muito difícil e, sendo cinquenta o número dos exemplares, pode imaginar-se a quanto monta um tal trabalho! Por isso termino aqui esta minha rápida descrição de Marte.

De novo vos digo adeus, Povos da Terra! Não vos deixei por ingratidão, mas por me sentir indignado e ao mesmo tempo enojado de tanta miséria moral, de tanta ambição insofrida, de tanto ódio, tanta inveja, tanto rancor, tanta maldade e tanto orgulho e vaidade, por um lado, e de tanta sofreguidão, subserviência, baixeza e idiotice pelo outro. Com este meu eterno adeus vão os meus sinceros e calorosos votos para que, em um dia de bom senso e são critério, imiteis os Marcianos, estabelecendo uma única língua e uma única administração-geral em toda a Terra, e transformando todas as raças ou, pelo menos, a branca e a amarela em uma só. Conseguida que seja a execução das três teses anteriores, selecionai e limitai o número dos casamentos procriadores às faculdades produtivas da Terra. Conjuntamente com esse imprescindível limite e rigorosa seleção, sucederá que homens e mulheres, tanto quanto possível, serão todos entre si respetivamente iguais nos esplendorosos dotes do corpo e nos benéficos, sublimes e irradiantes dotes duma alma carinhosa, pura, tolerante, afável e nobre!

Então, e só então, podereis gravar, em letras de ouro, nos vossos monumentos e ostentar nos vossos códigos, as três mágicas palavras **Liberdade, Fraternidade e Igualdade**, e erguer, nas praças públicas, estátuas simbólicas que as representem de braço dado com a deslumbrante e apetecível **Felicidade!**

Adeus, adeus, Povos da Terra! Este é o último adeus que deste planeta Marte vos envio com muito saudar e um imenso e afetuoso abraço!

Marte, aos 50 dias do ano 100 000⁶¹ da Era de Constantínio.

Henri Montgolfier

Nota – A quem quer que seja que na Terra encontre um exemplar deste livro, peço que não publique cópia ou tradução sem primeiro ter entregue aquele no museu do Louvre, em Paris.

Henri Montgolfier

61 Os 100 000 anos de Marte correspondem a 188 082 da Terra. [N.A.]

Explicação final do tradutor

Quem, de ânimo leve, por alto e sem critério, fizer a leitura do presente livro, pode talvez pretender tirar a conclusão de que o curioso trabalho de Henri Montgolfier constitui uma indireta justificação da cruel, brutal e selvática tentativa socialista dos Bolchevistas da oprimida, esfomeada e infeliz Rússia. Mas quem fizer a leitura do útil e interessante livro com a devida perspicácia e ponderação, deve forçosamente chegar a uma conclusão diametralmente oposta.

Com efeito, o que é que claramente se deduz da *História Autêntica do Planeta Marte*, por Henri Montgolfier?

Deduz-se, clara e nitidamente, que é possível haver a *Moralidade dos Costumes*, a *Paz entre os Povos*, a boa *Harmonia e Amizade entre os Homens* e uma *Felicidade completa* ao lado da *Liberdade, Fraternidade e Igualdade*, quando, devido a sensatas reformas sociais, como as que foram aprovadas no célebre Congresso de Marte de há 188 082 anos, se consegue que todos os entes humanos sejam entre si iguais, física, moral e intelectualmente, ou quase, e possuam conjuntamente boa saúde, robustez e deslumbrante figura, a par de relevantes e superiores predicados de coração e alma.

Mas com os Russos dá-se alguma coisa que se possa comparar com o que se dá com os marcianos?

Por certo que não... Nada evidentemente se dá que os possa pôr em paralelo, visto entre os dois estados sociais haver um fundo abismo que

os separa e a mais completa e funda fundamental antítese. Em Marte, todos os entes humanos são entre si iguais, ou quase, física, psíquica e moralmente, vivendo na mais afetuosa e complacente fraternidade; na Rússia, ao lado de alguns milhares de lobos com rosto humano, servindo de pastores, há uns cem milhões de carneiros, também com rosto humano, que aqueles martirizam e devoram, como e quando lhes apetece. Em Marte, todos sabem ler, escrever, contar, trabalhar, raciocinar, tocar qualquer instrumento e cantar, sendo igualmente saudáveis, robustos e perfeitos de figura, e possuindo nobres, afetuosos e relevantes predicados de coração e alma. Na Rússia, a grande maioria dos seus habitantes é estúpida e ignorante, não sabendo, portanto, ler nem escrever, mal sabendo trabalhar e estando apenas acostumada a sofrer, padecer, gemer e, talvez, chorar, enquanto que a minoria, dominadora, brutal, selvagem e cruel, só sabe roubar, desmoralizar, fazer sofrer, torturar e por toda a parte derramar a assolação, a miséria, a fome e a morte.

Para mais, pelo que se tem visto na Rússia, governada diretamente pelo Bolchevismo, e pelo que se vê nos países indiretamente dirigidos ou influenciados pela nefanda, despótica e atrabiliária seita, os seus dirigentes e adeptos só sonham, só pensam e só cuidam em ser poderosos e ricos, sem despendem estudo persistente e trabalho honesto para o conseguirem, recorrendo apenas a processos torpes, vis, despóticos, repelentes e cruéis. Quando algum chefe de bando clama contra os ricos, chamando-lhes detentores da fortuna pública, não é porque lhe repugne e ache imoral e socialmente inadmissível o haver milionários ao lado de miseráveis que nada possuem, mas por desespero e por inveja de não ser ele, chefe de bando, que seja milionário. Logo que consegue sê-lo, nunca mais fala nos detentores da fortuna pública! Ora, em Marte, nada disso se passa e se dá, segundo relata Henri Montgolfier. Todos os entes humanos são pobres, porque nada possuem em próprio, mas todos são riquíssimos, porque tudo usufruem em comum. Por isso, os perversos sentimentos, que transformam os bolchevistas em lobos cervais, tigres sanguinários e víboras rancorosas, são de todo desconhecidos em Marte.

É por isso também que, em pura verdade, se pode afirmar que, entre o Bolchevismo da Terra e o Socialismo humano e racional de Marte, medeia o abismo insondável que separa um estado antissocial, corrupto, nefasto e horrendo, apoiado no terror, sentimentos torpes, rancorosos e odientos, tripudiantes sobre a miséria e a ignorância, dum estado social honesto, sublime e divino mesmo, baseado na inteligência, ilustração e sentimentos nobres, generosos, afetuosos e altruístas e num bem-estar universal e completo.

Como se vê pois, e era bem desnecessário que o demonstrássemos, ninguém com critério e boa-fé pode estabelecer qualquer paralelo entre dois estados sociais tão diametralmente opostos.

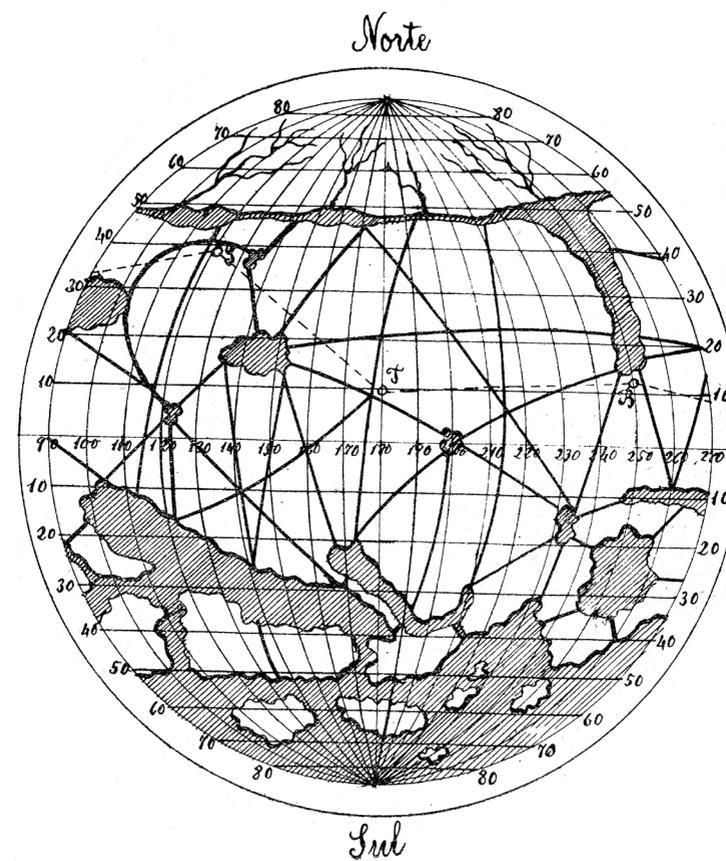
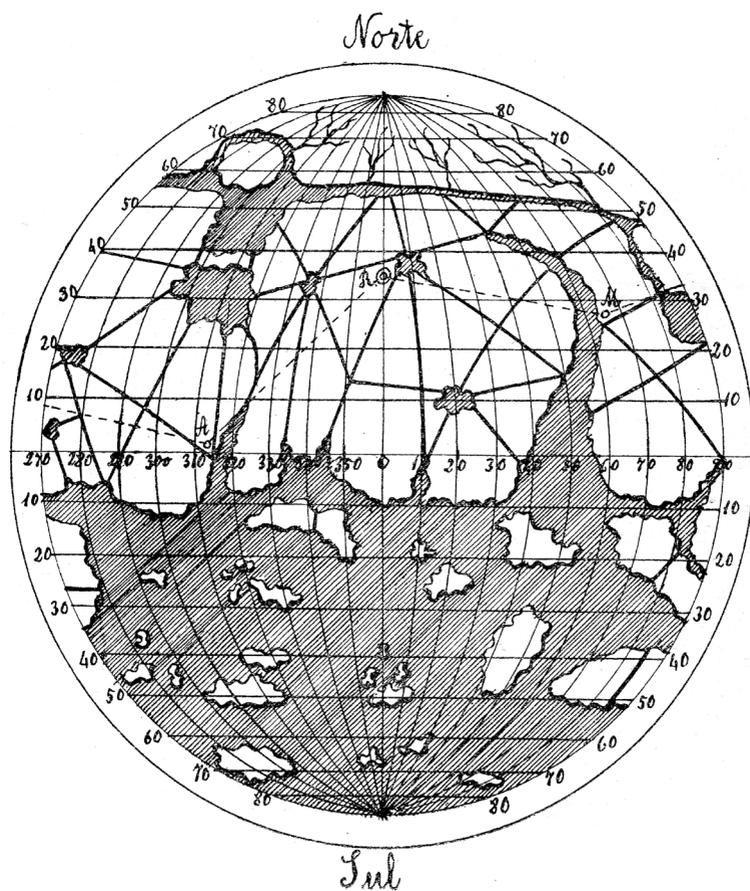
Parade, 1 de outubro de 1921.

José Nunes da Mata

Nota – Às pessoas que lerem o substancial trabalho de Montgolfier pedimos que relevem a imperfeição das vírgulas empregadas na tradução, e que mais se parecem meros pontos e pequenos borrões do que vírgulas. Protestámos para a tipografia, e insistimos pela substituição, mas foi-nos respondido ser esta impossível. Este facto obriga-nos a acrescentar que, mesmo a respeito de vírgulas, a civilização de Marte é superior à nossa, visto que, no original mandado do planeta nosso vizinho, apesar de gravado em folhas metálicas, as vírgulas eram perceptíveis, elegantes e distinguam-se bem dos pontos.

O tradutor

Planisfério do Planeta Marte



A parte não tracejada representa a parte sólida; a tracejada a parte líquida. Os traços cheios representam os canais principais, e as curvas sinuosas os oito rios mais caudalosos. As seis cidades principais vão indicadas pela sua letra inicial, e a linha a pontos que as liga denota a linha férrea que segui, quando as visitei.



CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E ENSINO SUPERIOR



Projeto financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-016686 (PTDC/PCP/ELT/15678/2014).



<http://up.pt/press>



Projeto financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680.